

Grazielle Hélen Ferreira Brandão

VALÊNCIA DOS VERBOS DE DERRAMAMENTO EM PORTUGUÊS

Belo Horizonte

2012

Grazielle Hélien Ferreira Brandão

VALÊNCIA DOS VERBOS DE DERRAMAMENTO EM PORTUGUÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Língua em Uso

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabeth Fonseca Saraiva

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2012

*À minha querida mãe, Kátia, exemplo de
força e coragem para mim, e ao meu
esposo, Diéferson, incentivador de todos
os meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, detentor de todo o conhecimento, quem me capacitou para a realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Maria Elizabeth Fonseca Saraiva, pelas incansáveis discussões teóricas e sobre a análise dos dados, pelas dedicadas leituras e releituras dos meus textos e pelas reuniões nos finais de semana.

Ao Prof. Dr. Mário Alberto Perini, por suas aulas na pós-graduação, imprescindíveis para a elaboração deste trabalho e pelas vezes que me recebeu em seu gabinete. A ele agradeço, também, pelas valiosas colocações por ocasião do exame de meu Projeto Definitivo.

À CAPES, por ter arcado com minhas despesas por meio da bolsa de pesquisa, durante o tempo em que precisei.

À Profa. Dra. Ana Cristina Fricke Matte, pela oportunidade de ter trabalhado como tutora na disciplina online *Oficina de Leitura e Produção de Textos*.

À minha família e amigos, responsáveis, cada um em certa medida, pela pessoa que me tornei.

À minha mãe, que me ensinou a ser humilde sem, no entanto, pensar que sou pior ou menos capaz do que os outros.

Às minhas irmãs, Camila e Gilmara, cúmplices em tantas histórias.

Ao meu esposo, Diéferson, que acreditou em tudo isso muito antes de mim mesma.

Ao meu “paidrasto”, João Novaes, pelas palavras de incentivo e pelos queijos e biscoitos de polvilho, e ao meu cunhado, André, pelas lições de política.

A todos os amigos, em especial Jose, Mary e Rê, por me escutarem por tantos anos, nos momentos bons e ruins. Agradeço, também, aos amigos de Uberaba, que me hospedaram durante o III SELL.

A toda a família Brandão, que me recebeu com tanto carinho.

À Sofia, Téo e Luck, por, sem terem ideia do que sejam títulos, cargos ou carreiras, fazerem-me sentir tão importante.

Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; Para que nenhuma carne se glorie perante ele.

I Coríntios 1:27-29

RESUMO

A presente pesquisa, baseada, essencialmente, em Perini (2008), procurou descrever a valência dos verbos *derramar*, *entornar*, *escoar*, *escorrer*, *vazar* e *verter* do português, os quais denominamos verbos de derramamento. Trata-se de um trabalho de descrição e sistematização de dados, no qual são descritas as estruturas formais e semânticas das construções em que os verbos de derramamento ocorrem, a fim de identificar suas diáteses e, conseqüentemente, sua valência. Tal estudo é importante na medida em que permite entender o comportamento gramatical dos verbos, contribuindo para a elaboração de teorias linguísticas validadas empiricamente. Para isso, foi preciso, inicialmente, definir termos fundamentais: *construção*, *diátese* e *valência*. Assim, dissemos que construções são estruturas que relacionam informação de natureza sintática e semântica, isto é, simbólicas; diáteses são construções que são capazes de subclassificar os verbos da língua e a valência de um verbo corresponde ao conjunto das diáteses em que este pode ocorrer. Definidos tais termos, realizamos a revisão de alguns trabalhos sobre o tema em estudo e observamos que, ao tratarem da valência verbal, os gramáticos e dicionaristas analisados apresentaram estudos muito limitados e os linguistas, apesar de terem contribuído para o estudo das valências, divergem todos, em certa medida, da proposta deste trabalho. Como nossa pesquisa tem objetivo essencialmente descritivo, sua metodologia se baseia no levantamento e análise de dados de um amplo *corpus* oral e escrito da língua portuguesa, o qual é constituído de dicionários, revistas, jornais, *sites*, *blogs*, fóruns de discussão e dados da língua espontânea, além de dados de introspecção, frutos da intuição do falante que pesquisa sua própria língua. Para a análise desses dados, foi preciso lançar mão da noção de papéis temáticos, fundamental na descrição semântica das construções. Vimos que sua definição e identificação ainda não é um consenso entre os linguistas, todavia procuramos definir aqueles que estiveram presentes nas construções de derramamento. Também foi necessário trabalharmos com a definição semântica dos verbos de derramamento, que justifica o fato de afirmarmos que eles pertencem a um grupo comum. Assim, dissemos que os verbos de derramamento são aqueles que, apesar de polissêmicos, em pelo menos uma ocorrência do português, possuem, simultaneamente, os seguintes traços definitórios: 1) Presença de uma substância de caráter fluido; 2) Deslocamento; 3) Acarretamento de mudança de forma. Procedendo à análise dos dados, chegamos ao total de doze diáteses que compõem a valência dos verbos de derramamento, sendo que cinco delas foram consideradas prototípicas, por ocorrerem com todos os seis verbos de derramamento em sua acepção básica. Além disso, foi detectado, em algumas

diáteses, o uso de uma expressão que codifica a Fonte para se referir, de fato, a um Tema, ou seja, o uso metonímico da Fonte pelo Tema. Ao final, também foi possível refletir sobre a hipótese levantada por Levin (1993) de que verbos semanticamente semelhantes tendem a ter a mesma valência, concluindo que esta não é direta, no entanto não pode ser totalmente descartada. Esperamos que a este trabalho traga contribuições para o estudo da valência verbal, possibilitando a elaboração ou revisão de teorias linguísticas compatíveis com a descrição apresentada.

Palavras-chave: Linguística Descritiva; Construções; Diáteses; Valência; Papéis Temáticos.

ABSTRACT

This research, essentially based on Perini (2008), sought after to describe the valence of verbs *pour*, *spill*, *leak*, *drip*, *leak* and *spill* from Portuguese language, which are called spilling verbs. This is about a description work and systematization of data, which are described in the formal structures and semantics of the constructions in which verbs spill occur, in order to identify their diathesis and so its valence. This study is important as it allows the grammatical behavior of verbs, contributing to the development of linguistic theories empirically validated. For this, we need to define key terms: *construction*, *diathesis* and *valence*. Thus, it was said that construction are the structures that relate information of a syntax and semantics, that is symbolic; diathesis are constructions that are able of subclass verbs of the language and the valence of a word corresponds to the set of diatheses in which this can occur. Since those terms were defined, we review some works on the studied subject and found that, when dealing with the verbal valence, grammarians and writer's dictionaries that were studied had very limited conclusions about this subject. On the other hand, the linguists, in spite of having contributed to the study of the valences, all of them differ in some way from the scope of this work. Since the target of our research is essentially descriptive, its methodology is based on survey and analysis of data from a large corpus of oral and written Portuguese language, which consists of dictionaries, magazines, newspapers, websites, blogs, discussion forums and spontaneous language data, and introspection data, fruit of the intuition of the speakers who researches their own language. In order to analyze these data, we need to resort to the notion of thematic roles, what is essential in the semantic description of the constructions. We have seen that the definition and identification is not yet a consensus among linguists, however, we tried to define those who were present at the construction of the spilling verbs. We also needed to work with the semantic definition of spilling verbs, what justifies the fact of them belong to the same group. Thus, we said that the pouring verbs are those that, although polysemic in at least one occurrence of Portuguese, have simultaneously the following characteristics: 1) The presence of a substance of fluid character; 2) Displacement; 3) Change of shape. Proceeding to the data analysis, we have got a total of twelve diathesis that make up the valence of spilling verbs, five of them were considered prototypical, because they occur with all the six spilling verbs in its meaning. In addition, it was also detected in some diathesis, the use of an expression that encodes the Source to refer to, in fact, a Theme, in that case, the use of metonymic source in the subject. At the end, it was also possible to

reflect on the Levin (1993) hypothesis that semantically similar verbs tend to have the same valence, concluding that this is not straightforward, however it can not be completely ruled out. We hope that this work bring contributions to the study of verbal valence, enabling the development or review of linguistic theories compatibles with this description.

Keywords: Descriptive Linguistics; Construction; Diathesis; Valencia; Thematic Roles.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ag	Agente
H	Corresponde ao Sintagma Nominal (SN) que, onde quer que esteja, redundantemente expressa o papel temático do sufixo pessoa-número (SPN) do verbo e/ou ao próprio sufixo.
GT	Gramática Tradicional
Pac	Paciente
Prep	Preposição
RCT	Relação Conceptual Temática
SN	Sintagma Nominal
SPREP	Sintagma Preposicional
SPN	Sufixo pessoa-número
Traj	Trajetória
V	Verbo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Estrutura Conceptual (mundo das ideias)

FIGURA 2 – Estrutura argumental (linguística)

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Recursos empregados na apresentação dos dados

QUADRO 2 – Valência dos Verbos de Derramamento

QUADRO 3 – Construções Inéditas e Construções Identificadas por Perini (2008)

QUADRO 4 – Verbos de Derramamento na *Construção Transitiva de Agente e Tema*

LISTA DE SÍMBOLOS

Ø Elemento não expresso sintaticamente

* Sentença não produtiva no português ou que teve seu significado original alterado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. DEFINIÇÕES	16
2.1 Construção	16
2.2 Diátese e Valência	19
3. REVISÃO DE ALGUNS TRABALHOS SOBRE O TEMA.....	21
3.1 Gramática Tradicional	21
3.1.1 <i>Maciel</i>	21
3.1.2 <i>Cunha e Cintra</i>	23
3.2 Dicionários.....	25
3.2.1 <i>Luft</i>	25
3.2.2 <i>Borba</i>	26
3.3 Linguistas.....	27
3.3.1 <i>Tesnière</i>	28
3.3.2 <i>Allerton</i>	29
3.3.3 <i>Goldberg</i>	31
3.3.4 <i>Levin</i>	33
4. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	36
4.1 Coleta dos dados	36
4.1.1 <i>Pesquisa qualitativa</i>	36
4.1.2 <i>Introspecção e corpus</i>	37
4.1.3 <i>Composição e apresentação do corpus</i>	38
4.2 Análise dos dados	39
4.2.1 <i>Fundamentação teórica para a descrição</i>	40
4.2.2 <i>Como descrever</i>	43
4.2.3 <i>O que constar nas diáteses</i>	45
4.2.4 <i>Expressões idiomáticas</i>	48

5. PAPÉIS TEMÁTICOS	50
5.1 Relações conceptuais e papéis temáticos	50
5.3 Problemas.....	53
5.4 Atribuição de papéis temáticos	55
5.5 Papéis temáticos presentes nas construções de derramamento.....	56
6. OS VERBOS DE DERRAMAMENTO.....	60
6.1 Definição semântica dos verbos de derramamento.....	60
6.2 Alguns verbos que ficaram de fora	63
6.3 Outras acepções dos verbos de derramamento	65
6.4 Polissemia e Valência Verbal	66
7. CONSTRUÇÕES DETECTADAS	70
8. VALÊNCIA DOS VERBOS DE DERRAMAMENTO.....	80
8.1 Diáteses dos verbos de derramamento	80
8.1.1 <i>Verbo derramar</i>	81
8.1.2 <i>Verbo entornar</i>	85
8.1.3 <i>Verbo escoar</i>	89
8.1.4 <i>Verbo escorrer</i>	93
8.1.5 <i>Verbo vazar</i>	97
8.1.6 <i>Verbo verter</i>	102
8.2 Valência	106
8.3 Análise dos resultados	109
9. CONCLUSÕES.....	117
REFERÊNCIAS DOS DADOS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125

1. INTRODUÇÃO

Procuramos, com esta pesquisa, descrever a valência de seis verbos do português, os quais denominamos verbos de derramamento: os verbos *derramar*, *entornar*, *escoar*, *escorrer*, *vazar* e *verter*. Para isso, tivemos como principal base teórica o trabalho de Perini (2008).

A motivação para este trabalho descritivo está na necessidade de haver, no estudo linguístico, como em qualquer área do conhecimento, um trabalho prévio de descrição e sistematização de dados que possibilite a elaboração de teorias consistentes, impedindo, assim, teorias baseadas em dados insuficientes e que têm pouca relação com a realidade da língua. Desse modo, este trabalho representa uma tentativa de contribuição ao apresentar a descrição formal e semântica das construções em que os verbos de derramamento ocorrem na língua portuguesa, identificando suas diáteses e, consequentemente, sua valência.

Para isso, inicialmente, realizamos uma revisão de parte da bibliografia existente sobre o assunto, a qual se mostrou relevante para esta pesquisa. Nessa revisão, apontamos algumas falhas que foram detectadas e evidenciamos conceitos importantes, os quais serviram de norte à pesquisa. No capítulo 2, definimos *construção*, *diátese* e *valência*, termos que identificam conceitos relevantes para esta pesquisa. No capítulo 3, discutimos os trabalhos sobre valência verbal de alguns dicionaristas, gramáticos e linguistas. Nesse capítulo, vimos as contribuições desses autores para o estudo da valência e apontamos lacunas e incoerências que encontramos em suas teorias. Em seguida, no capítulo 4, apresentamos a metodologia de pesquisa utilizada, explicitando os critérios levados em conta para a coleta e análise de dados. Nesse trabalho, foi necessário lançarmos mão de papéis temáticos para descrevermos semanticamente as construções: no capítulo 5 apresentamos algumas discussões acerca desse tema. Embora saibamos que não há consenso entre os linguistas sobre a identificação e definição dos papéis temáticos, apresentamos, nesse capítulo, uma proposta de definição para os papéis temáticos, além de uma lista composta por aqueles que ocorreram com os verbos de derramamento. Após isso, no capítulo 6, definimos semanticamente os verbos de derramamento, explicando por que podemos afirmar que pertencem a um mesmo grupo, considerando, é claro, a variabilidade de acepções que esses verbos possuem. Em seguida, no capítulo 7, listamos as construções da língua portuguesa que podem ocorrer com os verbos de derramamento. A identificação dessas construções se deu em virtude de uma pesquisa em textos orais e escritos do português em uso e, de posse desses dados, verificamos em quais construções tais verbos

ocorrem e em quais não ocorrem, ou seja, suas diáteses, descrevendo, assim, no capítulo 8, suas valências. Ainda nesse capítulo, procedemos a uma análise dos resultados a que chegamos com este estudo.

Esperamos que a presente pesquisa tenha contribuído para preencher, mesmo que em pequena escala, a lacuna existente no que concerne à descrição das valências verbais do português. Tal estudo nos permitiu compreender o comportamento gramatical dos verbos focalizados, já que, para descrever sua valência, analisamos tanto as estruturas sintáticas em que os verbos de derramamento ocorrem quanto os papéis temáticos de seus complementos. Em outros termos, analisamos as diáteses desses verbos, isto é, as construções (entendidas como unidades simbólicas) em que ocorrem e que os subclassificam.

2. DEFINIÇÕES

A Gramática Tradicional, como se sabe, na seção conhecida como Regência Verbal, comumente classifica os verbos em cinco categorias: *verbos intransitivos*, *transitivos diretos*, *transitivos indiretos*, *transitivos diretos e indiretos* e *verbos de ligação*¹. Em nossa pesquisa de valência verbal, ao invés de utilizarmos tais categorias tradicionais, fizemos um levantamento das construções do português em que os verbos de derramamento podem ocorrer, de forma a classificá-los de acordo com sua presença em determinada construção, mais especificamente de acordo com as diáteses que possuem. Para tal classificação, foi preciso utilizar, a todo o momento, os termos *construção*, *diátese* e *valência*, os quais definiremos a seguir.

2.1 Construção

Para descrevermos a valência dos verbos de derramamento, partimos da observação dos dados, isto é, de frases individuais da língua, como (1) *Artur quebrou o brinquedo*, (2) *Alice pulou a janela* e (3) *Mamãe cozinhou o feijão*. A partir de sentenças como essas, construímos representações esquemáticas, as quais, como veremos a seguir, representam um conjunto de orações. Vejamos:

(1) Artur quebrou o brinquedo.	}	Representação esquemática:		
H ² V SN				
Agente Paciente				
(2) Alice pulou a janela.	}	H V SN	Agente Paciente	
H V SN				
Agente Paciente				
(3) Mamãe cozinhou o feijão.	}	H V SN	Agente Paciente	
H V SN				
Agente Paciente				

¹ Veremos, a seguir, na seção 3.1, que tal classificação é insuficiente.

² Esta variável será explicada mais à frente.

Assim, como as frases da língua são em número ilimitado, para efeitos de descrição, frases como (1), (2) e (3) acima são representadas esquematicamente, tornando-se, assim, possível enumerá-las e descrevê-las. Chamaremos essas representações de *construções*.

Na descrição das construções, levaremos em conta, seguindo Perini (2008), sua estrutura formal e semântica. Assim, como vemos no exemplo (1) retomado a seguir, na primeira linha da descrição temos a representação da estrutura sintática da construção e, na segunda linha, temos aspectos de seu significado.

(1) Artur quebrou o brinquedo.

H	V	SN
Agente		Paciente

Para a descrição sintática, o sujeito será representado pela variável H, a qual foi introduzida por Perini (2008) e retomada em Perini (2010). A utilização dessa variável no lugar do SN se deve ao fato de que o sujeito possui, segundo Perini (2008, p.133), “propriedades particulares, em oposição aos demais SNs da oração”. O sujeito além de ocorrer na posição pré-verbal, pode vir após o verbo de uma frase, ou pode até mesmo não ocorrer em algumas orações, sendo, portanto, representado independentemente de sua posição na oração. Assim, para exprimir esses fatos, Perini (2008, p.132) propõe a variável H, a qual, segundo ele, “[...] deve ser lida como **sufixo de pessoa-número e/ou SN rotulado como ‘sujeito’ pela regra de identificação [...]**”, a qual transcrevemos a seguir:

Regra de identificação do sujeito

Condição prévia: O sujeito é um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicados pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

- (i) Se na oração só houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito.
- (ii) Se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo.
- (iii) Mas se o SN em questão for um clítico (me, te, nos, se), ele não conta, e o sujeito é o SN precedente³

(PERINI, 2008, p.108)

³ Essas regras não funcionam para períodos compostos e de redução anafórica.

Logo, concluímos que o H corresponde ao Sintagma Nominal (SN) que, onde quer que esteja, redundantemente expressa o papel temático do sufixo pessoa-número (SPN) do verbo, e/ou ao próprio SPN, já que há casos em que o SN não ocorre. Vejamos:

Artur quebrou o brinquedo.			O brinquedo, Artur quebrou.			Quebrei o brinquedo.	
H	V-SPN	SN	SN	H	V-SPN	V-SPN	SN
Agente	Agente	Paciente	Paciente	Agente	Agente	Agente	Paciente

Como verificamos nos exemplos acima, o sujeito “Artur”, representado pela variável H, possui o mesmo papel temático do SPN do verbo “quebrou” e, sendo tal SN omitido, o H corresponde ao próprio SPN. Dessa forma, para efeitos de descrição, o H deve ser entendido como “o sujeito, ou o sufixo de pessoa-número do verbo, ou os dois” (PERINI, 2010, p. 55).

Os demais termos da oração, entretanto, são representados pela classe a que pertencem e pela sua posição na oração. Assim, o sintagma nominal (SN) e o sintagma preposicionado (Sprep), por não possuírem, de acordo com Perini (2008), uma relação especial com outro elemento da oração (como o sujeito tem com o verbo), não necessitam que a função sintática, como por exemplo a de objeto direto, seja expressa em sua descrição, sendo definidos como sintagmas em determinada posição.

Em relação aos sintagmas preposicionados, estes poderão ocorrer nas construções de duas formas diferentes, dependendo se são constituídos de um ou de mais tipos de preposição. Assim, as preposições que os constituem virão especificadas, na descrição das construções quando o sintagma puder ocorrer por apenas um tipo de preposição, como na construção H V de SN, que representa frases como *Eu gosto de você*. Caso, ao contrário, exista mais de um tipo de preposição capaz de compor o Sprep, esta não virá especificada, como em H V prepSN, que representa frases como *A água da chuva escorreu da/desde a/ para a/até a/em direção à rua Flor de Orquídea*.⁴

Além de evidenciar a estrutura formal da frase, uma construção representa aspectos de sua composição semântica, o que, na abordagem aqui adotada, se dá por meio da explicitação dos papéis temáticos dos constituintes, na segunda linha. Voltando ao exemplo (1), temos que “Artur” desencadeou o evento que ocasionou a quebra do brinquedo (Agente) e que “o brinquedo” mudou de estado, tornou-se quebrado (Paciente). Vejamos:

⁴ A opção por esta descrição sintática será retomada no capítulo 7.

(1) Artur quebrou o brinquedo.

H	V	SN
Agente		Paciente

Essa descrição semântica poderia se dar de outra forma, por exemplo, por meio da explicitação de traços de significados mais abstratos, como em:

(1.a) Artur quebrou o brinquedo.

H	V	SN
[+ animado]	[- animado]	
[+ humano]	[- humano]	

No entanto, como veremos no capítulo 5, no qual falaremos sobre os Papéis Temáticos, essa descrição não é a que melhor atende aos nossos objetivos descritivos.

Para finalizar, verificamos que as construções são estruturas que relacionam informação de natureza sintática (primeira linha da descrição) e de natureza semântica (segunda linha da descrição). Essa associação entre forma e significado faz das construções unidades simbólicas⁵.

2.2 Diátese e Valência

Diáteses são construções (descritas em termos simbólicos) que possuem potencial subclassificatório, isto é, que são capazes de subclassificar os verbos da língua. Para que entendamos melhor esse conceito, vejamos os exemplos a seguir:

(4) O pai assustou o filho. [Diátese Transitiva]⁶

H	V	SN
Agente		Paciente

(5) O filho assustou. [Diátese Ergativa]⁷

H	V
Paciente	

⁵ Nas seções 3.3.2, quando discutirmos o trabalho de Allerton (1982), voltaremos a essa explicação.

⁶ A Diátese Transitiva, muito frequente no português, possui um Sujeito Agente e um SN Paciente. Veremos as definições das diáteses no capítulo 7.

⁷ A diátese ergativa se caracteriza por atribuir ao sujeito o papel temático de Paciente.

(6) O pai castigou o filho. [Diátese Transitiva]

H V SN

Agente Paciente

(7) *O filho castigou. *[Diátese Ergativa]

H V

Paciente

As sentenças acima nos mostram que o verbo *assustar* ocorre em pelo menos duas diáteses do português: a Transitiva (4) e a Ergativa (5), da mesma forma que o verbo *engordar* e outros. O verbo *castigar*, por outro lado, ocorre na diátese transitiva (6), mas não na ergativa (7). Não podemos atribuir a “o filho” o papel temático Paciente, sob pena de inaceitabilidade. Logo, os verbos *assustar* e *castigar* estão em subclasses verbais distintas.

É bom deixar claro que nem toda construção é uma diátese, pois nem todas têm esse potencial subclassificatório, como, por exemplo, as negativas, as interrogativas e as topicalizadas. Todos os verbos da língua podem ocorrer nessas construções, logo elas não os subclassificam.

Por fim, a *valência* de um verbo corresponde às diáteses em que este pode ocorrer. Por exemplo, os verbos *assustar* e *castigar*, dados como exemplos acima, têm valências diferentes, pois o primeiro ocorre nas diáteses Transitiva e Ergativa e o segundo na Transitiva, mas não na Ergativa. Dessa forma, definindo as diáteses dos verbos, torna-se possível descrever a sua valência.

Este capítulo procurou introduzir a definição de *construções*, *diáteses* e *valência*, termos-chaves que serão a todo o momento retomados ao longo desta pesquisa. Passemos, a seguir, ao próximo capítulo, no qual apresentaremos a revisão de alguns estudos sobre valência verbal.

3. REVISÃO DE ALGUNS TRABALHOS SOBRE O TEMA

Neste capítulo, apresentamos uma breve análise de alguns trabalhos que tratam da valência verbal. Partindo das gramáticas tradicionais, reafirmamos suas conhecidas limitações. Em seguida, pesquisamos dois dicionários destinados ao estudo dos verbos e percebemos que, apesar de se constituírem como fontes de consulta válidas, por possuírem uma base de dados muito ampla, apresentam alguns dos problemas das gramáticas tradicionais. Por fim, analisamos os trabalhos de alguns linguistas que se dedicaram ao estudo das valências e concluímos que, apesar de cada um, à sua maneira, ter contribuído para o estudo das valências, todos em certa medida divergem da proposta desta pesquisa.

3.1 Gramática Tradicional

A Gramática Tradicional (GT), embora seja o ponto de partida de muitas análises, como desta também, apresenta conhecidas deficiências, sendo que a principal delas é desconsiderar a língua efetivamente utilizada pelos falantes do português. A preocupação de normatizar, muitas vezes, impede que se realize um estudo coerente da língua em uso.

Tratamos, a seguir, dos pontos falhos da GT relativos ao tópico da regência verbal, isto é, à subclassificação dos verbos conforme suas valências, tomando como referência duas gramáticas tradicionais – a de Maciel (1931) e a de Cunha e Cintra (2001), que, por serem gramáticos de épocas diferentes, ilustram a persistência dos mesmos problemas. Desde já adiantamos que o sistema de classificação apresentado nessas obras subestima a complexidade da língua. Em geral, elas subdividem os verbos em cinco categorias apenas: *verbos de ligação*, *intransitivos*, *transitivos diretos*, *transitivos indiretos* e *transitivos diretos e indiretos*. Entretanto, como se sabe, tal classificação é insuficiente para dar conta de descrever adequadamente os dados. A seguir, destacaremos alguns pontos neste sentido.

3.1.1 Maciel

A gramática descritiva de Maximino Maciel (1931) já apresentava uma proposta que se aproxima muito à da subclassificação tradicional que é ensinada hoje nas escolas, a que divide os verbos nas cinco classes vistas acima. A terminologia de Maciel, contudo, era outra, conforme se observa também em várias outras gramáticas anteriores à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Para ele, os verbos podem ser de *predicação completa*, cuja

significação não exige nenhum objeto ou adjunto predicativo (conhecidos como intransitivos) ou de *predicação incompleta*, cuja significação exige objeto ou adjunto predicativo (transitivos).

Ainda para Maciel, os verbos de *predicação incompleta* dividem-se em: *objectivo directo*, que tem a significação “transmitida” a um objeto sem preposição; *objectivo indirecto*, que tem a significação “transmitida” por meio de uma preposição ou *adjuntivo*, os quais não exigem objeto, mas sim um adjunto predicativo. Maciel fala também de verbos de *predicação dupla*, que, segundo ele, exigem ao mesmo tempo um objeto direto e outro indireto ou um objeto direto e um adjunto predicativo.

Ao longo de sua explicação, Maciel, além de não trazer frases do português que ilustrem as situações que descreve, faz afirmações a respeito da valência de alguns verbos que não são empiricamente comprovadas. O autor diz que alguns verbos exigem ao mesmo tempo dois objetos e dá como exemplos os verbos *dar*, *atribuir*, *contar*, *unir*, *comprar* e *tirar*. Entretanto, podemos constatar, a partir das frases a seguir, que essa exigência não é completamente verdadeira. É perfeitamente possível encontrar, no português, frases em que tais verbos (parece-nos que com exceção do *atribuir*) soam perfeitamente bem ao lado apenas de um objeto, os chamados objetos diretos, não sendo necessária a presença de outro complemento:

- (8) Ela *deu* todos os brinquedos antigos.
- (9) Seu irmão sempre *conta* piadas engraçadas.
- (10) O acidente *uniu* ainda mais a família.
- (11) Maria *comprou* sapatos novos.
- (12) Assim que chego, *tiro* os sapatos.

O problema relativo à classificação dos verbos, que não dá conta de descrever os dados persiste hoje, assim como as incoerentes definições, o que pode ser comprovado em Cunha e Cintra (2001), que repetem algumas falhas de quase cem anos atrás, como veremos a seguir.

3.1.2 Cunha e Cintra

Cunha e Cintra (2001), na seção destinada à regência verbal de sua gramática, assim como Maciel (1931), lançam mão do sistema de classificação simplista que vigora na maioria de nossas gramáticas tradicionais. Também eles dividem os verbos nocionais entre *intransitivos* e *transitivos*, podendo os últimos ser ligados aos complementos *direta* ou *indiretamente*.

Entretanto, há ainda outro problema na descrição desses autores que vale a pena ser destacado: a confusão entre classe e função (descrição do nível paradigmático e do nível sintagmático). Confira-se o excerto abaixo, no qual eles afirmam que verbos intransitivos funcionam como transitivos e vice-versa:

3.º) Os VERBOS INTRANSITIVOS podem, em certos casos, ser seguidos de OBJETO DIRETO. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo. Exemplos:

Viver uma **vida alegre**.
Chorar **lágrimas de amargura**.

4.º) Também VERBOS TRANSITIVOS costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não **quer ver**.
Ele é manho: não **afirma** nem **nega**.

(CUNHA; CINTRA, 2001, p.518)

Conforme adverte Perini (2008, p. 93), “As funções se definem no contexto em que ocorrem, mas as classes se definem fora de contexto”. Podemos dizer que “*a mulher*”, por exemplo, pertence à classe dos SNs, mas não podemos afirmar qual a sua função, pois esta expressão pode ser sujeito em (16) *A mulher bateu no marido*, objeto direto em (17) *O marido espancou a mulher* e objeto indireto (segundo a GT) em (18) *O marido bateu na mulher*. Assim, a classe de uma entidade linguística é definida de acordo com suas potencialidades de ocorrência, mas sua função é definida contextualmente, isto é, pelas relações sintagmáticas que se estabelecem entre ela e os demais elementos com os quais coocorre.

No momento em que Cunha e Cintra (2001) dizem que certos verbos podem ser usados ora transitivamente, ora intransitivamente, eles os classificam tendo em vista o contexto em que estão empregados, confundindo, assim, classe e função. Vejamos os exemplos a seguir:

(19) João comeu três pães.

(20) João comeu.

(21) Beatriz lavou a louça.

(22) *Beatriz lavou.

(23) *Meu amigo faleceu um falecimento doloroso.

(24) Meu amigo faceleu.

O verbo *comer* tem o potencial de aparecer com ou sem complemento, isto é, em frases do tipo (19) e (20). Logo, ele deve ser classificado como pertencente a uma classe distinta da dos verbos como *lavar*, que ocorrem em frases do tipo de (21), mas não de (22); e da dos verbos como *falecer*, que ocorrem em frases do tipo de (24), mas não de (23).

Continuando nossa análise da proposta de Cunha e Cintra (2001), vemos que eles apresentam uma lista de regências de alguns verbos, como *aspirar* e *assistir*, que, segundo eles, podem **funcionar** ora como transitivos diretos ora como transitivos indiretos. Além da confusão dos conceitos de classe e função já comentada, observa-se ainda nessa lista que muitos dos dados são de textos literários, e não do uso cotidiano dos falantes do Brasil. Esse uso é muitas vezes desconsiderado. A título de ilustração, os autores não levam em conta que os verbos *obedecer* e *desobedecer* podem ter como complemento um objeto direto, como em (25) “*Ele nunca obedece o pai*”. No entanto, essa é uma construção comumente usada pelos falantes do português brasileiro.

Enfim, Cunha e Cintra, como é frequente em outras GTs, além de confundirem classe e função, lançam mão de dados que não dão conta de representar a língua tal como se manifesta, o que resulta em um trabalho que possui certas limitações. A proposta deste trabalho é a de que, para fazer uma descrição consistente, é preciso, em primeiro lugar, considerar a língua tal como é efetivamente usada nos dias atuais. Também, neste estudo, em vez de classificarmos os verbos em classes e subclasses, como a maioria das GTs, os classificaremos conforme a valência que possuem, descrevendo, para isso, os traços sintáticos e semânticos dos verbos a partir das construções em que ocorrem no português.⁸

⁸ Nossa proposta será melhor explicada na seção 4.2.2.

3.2 Dicionários

A seguir, apresentamos um breve exame da análise apresentada em dois dicionários da língua portuguesa que tratam das valências verbais: o *Dicionário prático de regência verbal*, de Luft (2003), e o *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, de Borba (1990). Ambos, apesar de serem fontes úteis de consulta, possuem pontos que divergem da proposta deste trabalho, os quais discutiremos a seguir.

3.2.1 Luft

Da mesma forma que as gramáticas tradicionais analisadas, Luft (2003) apresenta um estudo baseado no português escrito apenas. Além disso, o autor classifica cada verbo de seu dicionário como ora pertencente a uma categoria, ora pertencente a outras, à semelhança do que a GT faz. É dito, por exemplo, que o verbo *entornar* quando significa “derramar” é transitivo direto e indireto, como em (26) “*Entornei o açúcar na lata*”, e quando significa “embriagar-se” é intransitivo, como em (27) “*Ele entorna um bocado*”. Logo, as mesmas críticas apresentadas à GT se aplicam a esse autor.

O autor, também, ao listar os verbos da língua classificando-os conforme a regência que possuem, não trabalha no sentido de obter generalizações, conforme afirma Perini (2008). Assim, nas categorias por ele apresentadas, verbos que deveriam se agrupar, por possuírem valências semelhantes, não são apresentados como pertencentes a uma mesma classe. Vejamos os exemplos a seguir, como ilustrações:

Grupo 1 – *engordar*; *assustar*, *decepcionar*: Grupo 2 – *consertar*, *quebrar*:

(28) Ana engordou.

Pac

(29) Ana assustou.

Pac

(30) Ana decepcionou.

Pac

(31) *Ana consertou.

Pac

(32) *Ana quebrou.

Pac

O verbo *engordar*, que ocorre em frases como (28) *Ana engordou*, é do mesmo tipo de verbos como *assustar* e *decepcionar*, e diferente de verbos como *consertar* e *quebrar*. Isso

porque esses dois grupos de verbos não ocorrem nas mesmas construções. O estudo de Luft (2003) não fornece generalizações como essa.

Algo que dificulta essas generalizações é o fato de o autor não utilizar a noção de papéis temáticos em seu estudo. Como acabamos de ver, há pelo menos dois tipos de verbos em português: os que se comportam como o verbo *engordar* e os que se comportam como verbo *consertar*. Para chegarmos a essa conclusão, foi preciso, como vimos, lançarmos mão da noção de papéis temáticos. A aceitabilidade da frase (28) *Ana engordou* se deve ao fato de “Ana” possuir o papel temático Paciente, ao passo que, se o verbo for *consertar*, não é possível atribuir a ela esse papel temático: nesse caso, “Ana” só pode ser Agente. Um estudo satisfatório sobre valências verbais deve levar em conta os papéis temáticos, para que seja possível chegar a tais generalizações.

3.2.2 Borba

O trabalho de Borba (1990) vai além do de um dicionário de regência. Além de ser um estudo muito amplo (são pesquisados cerca de 6.000 verbos), o autor procura descrever a estrutura e o funcionamento dos sintagmas verbais. Entretanto, seu trabalho, como os demais que já discutimos, está limitado à língua escrita, desconsiderando construções coloquiais muito frequentes. Vejamos o exemplo a seguir:

(29) O João vazou.

O autor, ao apresentar as estruturas em que o verbo *vazar* ocorre, não leva em conta frases, como (29), muito utilizadas no português brasileiro atual. Neste caso, *vazar* tem o sentido de “ir embora”. Para uma descrição fiel à realidade da língua, também dados como esse deveriam ser considerados. Entretanto, percebe-se que, para Borba (1990), o verbo *vazar* ou indica o deslocamento de um líquido, pasta ou gás, ou indica a divulgação de um evento, o que pode ser verificado respectivamente nos exemplos (29) e (30) a seguir, que foram retirados do dicionário do autor:

(29) “*Uma fumaça esverdeada vazava pelos orifícios da vasilha*”.

(30) “*De nada adiantava a segurança, as notícias vazavam diretamente do Ministério para as redações dos jornais*”.

Um ponto positivo da análise de Borba (1990) é a descrição das estruturas lançando-se mão de papéis temáticos. Considerando-se que constuições são realizações simbólicas, isto é, que relacionam forma e significado, verifica-se a relevância da inclusão dos papéis semânticos. Entretanto, conforme já advertira Perini, o autor arrola as construções sem, contudo, analisá-las. Além disso, dificulta-se a possibilidade de se obter generalizações na medida em que Borba trabalha com distinções muito finas, que não são relevantes para a gramática, pois os falantes têm acesso direto a elas, por fazerem parte de seu conhecimento de mundo. Visando ao esclarecimento dessa observação, considerem-se os seguintes exemplos:

(31) A faxineira secou a louça.

(32) O Sol secou a louça.

Quando se diz que um sujeito pode ser um nome animado (“faxineira”) ou não-animado (“Sol”), estão sendo feitas distinções irrelevantes para a descrição gramatical do sujeito. A distinção entre (31) e (32) é feita diretamente pelo falante, acessando unicamente seus conhecimentos de mundo, não sendo necessário que seja marcada gramaticalmente. Essas distinções de sintagmas que possuem o mesmo papel temático dificulta o estabelecimento de generalizações.

Por fim, Borba (1990) considera tanto a estrutura sintática das construções, quanto sua semântica. Além de lançar mão da noção de papéis temáticos, como vimos anteriormente, ele distingue verbos que indicam “processo” (possuem sujeito Paciente, Experimentador ou Beneficiário), “ação” (possuem sujeito Agente) e “ação-processo” (possuem sujeito Agente ou Causativo). Por exemplo, para o autor, os verbos *saber* e *cochilar* indicam processo, os verbos *guerrear* e *mandar* indicam ação e os verbos *comer* e *envelhecer* indicam, ao mesmo tempo, ação e processo. Entretanto, Borba não apresenta uma tentativa de análise dessas construções, nem explicita quais relações mantêm entre si, o que, também, dificulta o trabalho de estabelecer generalizações.

3.3 Linguistas

Após os comentários sobre as análises das Gramáticas Tradicionais e dos Dicionários selecionados, passemos, nesta seção, a uma revisão do que alguns linguistas produziram sobre o estudo das valências verbais.

3.3.1 Tesnière

O trabalho de Tesnière (1959) é tido como marco inicial do estudo da valência, pois foi esse autor que introduziu este termo na teoria linguística. Entretanto, apesar de ter contribuído na medida em que chamou a atenção de estudiosos para o assunto, e também de ter reconhecido o papel central do verbo na sentença, Tesnière (1959) manteve, em seu trabalho, alguns dos problemas presentes na GT.

O autor, assim como as análises da GT, ao tentar distinguir complementos e adjuntos – respectivamente, *actantes* e *circunstantes* em sua terminologia – o faz de forma confusa. Por exemplo, Tesnière afirma que actantes são sempre substantivos ou equivalentes de substantivos, mas como observa Perini (2008),

quando o próprio Tesnière cita como actantes sintagmas como à Charles, em *Alfred donne lê livre à Charles* [p. 102]; este é claramente um sintagma preposicionado e, portanto, não pode ser considerado o "equivalente" sintático de um substantivo (ou seja, na nomenclatura atual, um SN). (PERINI, 2008, p.168)

Outro problema é que Tesnière desconsidera a variedade de papéis temáticos. O autor, quando afirma que o primeiro actante (conhecido como sujeito) é o que pratica a ação, demonstra uma visão limitada acerca da estrutura semântica das sentenças. É sabido que o sujeito de uma oração pode possuir outros papéis temáticos além do Agente, podendo, inclusive, ser paciente de uma ação em vez de praticá-la, como em (33) *A mulher apanha do marido*, em que “A mulher”, apesar de ser sujeito, possui o papel temático Paciente.

Uma descrição das sentenças que leva em conta aspectos não só formais, mas também semânticos (por meio dos papéis temáticos), traz à tona diferenças importantes entre os verbos. Por outro lado, desconsiderar tais aspectos, ou mesmo considerá-los de forma limitada, conforme faz Tesnière, prejudica a descrição das construções e, consequentemente, o estudo das valências, como será mais detalhado a seguir, na seção dedicada ao trabalho de Allerton.⁹

⁹ No capítulo 5 “Papéis Temáticos”, também voltaremos a esse assunto.

3.3.2 Allerton

Allerton (1982) trouxe contribuições relevantes para o estudo de valência verbal na medida em que fez um amplo levantamento dos verbos do inglês, listando 31 construções dessa língua. O problema é que as construções identificadas por Allerton, ao contrário da proposta desta pesquisa, foram descritas tendo em vista informações somente formais (estrutura formal e funções sintáticas). Logo sua descrição deixou de considerar distinções importantes entre os verbos, o que prejudicou sua subclassificação. Vejamos um exemplo do tratamento dado pelo linguista, o qual evidencia a necessidade de uma descrição que envolva tanto a explicitação das estruturas formais, às quais Allerton se limitou, quanto dos significados das sentenças para a subclassificação dos verbos:

(34) Hélen estudou.
SUJEITO + V

(35) Hélen engordou.
SUJEITO + V

As sentenças (34) e (35), descritas conforme o trabalho de Allerton (1982), trazem informações corretas a respeito da estrutura de um tipo de construção da língua portuguesa, porém insuficientes. Como vimos, elas são representações puramente sintáticas, ignoram informações semânticas, e, conseqüentemente, diferenças importantes entre as duas sentenças apresentadas.

Em (34), dizemos que Hélen é responsável pela ação de estudar, mas em (35) dizemos que Hélen, ao contrário, sofreu um processo. Logo, para que possamos compreender bem a mensagem transmitida, é essencial recorrermos ao Esquema¹⁰ dos verbos em pauta, isto é, ao conceito dos verbos *estudar* e *engordar*. Por isso a necessidade de acrescentarmos informação de caráter semântico, por meio da explicitação dos papéis temáticos dos complementos, na hora de descrevermos construções do português. Vejamos:

¹⁰ Explicaremos melhor a definição de Esquema quando tratarmos dos papéis temáticos no capítulo 5. Por ora entendamos Esquema como o conceito do verbo.

(36) Hélen estudou.

H V

Agente

(37) Hélen engordou.

H V

Paciente

Podemos verificar em (36) e (37) que as sentenças analisadas não representam a mesma construção em português, conforme a análise de Allerton apresentada em (34) e (35) sugere. Trata-se de construções diferentes da língua, o que fica evidenciado por meio de uma descrição que leva em conta não apenas sua estrutura formal, mas também sua estrutura semântica, isto é, uma descrição de caráter simbólico. Essas construções nos mostram também que há pelo menos dois tipos de verbos em português, os do tipo de *estudar* e os do tipo de *engordar*. Logo, com base em análises desta natureza, será possível apresentar uma subclassificação dos verbos mais em consonância com os dados de nossa língua.

Outro problema no estudo de Allerton é que ele segue um modelo transformacional. Para ele, certas estruturas, como passivas e ativas, representam a mesma construção, sendo ambas derivadas da mesma estrutura subjacente, ou seja, para ele, frases como (38) *Luck matou o rato* e (39) *O rato foi morto pelo Luck* são sintaticamente relacionadas, conforme Perini (2008) alerta.

Entretanto, ao analisarmos tais frases, vemos que o que as torna semelhantes é o fato de que seus constituintes possuem os mesmos papéis temáticos em ambas: “Luck” é Agente e “O rato” é Paciente tanto em (38) como em (39). Quanto às funções sintáticas, essas foram alteradas, “Luck” é Sujeito em (38) e Objeto Direto em (39) e “O rato” é Objeto Direto em (38) e Sujeito em (39). Ainda para demonstrar que a relação entre sentenças passivas e ativas se deve a sua semelhança semântica, e não sintática, tomemos, como exemplo, a sentença (40) *O rato matou o Luck*. Essa última sentença contém os mesmos itens léxicos das anteriores, entretanto, não fazemos uma relação entre ela e as demais porque elas se distinguem com relação aos seus papéis temáticos. Em (40), “O rato” é Agente e “Luck” é Paciente, diferentemente do que ocorre em (38) e (39). Assim, se a relação entre sentenças ativas e passivas é semântica, não há, entre elas, nada que as vincule sintaticamente e que, conseqüentemente, justifique a existência de estruturas subjacentes, conforme crítica de Perini (2008) endossada no presente trabalho.

Assim, para nós, em relação às frases (38), (39) e (40), analisaremos todas de forma independente, como sendo estruturas distintas que se assemelham semanticamente, fato que fica a cargo da interpretação, não sendo necessário ser considerado para a formulação das diáteses. Neste sentido, adotamos a posição de Perini (2008):

[...] adoto uma posição estritamente não-transformacional: cada construção é gerada e interpretada independentemente, quaisquer semelhanças entre elas são resultado de semelhanças no processo de geração e interpretação. (PERINI, 2008, p. 175)

Em síntese, neste trabalho, seguindo o que propõe Perini (2008), descrevemos as construções da língua simbolicamente (levando em conta aspectos formais e semânticos) e analisamos cada sentença da maneira como nos é transmitida, sem tentar relacioná-la a outras das quais seriam originadas¹¹.

3.3.3 Goldberg

O trabalho de Goldberg (1995) difere muito dos estudos dos demais linguistas que se dedicaram ao estudo da valência, sendo aquele que mais se aproxima da pesquisa de Perini (2008), segundo este próprio autor.

Em primeiro lugar, Goldberg (1995), assim como Perini (2008), propõe uma descrição baseada em construções, não em verbos individuais, como faz a GT. Assim, a classificação dos verbos, segundo essa autora, deve se dar levando-se em conta as construções em que estes ocorrem. Vejamos:

Uma tese central deste trabalho é que as sentenças básicas do inglês são realizações de *construções* – correspondências formas-significados que existem independentemente dos verbos individuais. Isto é, sustento que as próprias construções veiculam significados, independentemente das palavras da sentença. (Goldberg, 1995, p.1)

Além disso, como vemos na citação acima, Goldberg (1995), diferentemente de Allerton (1982), e, assim como propõe Perini (2008), adota uma descrição simbólica das sentenças do inglês, sendo que a única diferença é que ela descreve os traços semânticos das construções enquanto Perini identifica seus papéis temáticos. Vejamos em (41) uma descrição de Goldberg e em (42) uma descrição de Perini:

¹¹ Voltaremos a esse ponto na seção 4.2.1 “Fundamentação teórica para a descrição”.

(41) Pat faxed Bill the letter.

X CAUSES Y TO RECEIVE Z Subj V Obj Obj2 (Goldberg, 1995, p. 3)

(42) Pat mandou por fax a carta para Bill.

H V SN SN (Perini, 2008, p. 177)

Agente Tema Meta

Outra distinção entre Goldberg e Perini é em relação à definição proposta pela autora do termo “construção”. Para Perini, uma construção corresponde a “todo e qualquer par forma-significado definível dentro da língua, mesmo se sua existência puder ser prevista a partir de outro par forma-significado”. Ou seja, para Perini, mesmo que uma sentença preveja outra existente na língua, ambas correspondem a construções distintas. Para Goldberg, ao contrário, uma construção não é previsível a partir de outras pré-estabelecidas. A definição de construção de Goldberg se aproxima da definição de diátese de Perini (Perini, 2008, p. 178). Para entendermos melhor isso, vejamos os exemplos a seguir:

(43) Kátia pediu um prato exótico.

(44) Um prato exótico, Kátia pediu.

As frases acima correspondem a duas construções distintas do português, mesmo que (44) seja previsível a partir de (43). Entretanto, como todas as construções da língua portuguesa que têm objeto direto, por exemplo, podem ter este constituinte topicalizado¹², ou seja, todo verbo que cabe em construções do tipo de (43) cabe também em construções do tipo de (44), elas não subclassificam verbos, não sendo, portanto, consideradas diáteses por Perini.¹³

Assim, para Perini, não vale a pena distinguir frases como (43) e (44) como diáteses distintas, já que todo verbo que se realiza em uma se realiza também na outra. Elas são, portanto, construções diferentes, mas correspondem a uma só diátese. Concluindo, o que Goldberg chama de construção, Perini chama de diátese.

¹² Há algumas poucas exceções, como o caso do objeto incorporado analisado por Saraiva (1997). No entanto, para efeitos da argumentação, esses casos atípicos não são levados em conta.

¹³ Considerações semelhantes se aplicam também às negativas e interrogativas de sim/não.

3.3.4 Levin

Em seu livro *English Verb Classes and Alternations*, Levin (1993) apresenta uma pesquisa sobre as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos em inglês. Nesse estudo, a autora tenta delimitar e sistematizar o comportamento dos verbos tendo em vista, particularmente, seus argumentos.

Para isso, Levin afirma recorrer ao conhecimento lexical do falante, às suas habilidades de fazer julgamentos sobre os verbos e suas propriedades. Para ela, o conhecimento que o falante possui sobre o significado de um verbo permite que ele determine seu comportamento sintático.

Com esse raciocínio, a autora propõe que há relação entre o significado de um verbo e as suas diáteses, isto é, verbos que pertencem à mesma categoria semântica tendem a ter a mesma valência.

Recorrendo a estudos anteriores de Fillmore (1967), Guerssel et al. (1985) e Hale e Keyser (1986, 1987), Levin afirma que eles

[...] examinaram de perto cada conjunto de verbos e descobriram que seus membros dividiam certos aspectos de significados. Assim, seus membros têm semelhanças sintáticas, bem como semelhantes propriedades semânticas. Esses estudos propõem que as diferenças no comportamento dos verbos podem ser explicadas se as alternâncias de diáteses são sensíveis a certos elementos do significado dos verbos. (LEVIN, 1993, p. 7)

A organização desse trabalho de Levin se deu da seguinte forma: inicialmente, a autora apresenta uma série de diáteses que ocorrem com os verbos em inglês, agrupando-as em grupos de construções as quais considera que possuem semelhanças semânticas. Em um segundo momento, a autora expõe um extenso número de classes verbais, que reúnem verbos semanticamente coerentes e que têm o mesmo padrão com respeito à sintaxe.

Esse estudo de Levin é reconhecido por Perini (2008) como sendo talvez o trabalho mais importante na área de valências verbais. Porém, tendo em vista que diáteses são construções que subcategorizam verbos, o autor apresenta a seguinte crítica ao trabalho de Levin: “[...] o fato de se detectar uma diferença semântica ou formal entre duas frases não significa automaticamente que estas sejam representantes de duas diáteses diferentes [...]” (PERINI, 2008, p. 172).

Como vimos na seção anterior, segundo esse autor, frases topicalizadas, por exemplo, “apesar de se distinguirem formalmente de suas versões não topicalizadas, não podem ser

consideradas base para uma diátese verbal, porque os verbos não se dividem entre os que admitem e os que não admitem topicalização” (PERINI, 2008, p. 172-173). Logo, para Perini, para que se postule uma nova diátese, é preciso que determinada construção seja capaz de subclassificar os verbos.

Levin não explicita em seu estudo a capacidade ou não de uma construção de subclassificar os verbos, mas parece, segundo Perini (2008), aplicar, implicitamente, o princípio de que o potencial de subclassificar verbos de uma sentença é necessário para se postular uma nova diátese. Vejamos:

É verdade que, de uma maneira ou de outra, Levin evita incluir em sua lista de diáteses construções claramente não-classificatórias (como frases topicalizadas, clivadas, negadas ou interrogadas), o que mostra que, pelo menos implicitamente, ela estaria aplicando o princípio de que relevância para a subclassificação é critério para a postulação de uma nova diátese. (PERINI, 2008, p. 173)

Outra crítica desse autor refere-se ao nível de detalhamento usado por Levin na distinção das diáteses. Segundo Perini, Levin faz distinções gramaticalmente irrelevantes, que parecem surgir de informações pragmáticas, como quando diferencia “construções sem objeto” de construções de “objeto elíptico parte do corpo”. Vejamos:

(45) O marido dela nunca bebe.

(46) A menina piscou para mim.

Para Perini, da mesma forma que se entende em (45) que há um paciente “bebida alcoólica”, não outra bebida qualquer, em (46) se entende que a menina pisca o olho, não outra parte do corpo. Logo, segundo Perini, a subclassificação que existe neste caso é excessivamente “fina” e envolve informações que são estranhas à classe do verbo (inferências pragmáticas), o que resulta em um número de diátese desnecessariamente amplo.

Por fim, Perini aponta que, na identificação de classes semanticamente homogêneas, Levin apresenta muitas exceções. É comum em seu texto encontrarmos no texto expressões como “a maior parte” e “a maioria” relacionadas a esse agrupamento –, o que demonstra que tal homogeneidade tem limitações.¹⁴

¹⁴ Com relação ainda ao trabalho de Levin, discutiremos, na seção 6.4, sua afirmativa de que verbos semanticamente semelhantes possuem diáteses comuns. Além disso, em nosso levantamento das diáteses dos verbos de “derramamento”, observaremos até que ponto é válido fazer essa relação.

Concluindo, o estudo de Levin (1993) apesar de significativo na medida em que envolveu a análise de um número extenso de verbos do inglês, apresenta as falhas apontadas acima. Desse modo, esta pesquisa, pautando-se pela proposta de Perini (2008), diverge da de Levin em alguns pontos significativos.

4. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, cujo foco de análise são as construções em que os verbos de derramamento podem ocorrer, as quais os classificam, conforme já foi dito anteriormente, tem um caráter essencialmente descritivo. Todavia, espera-se que a descrição apresentada possa contribuir para a elaboração de teorias linguísticas que apresentem a qualidade essencial da adequação empírica.

Neste capítulo, iremos expor os pontos que nortearão este trabalho, apresentando os critérios observados para a coleta e sistematização de dados.

4.1 Coleta dos dados

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e, para sua realização, foram coletados dados em um amplo *corpus* oral e escrito da língua portuguesa do Brasil, além de terem sido utilizados também dados de introspecção (inevitáveis em uma pesquisa linguística da natureza desta), como veremos nas seções a seguir.

4.1.1 Pesquisa qualitativa

Diferentemente da pesquisa quantitativa, que, segundo Cozby (2009), tem a preocupação de atribuir valores numéricos aos dados coletados para a submissão dos mesmos a uma análise estatística, a pesquisa qualitativa trabalha com longas descrições, não com instrumentos de medida de precisão. Uma pesquisa qualitativa, segundo Cozby, é aquela cujos dados são expressos em termos não numéricos e que, a partir da observação da ocorrência natural dos dados, resulta basicamente em descrições.

Ainda segundo Cozby (2009), não se pode afirmar que um método seja melhor que o outro. Para ele, a escolha entre se fazer uma pesquisa quantitativa ou qualitativa dependerá dos objetivos de cada pesquisador. A pesquisa quantitativa é recomendada para se testar hipóteses na medida em que fornece informação em grande número, mas a qualitativa é a melhor para análises em profundidade.

Neste estudo, optamos pelo método qualitativo, pois, como dissemos anteriormente, o estudo da valência, apesar de já ter sido tema de muitas pesquisas, ainda está em um estágio inicial, necessitando, antes de tudo, de trabalhos descritivos. Para testar hipóteses, precisamos antes levantá-las, o que só é possível a partir desse tipo de trabalho. Assim, nesta pesquisa,

levantamos dados do português oral e escrito concentrando-nos em analisar a estrutura formal e semântica das sentenças encontradas, de modo a descrever **a valência dos verbos de derramamento do português**. Não nos preocupamos em elaborar medições dos dados levantados, mas esperamos ter deixado contribuições para posteriores generalizações e testagem de hipóteses.

Para essa pesquisa qualitativa tomamos o cuidado de coletar dados de um *corpus* bem extenso (cf. 4.1.3), mas também lançamos mão da intuição, utilizando alguns dados de introspecção, como já foi dito anteriormente. Veremos no item a seguir uma explicação acerca dessa escolha no que diz respeito à coleta dos dados.

4.1.2 Introspecção e corpus

A coleta de dados a serem analisados em uma pesquisa linguística pode se dar a partir da introspecção, quando o pesquisador recorre à própria intuição para selecionar ou mesmo criar sentenças, ou a partir de um conjunto de dados retirados de realizações orais ou escritas da língua.

Segundo Perini (2006), ambas as formas de coleta possuem vantagens e desvantagens. O pesquisador que confiar apenas em sua intuição de falante pode chegar a conclusões fora da realidade. Por exemplo, na hora de fazer julgamentos sobre a aceitabilidade ou não de uma ocorrência, o pesquisador pode, equivocadamente, não aceitar determinada frase ao confrontá-la com sua própria fala. Porém, o pesquisador que considerar apenas o que estiver registrado no *corpus* pode perder um tempo precioso (e até insubstituível) aguardando a ocorrência de uma estrutura que, apesar de sabidamente conhecida e aceita pelos falantes, não ocorreu.

O uso da introspecção será benéfico, assim, na medida em que o pesquisador, como falante da língua que estuda, poderá trazer à tona dados que são necessários a cada momento da pesquisa, fazendo também seus próprios julgamentos acerca dos mesmos. Já o *corpus*, este é importante no sentido em que neutraliza os “desejos” do pesquisador, impedindo-o de selecionar apenas frases favoráveis a sua análise e proporcionando, assim, uma pesquisa mais imparcial.

De acordo com Perini (2010), precisamos aliar essas duas formas de pesquisa, lançando mão da intuição própria, em conjunto com o julgamento de outros falantes (por meio de testagens), e do *corpus*. Para ele, na identificação dos papéis temáticos de uma sentença, por exemplo, falantes comuns partem de fatos observáveis, isto é, acessíveis a sua intuição direta, depreendendo percepções que não podem ser encontradas no *corpus*. Mas, ainda

segundo esse autor, deve-se amarrar essas observações à representação sintática dos papéis temáticos, o que irá fazer com que o estudo não se limite à área da intuição.

Nesta pesquisa, como propõe Perini (2010), fizemos uso da introspecção e, principalmente, do *corpus*. Procuramos levantar o maior número de ocorrências dos verbos de derramamento possível com o objetivo de verificar as diáteses de cada um, buscando sempre confirmar no *corpus* a validade de nossas intuições.

No item a seguir, é possível conferir mais detalhadamente o que constituiu esse *corpus*.

4.1.3 Composição e apresentação do corpus

Para identificar as diáteses dos verbos de derramamento e, conseqüentemente sua valência, foram utilizados dados de um *corpus* bem diversificado, objetivando que este representasse, de modo abrangente, a língua que de fato é utilizada pelos falantes do português do Brasil.

Não evitamos, contudo, conforme dito acima, a utilização de alguns dados de introspecção. Como vimos no item anterior, o pesquisador, como falante que é, tem capacidade de apontar o que é e o que não é produtivo em sua própria língua. Assim, algumas frases dadas como exemplos, por terem sido consideradas de ocorrência amplamente aceita pelos falantes do português, foram criadas por nós a partir dos dados catalogados.

Alguns dos dados coletados foram retirados do *Dicionário da Língua Portuguesa* de Ferreira (2009) e do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Houaiss (2004), do *Dicionário Gramatical de Verbos do Português* de Borba (1990) e do *Dicionário Prático de Regência Verbal* de Luft (2003). Também foram coletados dados de revistas e jornais em suas versões eletrônicas, como a *Veja* (Veja.com), a *Istoé* (ISTOÉ), a *Superinteressante* (SUPER) e o *Estado de Minas* (UAI) e *O Globo* (O GLOBO). Como se pode ver, tentamos abranger fontes diversificadas, com públicos-alvo distintos, de modo a coletar não apenas o que é prescrito em dicionários de vocabulário e de regência, mas também o que de fato ocorre hoje no português.

Além disso, para não nos restringirmos a um ambiente formal, foi feita uma ampla pesquisa na internet a fim de identificar e coletar dados dos mais diversos *sites*, *blogs* e *fóruns de discussão*, os quais veiculam diferentes tipos de linguagem proferida por falantes com variados níveis de formação.

Por fim, analisamos também dados orais do Projeto de Norma Culta Oral da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NURC) e do *corpus* do Projeto C-Oral Brasil de Raso e Melo (2010). Assim não nos limitamos à língua escrita, conforme dito acima, mas incorporamos dados da língua oral espontânea.

Também é importante deixar claro nesta seção a maneira como se dará a apresentação dos dados coletados, que ocorrerá, à título de exemplificação, na seção 8.1, a qual expõe as diáteses dos verbos de derramamento. Os dados que forem transcrições do *corpus* analisado, e não fruto de nossa introspecção, serão apresentados entre aspas e seguido da indicação da fonte. Além disso, tendo em vista as normas de apresentação de citações em documentos determinadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – NBR 10520:2002 –, a apresentação desses dados utilizará os recursos a seguir, os quais são necessários para efetuar determinados recortes nos dados que possibilitem destacar trechos que interessam à pesquisa. Vejamos:

Grifo	O grifo será usado para destacar as orações ou parte de orações que interessam à análise.
[]	Os trechos entre colchetes representarão termos, orações ou parte de orações que, apesar de fazerem parte do dado, não interessam à análise.
[...]	As reticências entre colchetes indicarão que foram efetuados cortes de trechos desnecessários à análise.
()	Os parênteses serão usados no caso de ser necessário acrescentar algum termo que, apesar de não ocorrer no dado, é importante para a compreensão da frase.

QUADRO 1 – Recursos empregados na apresentação dos dados

Entendido o modo como se deu a coleta dos dados e sua apresentação, passemos, então, ao passo da descrição. A seguir, explicaremos os critérios que nos nortearam nesse segundo momento da pesquisa.

4.2 Análise dos dados

Definido o *corpus*, estabeleceremos nesta seção os pontos norteadores de sua análise. Baseando-nos em Perini (2008), apresentaremos as bases teóricas que foram consideradas, além dos critérios utilizados para o levantamento das diáteses e sua descrição.

4.2.1 *Fundamentação teórica para a descrição*

Esta pesquisa, como já foi dito, constitui-se de um trabalho descritivo baseado no estudo de Perini (2008), seguindo, portanto, as mesmas bases teóricas deste autor. Perini (2008) prioriza a descrição da língua, tomando como orientação teórica, principalmente, o trabalho de Cullicover e Jackendoff (2005), cujos princípios linguísticos apresentamos a seguir:

Descrição superficial

A descrição, de acordo com Perini (2008), deve ser feita levando em consideração as sequências léxicas tais como se realizam fonologicamente, ou seja, da forma como nos são apresentadas. Dessa forma, não são consideradas nas análises categorias vazias da natureza daquelas previstas, por exemplo, nos modelos gerativistas.

Além disso, a descrição superficial não leva em conta relações sintáticas entre estruturas formalmente diversas (relações transformacionais)¹⁵. Vejamos o exemplo a seguir¹⁶:

(47) As crianças comeram o bolo.

(48) O bolo, as crianças comeram.

Nesta análise, não é dito que o constituinte “o bolo” foi transportado para o início da frase. Sentenças formalmente diferentes, como (47) e (48), são vistas como frases independentes, que possuem estruturas distintas. Há, contudo, uma evidente relação de significado entre essas frases: “o bolo”, tanto em (47) como em (48), recebe o papel temático Paciente. Essa semelhança semântica é um fato (observável), logo é unicamente por meio dela que relacionaremos frases desse tipo, não por meio da sintaxe, que é diferente.

¹⁵ Já trabalhamos com este posicionamento de Perini na seção 3.3.2, quando discutimos o trabalho de Allerton (1982). Nesta seção, relembremos rapidamente este ponto sem, contudo, nos prolongarmos muito nele.

¹⁶ Serviriam como exemplos, dentre outras, quaisquer frases topicalizadas e apassivadas.

Distinção entre traços de forma e traços de significado

O falante de uma língua é capaz de distinguir traços formais de um enunciado de traços de seu significado. Dessa forma, podemos ter acesso intuitivo a esses traços, assim como distingui-los, porque eles independem de teorização prévia: trata-se de fatos que estão à disposição do falante. Vejamos um exemplo:

(49) Queijo italiano

(50) * Italiano queijo.

Podemos fazer as seguintes constatações a partir das frases acima: elas têm uma relação de especificação, pois “italiano” é um dentre vários tipos de queijo (traço de significado); elas se diferem quanto à ordem de seus elementos (traço de forma). Essas constatações, como dissemos, não dependem de teorização, e podem ser relacionadas: observamos que, neste caso, o termo especificador deve aparecer depois do especificado para que haja aceitabilidade (traço de simbolização)¹⁷.

Além de constatações como as acima, é possível também formular hipóteses a partir dos sintagmas (49) e (50). Podemos dizer, por exemplo, que adjetivos do tipo de *italiano* (que expressam proveniência) só podem aparecer depois dos elementos que especificam (queijo italiano), diferentemente de adjetivos como *bonita*, que não têm restrições quanto à ordenação (*Mulher bonita* / *Bonita mulher*). Agora, estamos lidando com hipóteses, previsões, que são passíveis de discussão, não com observações diretas dos fatos. Essas últimas, segundo Perini (2008), devem basear nossa análise, como veremos a seguir.

Hipótese da Sintaxe Simples

Vimos acima que o linguista busca generalizações a partir dos dados que tem em suas mãos. Ao observar fatos de natureza formal, semântica e simbólica, ele pode criar hipóteses na tentativa de sistematizá-los, elaborando regras.

Utilizando como exemplo os sintagmas (49) e (50), criamos a hipótese de que adjetivos que exprimem proveniência só ocorrem depois do núcleo do SN de que fazem parte, nunca antes. A elaboração dessa hipótese só foi possível porque observamos um fato

¹⁷ Já vimos que o termo “simbolização” deve ser entendido como a relação forma/significado.

semântico, ou seja, fizemos uma generalização a partir de um traço de significado do adjetivo *italiano*, isto é, de que ele indica proveniência.

Poderíamos ter elaborado uma hipótese a partir de um traço de forma, dizendo, por exemplo, que esse comportamento é próprio do item lexical *italiano*, que nunca pode ocorrer antes do núcleo do SN. Essa afirmação estaria correta, pois impediria a formação de sentenças inaceitáveis, mas preferimos partir de um traço semântico que faz com que adjetivos como *italiano*, *brasileiro* e *francês* se comportem de forma diferente de adjetivos como *bonita*. Isso porque tal semelhança semântica é um fato inevitável da língua e, por isso, dispensa a criação de uma classe especial para tais palavras, já que elas já estão automaticamente reunidas.

Em resumo, o que a Hipótese da Sintaxe Simples diz é que, quando houver duas análises que deem conta igualmente dos dados, é preferível aquela menos abstrata, que faz mais uso da descrição do que de hipóteses.¹⁸

Possibilidade de relação entre regras formais e informação semântica

Para entendermos este princípio, voltemos novamente aos exemplos (49) e (50):

(49) Queijo italiano

(50) *Italiano queijo.

Nesses exemplos, observamos que a ordem dos constituintes (traço de forma) foi determinada por um traço de significado, ou seja, o adjetivo *italiano*, assim como *brasileiro* e *francês*, aparece na frase após o substantivo que especifica porque indica proveniência. Assim, existem afirmações que determinam traços formais das estruturas baseando-se no processo de interpretação, isto é, relacionando forma e significado.

Entretanto, nem toda descrição da língua pode ser derivada de fatores semânticos. Vejmos os exemplos a seguir:

(51) Eu amo você.

(52) Eu gosto de você.

¹⁸ É preciso ter em mente que nem toda descrição da língua pode ser derivada de fatores concretos. Veremos isso mais detalhadamente no próximo princípio a ser apresentado *Possibilidade de relação entre regras formais e informação semântica*.

Não podemos identificar nenhum traço de significado que explique a presença da preposição *de* no uso do verbo *amar*, em (51), e a ausência no do verbo *gostar*, em (52), já que as frases têm, inclusive, um significado muito próximo.

Logo, como os verbos que exigem a presença da preposição *de* não formam um grupo semanticamente coerente e a própria preposição não contribui em nada para o significado da frase, dizemos que descrições gramaticais desse tipo envolvem afirmações sintáticas, isto é, afirmações puramente formais que independem do significado.

4.2.2 Como descrever

Na seção 2.1, quando definimos as *construções*, apresentamos a forma como essas foram descritas. Retomemos aqui, rapidamente, a notação anteriormente apresentada e vejamos o que justifica a forma como se dão as descrições nesta pesquisa.

Como vimos na seção 2.1, seguindo Perini (2008), esta descrição fornece uma lista de representações esquemáticas para a pesquisa de valências verbais. Voltemos ao exemplo (1) da seção 2.1:

(1) Artur quebrou o brinquedo.

H	V	SN
Agente		Paciente

A representação (1) é simbólica, pois ela nos fornece duas informações. Na primeira linha, como já foi dito na seção 2.1, há informações sobre a estrutura formal da frase (H + V + SN), em que o SN (sintagma nominal) e o V (verbo) são representados pela classe a que pertencem e pela sua posição na oração, e o H, variável que representa o sujeito, é definido não como um SN em determinada posição, mas como um SN, onde quer que esteja, que tem o mesmo papel temático do SPN do verbo e/ou ao próprio SPN, como vimos na seção 2.1. Nota-se que essa informação não nos diz nada a respeito do significado da construção¹⁹, indica apenas a ordenação dos constituintes e suas funções sintáticas. Já na segunda linha, há informações de caráter semântico, por meio da explicitação dos papéis temáticos do H e do SN, respectivamente Agente e Paciente.

¹⁹ Assim como nas descrições de Allerton (1982), como já vimos.

A necessidade de descrever tanto aspectos formais quanto aspectos semânticos nos estudos gramaticais vem desde o que nos foi apresentado por Saussure em 1916 como sendo um dos objetivos dos estudos linguísticos: a explicitação da associação entre forma e conceito. Ao ouvirmos uma palavra qualquer, como *gato*, por exemplo, o que chega aos nossos ouvidos são, em última instância, os dados fonéticos [‘gatu]. Essa imagem acústica corresponde ao que chamamos de forma. O conceito, por outro lado, é um dado semântico, é a ideia²⁰ que nosso cérebro aciona ao ouvir determinada palavra (um animal, mamífero, pequeno, domesticado). Estudar a maneira como se dá essa relação entre forma e conceito é a tarefa da linguística. Daí a importância de uma descrição que envolva tanto a explicitação das estruturas formais quanto dos significados das sentenças.

Para deixar clara a necessidade desse tipo de descrição para estudos de valência verbal, voltemos aos exemplos (36) e (37) da seção 3.3.2:

(36) Hélen estudou.

SN V

Agente

(37) Hélen engordou.

SN V

Paciente

Essas frases possuem a mesma estrutura formal (SN + V), o que as distingue são os papéis temáticos de seus constituintes. Em (36), Hélen causou o evento de estudar, já em (37) Hélen sofreu o evento de engordar, mudando de estado. Assim, se nos limitarmos a descrever as estruturas formais dessas sentenças, apresentaremos a mesma análise para ambas as frases, fechando os olhos para diferenças importantes entre elas, diferenças essas que subclassificam os verbos, pois mostram que há pelo menos dois tipos de verbos em português, os do tipo de *estudar* e os do tipo de *engordar*. Dessa forma, em nosso trabalho descritivo, levaremos em conta as estruturas formais e semânticas das sentenças analisadas, ou seja, faremos uma descrição em termos simbólicos.

²⁰ Chamaremos essa ideia de Esquema. Ela não corresponde ao papel temático, que é apenas uma forma esquemática de representá-la.

4.2.3 O que constar nas diáteses

Baseado-nos na pesquisa de Perini (2008), procuramos apresentar nesta seção o que foi considerado e o que não foi levado em conta para a descrição da valência dos verbos de derramamento, ou seja, os constituintes que fazem e os que não fazem parte das diáteses.

Foram incluídos nas diáteses todos os constituintes que, por serem governados pelos verbos, os subclassificam, e foram excluídos todos aqueles que não são governados pelos verbos e que, portanto, não os subclassificam. Segundo Perini (2008), em princípio, as diáteses verbais se formulariam em termos de complementos e não de adjuntos. Entretanto, diante da ausência de critérios adequados para fazer tal distinção, este autor utilizou o critério acima para determinar o que é o que não é relevante na formulação das diáteses. Critério esse adotado por nós nesta pesquisa.

Todos os Hs e SNs foram incluídos nas diáteses, pois, como não ocorrem com todos os verbos, apenas com alguns, são indispensáveis para sua subclassificação. Vejamos os exemplos a seguir:

(53) Eu amo sorvete.

(54) *Eu gosto sorvete.

(55) BH cresceu muito nestes últimos anos.

(56) *BH choveu muito nestes últimos anos.

Como é possível verificar acima, a ocorrência do SN não é livre, alguns verbos o rejeitam. O verbo *gostar*, por exemplo, diferentemente do verbo *amar*, não aceita como complemento um SN, como vemos em (54). Da mesma forma, o H, presente na maioria das construções da língua, é rejeitado por outras que contêm determinado tipo de verbo, como em (56). Assim, como a aceitabilidade ou não do H e do SN depende do verbo da construção, esses constituintes são indispensáveis para a subclassificação dos verbos, e, logo, para a descrição de suas valências.

Ao contrário do que ocorre com o H e o SN, não são todos os Spreps que constam das diáteses, sendo necessário verificar aqueles que são governados pelo verbo, isto é, aqueles cujos papéis temáticos são atribuídos pelo verbo. Vejamos os exemplos a seguir:

(57) Minha tia mora em Nova Iorque.

Lugar

(58) Minha tia estudou inglês em Nova Iorque.

Lugar

Nota-se que em (57) o verbo *morar* está intimamente relacionado com o complemento “em Nova Iorque”. É o significado de *morar* que expressa o papel temático Lugar atribuído a “em Nova Iorque”. Já na frase (58), não é o verbo *estudar* que expressa o papel temático Lugar, mas a preposição *em*. Logo, em (58), o Sprep não é governado pelo verbo, não sendo, portanto, de presença obrigatória, ao contrário do que ocorre em (57), em que o Sprep deve necessariamente fazer parte das diáteses.

Spreps constituídos de preposições polissêmicas ou marcadas também devem constar das diáteses, pois, nesses casos, é o verbo o responsável pela atribuição de seu papel temático. Vejamos:

(59) A Chris voltou de Orlando semana passada.

(Fonte)

(60) Esse papagaio é do Felipe.

(Possuidor)

(61) A mesa é de vidro.

(Material)

A preposição *de* é polissêmica, pois compõe Spreps que possuem vários papéis temáticos. Assim, quando tal preposição está presente em um Sprep, é o verbo o responsável por atribuir papel temático ao mesmo. Da mesma forma, como é possível verificar a seguir, também é o verbo o responsável por atribuir papel temático ao Sprep quando este representar uma situação marcada, isto é, menos frequente, como em:

(60) Eu moro em Belo Horizonte.

Lugar

(61) Eu trabalho em Santa Luzia.

Lugar

(62) Eu pensei em você.

Assunto

A preposição *em* ocorre usualmente com o sentido de Lugar, como em (60) e (61). O sentido que tal preposição toma em (62) é muito menos comum, ou seja, é marcado. Nessa situação, não é ela a responsável pela atribuição do papel temático Assunto, mas o verbo *pensar*.

Vistos os Spreps que fazem parte das diáteses, observemos aqueles que são excluídos das mesmas por não serem governados pelos verbos. Consideremos os exemplos a seguir:

(63) Ele pedalou desde Sabará.

Fonte

(64) Ela chorou por causa do namorado.

Causa

(65) O marido comeu uma pizza com a mulher.

Companhia

Algumas preposições são transparentes, ou seja, atribuem sempre o mesmo papel temático ao Sprep. Por exemplo, os Spreps “desde Sabará” e “por causa do namorado” terão sempre o papel temático Fonte e Causa, respectivamente, independentemente do verbo da sentença em que estejam. Logo, não é necessário que tais constituintes constem na descrição das diáteses, uma vez que a atribuição de seus papéis temáticos independe do verbo.

Outras preposições, como a *com* em (65), apesar de não serem transparentes, ocorrem mais frequentemente com certos papéis temáticos. Os spreps que as contêm também têm o papel temático atribuído independentemente do verbo, não constando, assim, das diáteses. A preposição *com* possui frequentemente o papel temático Companhia ou Instrumento, como em (65). Logo, o papel temático do Sprep de que faz parte é atribuído independentemente do verbo, deve-se à preposição. Além disso, tal Sprep não é de presença obrigatória, como observamos em “Comi uma pizza”. Assim, os papéis temáticos Instrumento e Companhia, a princípio, não constam das diáteses, e somente serão considerados caso tenham papéis temáticos atribuídos pelo verbo.

Resumindo, todos os Hs e SNs constam obrigatoriamente das diáteses, pois a presença ou ausência desses constituintes dependem do tipo de verbo a que estão ligados. Já os Spreps, estes só constam das diáteses caso sejam governados pelos verbos, tendo seus papéis temáticos atribuídos pelos mesmos. Esse será o critério utilizado na descrição das diáteses dos verbos de derramamento.

4.2.4 Expressões idiomáticas

Na descrição das diáteses dos verbos de derramamento, não consideraremos construções cujos verbos em estudo sejam parte de expressões idiomáticas. Nesta seção, explicaremos o porquê.

As expressões idiomáticas, diferentemente das outras sequências lexicais, funcionam como uma unidade semântica idiossincrática. Para entendermos melhor o que isso significa, vejamos, por meio dos exemplos a seguir, duas expressões idiomáticas que ocorrem com os verbos de derramamento: *entornar o caldo* e *verter água*.

(66) O caldo entornou e precisamos de tranquilidade neste momento.

(Marcos Braz, na época vice-presidente de futebol do Flamengo, falando sobre crise no time. Site *Globo.com*, 19 abr. 2010. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em: 31/05/2011).

(67) O medo foi tão grande que verti água nas calças.

(Site *Yahoo Respostas*, 4 set. 2008. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com>>. Acesso: 03/06/2011)

A expressão *o caldo entornou*, em (66), é bastante comum no português para se referir a uma situação tensa em que, devido a algum transtorno, a harmonia ou ordem foi quebrada. Já a expressão *verti água*, em (67), é usada com a acepção de *urinar*. Logo, o significado dessas expressões é idiossincrático, não composicional. Só conseguimos interpretá-las observando o conjunto. Uma evidência do caráter unitário dessas expressões é a dificuldade de interrompê-las com interjeições ou hesitações, do tipo abaixo ilustrado:

(68) *O caldo... ééé... entornou e precisamos de tranquilidade neste momento.

Parece-nos que, interrompendo a frase (66), os termos *o caldo* e *entornou* são analisados individualmente, e conseqüentemente o significado da frase é alterado. É como se de fato houvesse um caldo (de carne, de feijão, etc) e este tivesse sido entornado, assim como em:

(69) O caldo... ééé... entornou e teremos que providenciar outro jantar.

Da mesma forma, a hesitação entre as partes componentes da expressão *verter água*, em (67), gera uma frase agramatical como em:

(70) *O medo foi tão grande que eu verti... ééé... água nas calças.

Assim, por funcionarem como uma unidade, as expressões idiomáticas como *o caldo entornou* e *verti água*, com os verbos de derramamento, não serão consideradas nesta pesquisa, que visa a estudar as diáteses produtivas desses verbos em português.

5. PAPÉIS TEMÁTICOS

No item 4.2.2, expusemos a necessidade de uma descrição simbólica para o estudo de valência verbal, pois quando consideramos apenas informações formais das estruturas, deixamos de levar em conta diferenças relevantes que subclassificam os verbos. Portanto, devemos lançar mão dos papéis temáticos, pois, como ficou claro nos exemplos (36) e (37), construções formalmente idênticas, cujos sintagmas possuem papéis temáticos diferentes, são realizações de diáteses distintas.

Tendo em vista a importância dos papéis temáticos para a descrição das valências verbais, faremos neste capítulo uma reflexão acerca dos mesmos. Nas próximas seções, tentaremos apresentar uma definição de papéis temáticos e, nas seguintes, apresentaremos alguns problemas que os envolvem. Por fim, definiremos os papéis temáticos que foram utilizados em nossas descrições.

5.1 Relações conceptuais e papéis temáticos

Para definirmos papéis temáticos, iniciemos distinguindo-os das Relações Conceptuais Temáticas, as RCTs. Para isso, tomemos como exemplos as sentenças a seguir:

(71) Gilmara abriu a porta.

(72) O vento abriu a porta.

Qualquer falante do português sabe que as sentenças acima não são iguais. A informação trazida em (71) é de que Gilmara [abridor voluntário] abriu a porta, e a trazida em (72) é de que o vento [abridor involuntário] desencadeou esse evento. Essas informações fazem parte dos dados a que qualquer falante tem acesso direto, fazem parte de uma estrutura conceptual²¹, ou seja, do mundo das ideias. Cada informação dessa, ou seja, cada RCT é um conceito armazenado na memória do falante e está associada ao que chamaremos de esquemas dos verbos. Vejamos, a título de ilustração, a figura a seguir:

²¹ Em oposição à estrutura argumental (linguística).

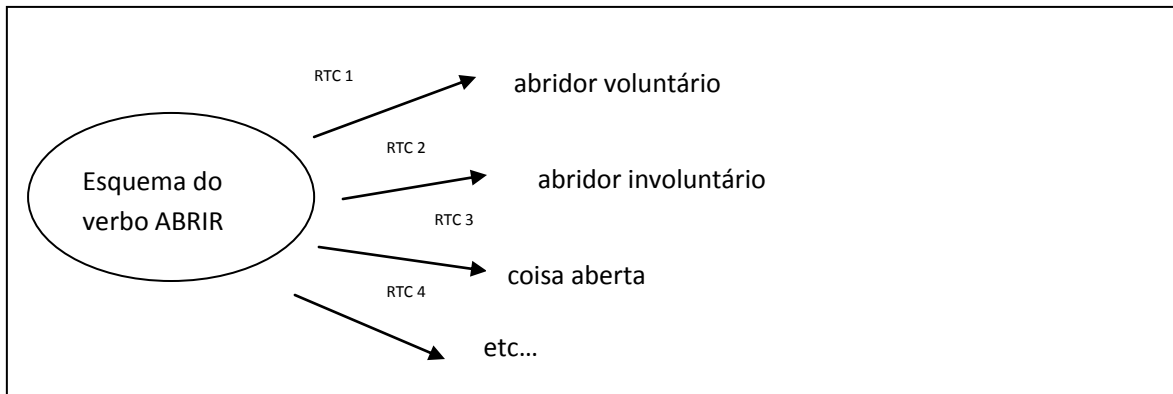


FIGURA 1 – Estrutura Conceptual (mundo das ideias)

As RCTs são informações derivadas do significado dos verbos, distintas de maneira muito fina. Ao ouvirmos determinado verbo, de imediato selecionamos RCTs que estão associadas a ele. Entretanto, como o falante tem acesso direto a essas informações, não é preciso representar todas elas na descrição gramatical. A língua seleciona as RCTs que se comportam de modo parecido e as trata como um único papel temático, pois do ponto de vista linguístico, não há diferença entre elas²². Vejamos:

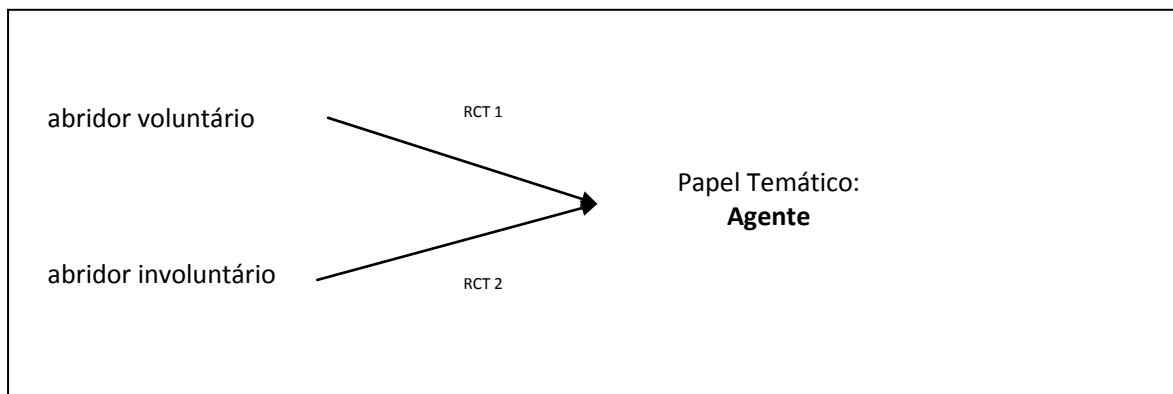


FIGURA 2 – Estrutura argumental (linguística)

Como, nos exemplos (71) e (72), as RCTs 1 e 2 são relacionadas sintaticamente (ambas possuem função sintática de sujeito) e semanticamente (ambas indicam o desencadeador de um evento), podemos tratá-las, linguisticamente, como um mesmo papel temático (Agente). Assim, são agrupadas, em um mesmo papel temático, RCTs que são codificadas da mesma maneira pela gramática da língua e que possuem certa semelhança

²² Podemos dizer que um Papel Temático é um feixe de RCTs.

semântica. Nas palavras de Jackendoff (1990, p.48, *apud* Perini, 2008, p.188), “a ‘estrutura argumental’ pode ser concebida como abreviatura da parte da estrutura conceptual que a sintaxe consegue ‘ver’”. Retomemos os exemplos (71) e (72) acima e vejamos que são, portanto, representados de forma idêntica:

(71) Gilmara abriu a porta.

H V SN

Agente

(72) O vento abriu a porta.

H V SN

Agente

Para finalizar, notemos que a noção de papel temático relaciona forma linguística (função sintática) e conceitos (esquemas). Para entendermos melhor isso, tomemos como exemplo as sentenças a seguir:

(73) Sofia beliscou Téo.

H V SN

Agente Paciente

(74) Sofia unhou Téo.

H V SN

Agente Paciente

Apesar de os esquemas de *beliscar* e *unhar* envolverem RCTs diferentes, pois a ação de unhar envolve a utilização das unhas e a de beliscar não, a língua trata de forma igual os constituintes “Sofia” e “Téo” em (73) e (74), atribuindo-lhes os mesmos papéis temáticos (Sofia = Agente; Téo = Paciente). Uma das razões para isso é, como já vimos, o fato de eles serem semanticamente relacionados: “Sofia” é desencadeador de um evento tanto em (73) como em (74) e “Téo” sofre mudança de estado nas duas sentenças.

Entretanto, essa não é a única relação a ser considerada na atribuição dos papéis temáticos, que possuem também uma mesma codificação gramatical, no caso, mesma função sintática: tanto em (73) e em (74), “Sofia” está na posição de sujeito e “Téo” é SN pós-verbal, com função de objeto direto. Nota-se que, caso essa última relação não fosse levada em consideração, teríamos dificuldades de interpretação, não saberíamos dizer quem agiu sobre

quem, se Sofia beliscou/unhou Téo ou se Téo beliscou/unhou Sofia. Mas, por outro lado, caso considerássemos apenas essa relação, acabaríamos igualando papéis temáticos e funções sintáticas.

Logo para definir o papel temático, temos que levar em consideração a configuração sintática da sentença e o conhecimento que temos sobre o verbo, seu conteúdo semântico.

5.3 Problemas

Apresentado o conceito de papéis temáticos, em seguida poder-se-ia passar à etapa de apresentar uma lista que os indentificasse e definisse. Entretanto, além de os linguistas não concordarem em relação a quais papéis temáticos compõem essa lista, também não há consenso entre eles a respeito de suas definições.

Cançado (2005) exemplifica essa divergência apontando discordâncias entre Fillmore (1968), Halliday (1967) e Chafe (1970) sobre a definição de Agente: para Fillmore, Agente é um ser animado que é responsável, voluntária ou involuntariamente, pela ação ou desencadeamento de um processo; para Halliday, o Agente é o elemento capaz de controlar uma ação; e, para Chafe é ser animado, inanimado ou elemento da natureza capaz de realizar uma ação.

Diante disso, Cançado (2005), como muitos outros autores, propõe sua própria lista de papéis temáticos composta por:

1. Agente: desencadeador de alguma ação com controle;
2. Causador: desencadeador de alguma ação sem controle;
3. Instrumento: meio pelo qual a ação é desencadeada;
4. Paciente: elemento que sofre efeito da ação, sofre mudança de estado;
5. Tema: entidade deslocada por uma ação;
6. Experienciador: ser animado que mudou ou está em estado mental, perceptual ou psicológico;
7. Beneficiário: entidade beneficiada pela ação;
8. Objeto estativo: entidade à qual se faz referência;
9. Locativo: local onde algo está situado ou ocorre;
10. Alvo: entidade para onde algo se move;
11. Fonte: entidade de onde algo se move.

Entretanto, a tarefa de delimitar os papéis temáticos por meio da elaboração de uma lista não é algo tão fácil. Frequentemente nos vemos diante de RCTs que não se encaixam em nenhuma das categorias apresentadas por Cançado ou por quaisquer outros autores. Vejamos, como exemplo, a sentença a seguir:

(75) Camila fala inglês²³.

Na frase acima, não há problemas quanto à atribuição do papel temático do sujeito (Camila = Agente), porém o mesmo não ocorre com o complemento “inglês”, que não parece se incluir em nenhum dos papéis temáticos tradicionais, o que evidencia uma lacuna nas listas de papéis temáticos propostas até o momento.

Situações como a exemplificada acima ocorrem com frequência. Muitas vezes encontramos RCTs tão particularizadas que não se encaixam em categorias de papéis temáticos (categorias menos elaboradas). Isso dá a impressão de que não estamos diferenciando RCTs de papéis temáticos, como se cada RCT fosse representada por um papel temático distinto. Uma descrição assim, que levasse em conta diferenças mais finas, provocaria uma lista enorme de papéis temáticos, e, além disso, desconsideraria sua natureza esquemática, que se caracteriza por reunir RCTs formal e semanticamente semelhantes em um só papel temático.

Ainda com relação a esse problema, vejamos a proposta de Cançado (2009), apoiada em Dowty (1991), de identificar os papéis temáticos por meio da noção de acarretamentos. A ideia de Dowty é a de que o falante infere um grupo de propriedades semânticas a partir de um determinado item lexical. Para Cançado, da mesma forma, um predador (verbo) acarreta um ou mais argumentos (complementos), que possuem um grupo de propriedades semânticas. O conteúdo semântico da relação do argumento com seu predador é chamado de papel temático.

Entretanto, devido ao extenso rol de propriedades semânticas que cada argumento possui, os acarretamentos vão nos dar uma lista excessivamente particularizada de RCTs, levando-nos a grandes listas de acarretamentos de papéis temáticos individuais.

Consideremos como exemplos as frases a seguir:

(76) Vítor chupou a bala.

²³ Também serviriam como exemplos as sentenças *Camila estuda inglês* e *Camila entende inglês*.

(77) Vítor mastigou a bala.

As frases acima acarretam coisas diferentes. Em (76), Vítor, para ingerir a bala, utiliza apenas a língua, ao passo que, em (77), utiliza também os dentes. Apesar disso, não atribuímos papéis temáticos distintos ao constituinte “Vítor” nas duas frases, ambos são Agentes. Como já vimos, se fizéssemos distinções mais finas como estas identificadas aqui, estaríamos igualando papéis temáticos e RCTs.

Como os papéis temáticos envolvem relações esquemáticas, nem todos os acarretamentos podem ser utilizados em sua definição. Cançado (2009) reconhece isso e propõe que sejam usados na definição de papéis temáticos apenas acarretamentos relevantes para uma teoria gramatical. Entretanto, como não são estabelecidos critérios para essa seleção, definir os Papéis Temáticos por meio da noção de acarretamento é problemático.

Enfim, diante dos problemas expostos, nesta pesquisa não apresentaremos uma lista dos papéis temáticos existentes no português. Entretanto, como eles são necessários para a descrição da valência dos verbos, na seção 5.5 procuraremos definir aqueles que ocorreram com os verbos de derramamento.

5.4 Atribuição de papéis temáticos

Como lançamos mão dos papéis temáticos em nossas descrições, é relevante refletirmos também sobre o que determina sua atribuição. O verbo é considerado o responsável por atribuir papéis temáticos a seus complementos, a partir de suas marcas semânticas e/ou sintáticas. Entretanto, além desse, consideramos, conforme Perini (2008), que existem outros determinantes para a atribuição dos papéis temáticos, como a função sintática dos complementos, a presença de certas preposições e o significado dos sintagmas nominais.

Voltemos ao exemplo (73) anteriormente apresentado:

(73) Sofia beliscou Téo.

H	V	SN
Agente		Paciente

A identificação dos papéis temáticos dessa frase depende da função sintática dos sintagmas “Sofia” (Sujeito) e “Téo” (SN não sujeito / Objeto). Não fosse isso, não saberíamos dizer

quem atuou sobre quem, se Sofia beliscou Téo ou Téo beliscou Sofia, logo não poderíamos atribuir corretamente os papéis temáticos Agente e Paciente.

Além disso, outro fator que pode determinar a atribuição de papéis temáticos é a presença de certas preposições. Algumas preposições, como a *de* em *Eu gosto de sorvete*, não parecem ter essa função, pois são opacas em relação ao significado, mas outras podem introduzir certos papéis temáticos. Vejamos, a seguir, que o papel temático Causa atribuído ao complemento da frase (78) se deve à presença da preposição²⁴ *por causa de*:

(78) Ela telefonou por causa do anúncio.

Algumas preposições não são tão transparentes como a exemplificada acima, mas ainda assim parecem prever determinados papéis temáticos. A preposição *com*, por exemplo, parece preferir, dentre os papéis temáticos existentes, os de Companhia e Instrumento, delimitando as possibilidades. Vejamos:

(79) Minha mãe trabalhava com o meu pai.

(80) Eu cortei minha mão esquerda com a faca.

Os papéis temáticos dos Spreps em (79) e (80), respectivamente Companhia e Instrumento, não parecem ter sido atribuídos pelos verbos *trabalhar* e *cortar*, mas sim pela preposição *com*.²⁵

Por fim, consideremos também a possibilidade de o papel temático de um constituinte não ser atribuído nem pelo verbo, nem pela preposição de uma sentença, mas pelo próprio sintagma nominal. Na frase (81) *Esta manhã, eu trabalhei muito*, por exemplo, o papel temático Tempo de “esta manhã” parece depender do significado desse SN, de seu conteúdo lexical.

5.5 Papéis temáticos presentes nas construções de derramamento

²⁴ Neste trabalho, serão consideradas preposições tanto as preposições simples da GT quanto as denominadas “locuções prepositivas”.

²⁵ Fatores extragramaticais, ligados ao nosso conhecimento de mundo, também podem agir na atribuição dos Papéis Temáticos. É esse tipo de conhecimento que nos mostra, por exemplo, se a preposição *com* indica companhia ou instrumento.

Como vimos, o estudo dos papéis temáticos não se dá de forma tranquila. Além de não haver consenso entre os linguistas acerca de quais são eles e de como se definem, seu estudo ainda é limitado, como, por exemplo, no que diz respeito aos fatores que determinam sua atribuição. Por isso, não temos, com este trabalho, a pretensão de elaborar uma lista que contenha os papéis temáticos existentes e suas respectivas definições. Entretanto, como eles estão presentes em nossas descrições, apresentamos nesta seção, baseando-nos nas definições de Perini, aqueles que constam nas diáteses de derramamento²⁶, assim como uma breve explicação sobre como os definimos.

Agente: entidade desencadeadora de um evento.

Optamos pelo termo *evento*, em vez de *ação*, porque entendemos que muitas vezes não há nenhuma ação envolvida na sentença, como em (82) *Dona Alzira perdoa com facilidade*. Além disso, não diferenciamos Agente e Causador, como Cançado (2005). Para nós, o papel temático Agente abrange as RCTs “causador voluntário” e “causador involuntário”. Como vimos nos exemplos (71) *Gilmara abriu a porta* e (72) *O vento abriu a porta*, o falante tem acesso direto à informação de que “Gilmara” é um causador voluntário e “o vento” é um causador involuntário, não sendo necessário marcá-la linguisticamente. Em consequência de não fazermos essa distinção, consideramos que o Agente, além de poder ser voluntário ou involuntário, pode ter controle ou não.

Paciente: entidade que muda de estado.

Não utilizamos a definição tradicional de que o Paciente é o elemento que sofre uma ação, primeiramente, como já vimos, por causa das limitações do termo *ação*, e, em segundo lugar, porque entendemos que o verbo *sofrer* possui uma carga negativa que nem sempre está presente na sentença. Por exemplo, em (83) *Os noivos decoraram o apartamento*, o Paciente *o apartamento* não sofre, apenas muda do estado de não decorado para o estado de decorado.

Tema: entidade que se move devido a um evento.

Fonte: entidade de onde algo se move.

²⁶ Apesar de sabermos que existem muitos outros papéis temáticos, encontramos apenas seis em nossa pesquisa, devido aos traços de significado dos verbos de “derramamento”.

Meta²⁷: entidade para onde algo se move.

Trajatória: trajeto percorrido por uma entidade em um dado movimento.

Como os verbos de derramamento indicam a ocorrência de um deslocamento, isto é, que uma substância fluida move-se de um ponto em direção a outro²⁸, eles ocorreram, em nosso *corpus*, frequentemente com os papéis temáticos Tema, Fonte, Meta e Trajetória, que indicam respectivamente a entidade deslocada, a origem do deslocamento, o final desse movimento e o percurso do mesmo.

Para finalizarmos este capítulo, convém deixar claro que, além de serem interpretados literalmente, como vimos, os papéis temáticos também podem ser interpretados de forma “virtual”. Vejamos o exemplo a seguir:

(84) O estagiário derramou suas ideias na reunião.

H	V	SN	prep SN
Agente		Tema	Meta

Na frase (84), por exemplo, “suas ideias” será Tema, apesar de sabermos que o deslocamento ocorrido neste caso não foi literal. Logo, o deslocamento do Tema pode ser, não só físico, mas também virtual.

Também pode acontecer de os papéis temáticos serem usados metonimicamente. Na tradição gramatical, metonímia é definida como um recurso da linguagem que “consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada”, conforme se lê em Cegalla (1994, p.544). Casos frequentemente citados são, por exemplo, quando se usa o autor pela obra (*Ela está lendo Camões*) ou a parte pelo todo (*Essa família precisa de um teto*).

Poderíamos, ainda, lembrar com Cabrera (1998, p. 217) que a contiguidade é o princípio condutor dos deslocamentos metonímicos, pensamento esse presente também nas considerações de Lopes (1986, p. 23), segundo o qual a metonímia é “uma figura que afeta a contiguidade” de certas formações, na medida em que se efetua uma “troca de termos contíguos A e B”, quando se constrói um contexto em que se esperava que aparecesse A, “mas em seu lugar aparece seu contíguo B”.

Por fim, convém citar Martelotta et alii (1996, p. 57), que asseveram o seguinte a respeito da metonímia: “Trata-se de uma mecanismo que atua sintagmaticamente,

²⁷ Chamaremos de Meta o que Cançado (2005) nomeia de Alvo. A distinção é apenas de nomenclatura.

²⁸ Veremos esse traço de significado dos verbos de derramamento no capítulo a seguir.

caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem”.

Tendo em vista tais considerações, devemos observar que deslocamentos metonímicos ocorrem também com os papéis temáticos selecionados pelos verbos analisados. Observem-se os exemplos (85) e (86) a seguir:

(85) Eu derramei o copo de leite.

H	V	SN
Agente		Tema

(86) O copo derramou.

H	V
Tema	

Em (85), o “copo de leite” representa a substância deslocada (Tema), e não o recipiente que armazena tal substância (Fonte). Entendemos que o que fora derramado é o que estava dentro do copo, no caso, o leite, e não o próprio copo. Da mesma forma, em (86), não entendemos que “o copo” – recipiente – derramou, mas sim a substância que estava contida nele. Logo, temos o uso da expressão que codifica Fonte para se referir, de fato, ao Tema. Para fazermos tal interpretação, lançamos mão de inferências pragmáticas, como nosso conhecimento de mundo. Assim, como temos previamente o conhecimento de que copos não podem ser derramados, não identificamos “o copo de leite” e “o copo”, em (85) e (86) respectivamente, como Fonte, mas sim como Tema.²⁹

²⁹ Voltaremos a tratar disso na seção 7, *Construções Detectadas*.

6. OS VERBOS DE DERRAMAMENTO

Como foi dito na introdução deste trabalho, são seis os verbos de derramamento detectados no levantamento de dados efetuado: *derramar*, *entornar*, *escoar*, *escorrer*, *vazar* e *verter*. Neste capítulo, definiremos semanticamente esses verbos, de modo a deixar claro por que podemos afirmar que pertencem a um grupo comum. Justificaremos também por que alguns verbos com significados muito próximos desses ficaram de fora desta pesquisa. Além disso, refletiremos sobre o caráter polissêmico dos verbos de derramamento e sobre a relação disso com as valências que possuem.

6.1 Definição semântica dos verbos de derramamento

Definem-se como verbos de derramamento aqueles que, em pelo menos uma ocorrência do português, possuem, **simultaneamente**, os seguintes traços de significado:

1. *Presença de uma substância de caráter fluido:*

Os verbos de derramamento indicam o deslocamento de substâncias que possuem determinadas características, e não de quaisquer substâncias. Há substâncias que podem ser derramadas ao passo que outras não. Vejamos que a sentença (87) é aceitável no português, mas a (88) não o é:

(87) Mamãe derramou o suco na jarra.

(88) *Mamãe derramou o bife no prato.

Para haver derramamento, deve existir uma substância fluida. Segundo o dicionário Aurélio (2009), substâncias fluidas, para a física, são aquelas que tomam a forma do recipiente em que estão colocadas. Dessa forma, entenderemos como substâncias fluidas, não só líquidos, mas gases, substâncias pastosas ou sólidos como grãos ou outras miudezas. Tais substâncias, ao contrário de outras, possuem o potencial de serem derramadas.

Para ampliarmos nossa definição de substância fluida, recorramos ao que Langacker (1991) diz sobre os *Mass Nouns*, ou seja, os substantivos de massa. Para o autor, os substantivos de massa nomeiam substâncias que

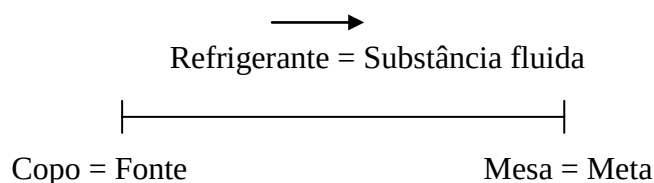
- possuem expansão espacial indeterminada;
- são internamente homogêneas, qualquer parte equivale ao todo;
- podem se expandir ou contrair, sem que isso afete sua essência;
- não são pluralizáveis.

Tais características levantadas por Langacker (1991) para os substantivos de massa se assemelham às das substâncias fluidas dos verbos de derramamento. Em primeiro lugar, não se pode determinar os limites (contornos) das substâncias designadas por substantivos como água, leite, gás, sorvete, arroz, areia e outros. Além disso, essas substâncias são internamente homogêneas, no sentido de Langacker, pois uma gota de água de um recipiente, por exemplo, possui a mesma característica do restante do líquido armazenado, assim como alguns grãos de um saco de arroz, cuja parte possui a mesma propriedade do todo. Essa homogeneidade faz com que os substantivos de massa, assim como as substâncias fluidas, possam ser expandidos ou contraídos sem que isso modifique a essência dos mesmos. Por fim, devido a sua característica de ser não contável, não podemos pluralizar tais substâncias. Soa estranho, por exemplo, dizer *Eu comprei dois arrozes* ou *Eu comprei uma areia*, em que “uma” é numeral, não artigo. Quando queremos quantificar essas substâncias, usamos unidades como um quilo, um pacote, etc.

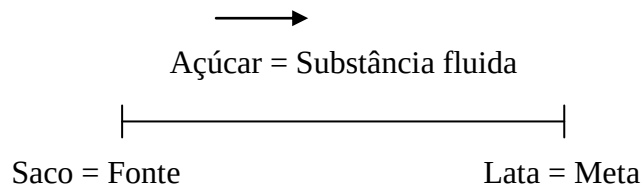
2. *Deslocamento:*

Os verbos de derramamento indicam que, necessariamente, devido a uma ação ou evento, ocorre um deslocamento, ou seja, que uma substância fluida (no todo ou em parte) move-se de um ponto a outro, como vemos a seguir:

(89) Amanda entornou o refrigerante do copo na mesa.



(90) Amanda entornou o açúcar do saco na lata.



Como as substâncias deslocadas são fluidas, um derramamento geralmente envolverá a presença de um recipiente, podendo tais substâncias serem derramadas de dentro para fora de um recipiente, como em (89), ou, ao contrário, de fora para dentro, como em (90).³⁰

3. *Acarretamento de mudança de forma*

Também devido às substâncias deslocadas serem fluidas, tomando a forma do recipiente em que são colocadas, seu derramamento acarreta uma mudança de forma das mesmas. Voltemos às frases (89) e (90):

(89) Amanda entornou o refrigerante do copo na mesa.

Momento 1 = o refrigerante possui a forma do recipiente em está colocado: do copo.

Momento 2 = o refrigerante muda de forma, estando espalhado sobre a mesa.

(90) Amanda entornou o açúcar do saco na lata.

Momento 1 = o açúcar possui a forma do recipiente em que está colocado: do saco.

Momento 2 = o açúcar possui a forma da lata na qual foi entornado.

³⁰ Isso, entretanto, não é regra. As sentenças *O rio verde da serra, A chuva escoou toda e O suor escorria lentamente*, por exemplo, não implicam a presença de nenhum recipiente. No item 6.3, veremos que há uma variabilidade enorme de acepções para os verbos de derramamento, além da acepção básica (definida por esses três traços semânticos).

Tendo em vista os traços acima explicitados, podemos resumir a definição semântica dos verbos de derramamento tomando como exemplo a seguinte frase:

Renata derramou vinho no tapete da sala.

Em que: Renata = X

vinho = Y

no tapete da sala = Z

concluindo que os verbos de derramamento

- 1) Afirmam que X causa o deslocamento de Y, tal que Y é uma substância fluida;
- 2) Afirmam que Y sofre um deslocamento em direção a Z;
- 3) Acarretam a ocorrência de uma mudança de forma de Y.

6.2 Alguns verbos que ficaram de fora

Tendo definido semanticamente os verbos de derramamento, cabe esclarecer aqui por que alguns verbos, embora aparentemente semelhantes a estes, não foram incluídos nesse grupo. Vejamos alguns exemplos:

(91) João derramou o leite no chão.

H	V	SN	prep SN
Agente		Tema	Meta

(92) João derrubou o livro no chão.

H	V	SN	prep SN
Agente		Tema	Meta

Nos exemplos acima, vemos que “o leite” e o “livro” são deslocados das mãos de João em direção ao chão. Ambos passam por um processo de deslocamento e, mais do que isso, as frases (91) e (92) ocorrem na mesma diátese (H Agente + V + SN Tema + prep SN Meta). Entretanto, não podemos dizer que os verbos *derramar* e *derrubar* compartilham o mesmo significado. O verbo *derramar*, como já vimos, ocorre necessariamente com uma substância fluida, já o verbo *derrubar* não (podem-se derrubar coisas constituídas de quaisquer

materiais). Além disso, o verbo *derrubar* não possui outro traço semântico dos verbos de derramamento, o acarretamento de mudança de forma. Voltando aos exemplos acima, devido ao caráter fluido do leite, entendemos que, ao se espalhar no chão, ele muda de forma, mas não podemos dizer o mesmo sobre o livro.

Outro verbo que vale a pena mencionarmos é o verbo *pingar*. Podemos dizer que esse verbo ocorre em uma mesma diátese com os três traços definitórios dos verbos de derramamento. Como vemos no exemplo a seguir, uma substância fluida (“água”) é deslocada de dentro para fora do chuveiro, mudando de forma ao espalhar-se no chão:

(93) O chuveiro está pingando água.

H	V	SN
Fonte		Tema

No entanto, nesta pesquisa, consideramos que o significado do verbo *pingar* se afasta um pouco do significado dos verbos de derramamento. O deslocamento de substância fluida descrito por esse verbo, além de ser em proporções mínimas, ocorre em gotas, não em “fio” como nos demais verbos de derramamento. Portanto, mesmo cientes de que esse verbo possui em uma mesma diátese os três traços de significado dos verbos de derramamento, optamos por não inclui-lo no grupo.

Por fim, há alguns verbos no português que sugerem movimento, como *ir*, *vir*, *chegar*, *voltar*, etc. Esses verbos indicam que algo se deslocou de um lugar ao outro e poderiam também indicar, assim como os verbos de derramamento, o deslocamento de uma substância fluida, como em

(94) O óleo usado voltou todo para a lata.

Porém esses verbos têm valor muito geral, podendo se referir a qualquer tipo de coisa, como por exemplo no caso do verbo *voltar*:

(95) A família voltou para a casa antiga.

(96) A nota falsa voltou para as mãos do rapaz.

(97) Minha cunhada voltou para o marido.

(98) O comercial voltou ao ar.

Por essa amplitude no que diz respeito ao significado desses verbos, também não são incluídos no grupo dos verbos de derramamento.

6.3 Outras acepções dos verbos de derramamento

Os três traços semânticos apresentados no item 6.1 definem uma acepção básica para os verbos de derramamento, que justifica incluí-los em um mesmo grupo de verbos. Porém esses verbos, por serem polissêmicos, também podem ocorrer em outras acepções³¹. Vejamos, a seguir, alguns exemplos³²:

Derramar

- a. “exalar, difundir”: *As flores derramaram todo o seu perfume.*
- b. “expressar sentimento de forma abundante”: *A moça derramou suspiros durante todo o filme.*
- c. “divulgar, propagar”: *O jovem derrama suas ideias por onde vai.*
- d. “liberalizar”: *O casal de empresários derramou 30 mil reais no empreendimento do filho.*

Entornar

- a. “colocar, por”: *Mamãe entornou o açúcar na lata de alumínio.*
- b. “ingerir bebida alcoólica em grande quantidade”: *Tiago entornou todas na festa.*
- c. “dissipar”: *Jair entornou todos os bens que possuía.*

Escoar

- a. “dar vazão, saída”: *A mercadoria escoou sem problemas.*
- b. “fazer fluir”: *O policiais escoaram os manifestantes sem dificuldade.*
- c. “ficar para trás, passar, dissipar-se”: *A felicidade do casal escoou com o passar do tempo.*

³¹ Uma nova acepção, como veremos na seção a seguir, nem sempre indicará a existência de uma nova diátese.

³² As acepções apresentadas nesta seção foram baseadas no *Dicionário da Língua Portuguesa* de Ferreira (2009), no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Houaiss (2004) e nos demais dados de nossa pesquisa. Não esgotamos todas as possibilidades de acepções, apenas apresentamos algumas para efeitos de ilustração.

Escorrer

- a. “pender”, “descair”: *O manto escorre dos ombros da moça.*
- b. “suar abundantemente”: *O rapaz escorria por causa do calor.*

Vazar

- a. “tornar vazio, esvaziar”: *A empregada vazou a gaveta.*
- b. “abrir vão, furar, cavar”: *O artesão vazou a peça de madeira.*
- c. “passar através de, transpassar, atravessar”: *O punhal vazou o pescoço da vítima.*
- d. “tornar conhecido algo sigiloso”: *A notícia vazou ontem.*
- e. “deixar um local, ir embora”: *O Rafa já vazou.*³³

Verter

- a. “espalhar, difundir”: *O dragão vertia fogo pelas ventas.*
- b. “jorrar, brotar”: *Este rio verte do alto daquela serra.*
- c. “correr para, desaguar”: *O rio São Francisco verte no oceano Atlântico.*
- d. “passar de uma língua para outra”: *Lutero verteu a bíblia para o alemão.*

Os exemplos acima demonstram que os verbos de derramamento também ocorrem com acepções distintas da que foi definida como básica pelos três traços semânticos apresentados. O que os caracterizam como pertencentes a um grupo comum é o fato de, em pelo menos uma construção da língua, eles ocorrerem com os três traços definitórios simultaneamente, conforme já destacamos.

6.4 Polissemia e Valência Verbal

Como vimos no item anterior, os verbos de derramamento possuem diversas acepções, além daquela que definimos como básica por meio de três traços semânticos. Entretanto, não podemos dizer que existe relação direta entre os significados que esses verbos assumem e as

³³ Esta acepção, apesar de ocorrer em nosso *corpus*, não é apontada por nenhum dos dicionários consultados. É, entretanto, muito frequente no uso coloquial.

diáteses em que ocorrem, isto é, nem sempre uma nova acepção indicará a existência de uma nova diátese. Vejamos:

(99) A água da chuva escoou.

H V

Tema

(100) A mercadoria escoou sem problemas.

H V

Tema

Nessas frases, o verbo *escoar* tem acepções distintas: em (99), ele está em sua acepção básica e significa “correr (líquido) lentamente”; já em (100), significa “dar vazão, saída”. Entretanto, nem por isso as frases ocorrem em diáteses diferentes, ambas ocorrem na diátese Ergativa de derramamento (H Tema + V)³⁴.

É claro que há casos em que a diátese muda quando se muda a acepção do verbo, como em (101) e (102) a seguir, em que o verbo *entornar* é utilizado com os significados “correr substância fluida para fora, esparramar” e “ingerir bebidas alcoólicas em grande quantidade”, respectivamente. Vejamos:

(101) Ele entornou uma garrafa d’água no chão.

H V SN prepSN

Agente Tema Meta

(102) Ele entornou uma garrafa de vódka [na festa].

H V SN

Agente Tema

Meta

No entanto, como vimos, não podemos afirmar que a diátese muda sempre que se altera a acepção verbal. Além disso, como pode ser verificado a seguir, nem sempre um grupo de verbos semanticamente relacionado possui valências comuns, o que põe em xeque a ideia de Levin (1993)³⁵ de que verbos semanticamente semelhantes tendem a ocorrer na mesma

³⁴ No capítulo a seguir trabalharemos com as definições de cada diátese encontrada nesta pesquisa.

³⁵ Ver seção 3.3.4.

diátese. Consideremos, como exemplo, os verbos de derramamento *entornar* e *vazar*, e vejamos como eles ocorrem em construções diferentes:

(103) O óleo entornou. [Construção Ergativa de derramamento]³⁶

H V

Tema

(104) A garrafa entornou óleo. [Construção de Sujeito Fonte]

H V SN

Fonte Tema

(105) Mamãe entornou o óleo. [Construção Transitiva de Agente e Tema]

H V SN

Agente Tema

Analisando as sentenças acima, verificamos que o verbo *entornar* ocorre na *Construção Ergativa de derramamento*, na *Construção de Sujeito Fonte* e na *Construção Transitiva de Agente e Tema*, ao passo que o verbo *vazar* ocorre na *Construção Ergativa de derramamento* e na *Construção de Sujeito Fonte*, mas não na *Construção Transitiva de Agente e Tema*, como vemos a seguir:

(106) O óleo vazou. [Ergativa de derramamento]

H V

Tema

(107) A garrafa vazou óleo. [Construção de Sujeito Fonte]

H V SN

Fonte Tema

(108) *Mamãe vazou o óleo. [*Transitiva de Agente e Tema]

H V SN

Agente Tema

³⁶ As diáteses indicadas nestes exemplos serão definidas no capítulo 7. Por ora, utilizamo-nas apenas a título de ilustração.

Assim, apesar de pertencerem a um grupo semanticamente comum, os verbos de derramamento *entornar* e *vazar* não possuem a mesma valência, o que aponta para a necessidade de mais estudos para verificar a validade da proposta de Levin (1993), de que verbos semanticamente semelhantes tendem a ocorrer nas mesmas diáteses, isto é, a possuir a mesma valência. Até o momento, as evidências não confirmam tal hipótese.

7. CONSTRUÇÕES DETECTADAS

Neste capítulo, descrevemos as construções que foram identificadas para os verbos de derramamento, que são o foco nesta pesquisa, ou seja, as que ocorreram nos dados analisados. Além de construções inéditas, há algumas que já foram identificadas por Perini (2008), com relação à análise de outros verbos.

No que diz respeito ao rótulo dado às construções, aquelas inéditas foram nomeadas por nós, sendo elas a *Construção Ergativa de Derramamento*, a *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*, a *Construção Transitiva de Agente e Tema*, a *Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado*, a *Construção de Sujeito Tema*, *Sprep Fonte e Sprep Meta*, a *Construção de Sujeito Fonte* e a *Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Spreep Trajetória*.³⁷

Ainda em relação aos rótulos, algumas construções que anteriormente foram identificadas por Perini (2008) tiveram seus nomes mantidos e possuem à frente delas, entre parênteses, o número que cada uma recebeu no trabalho deste autor. São elas: a *Construção Transitiva* (C1) e a *Construção Transitiva de Agente-Meta* (C59). Outras construções, apesar de já terem aparecido no trabalho de Perini (2008), tiveram seus nomes alterados, pois representam construções prototípicas de derramamento, isto é, ocorrem com todos os seis verbos de derramamento em sua acepção básica (com os três traços definitórios do grupo vistos na seção 6.1), o que, ao nosso ver, deve ser marcado nos nomes que recebem neste trabalho. Estas construções possuem o termo “derramamento” em seus rótulos. Vejamos os nomes que tais construções receberam nesta pesquisa seguidos dos nomes dados por Perini (2008): *Construção Transitiva de Derramamento* [corresponde à *Construção Transitiva de Objeto Tema e Sprep Meta* (C23) de Perini (2008)]; *Construção de Derramamento com Sprep Fonte* [corresponde à *Construção Transitiva de Tema e Fonte* (C15) de Perini (2008)] e *Construção de Derramamento com Sprep Meta* [corresponde à *Construção Transitiva de Tema e Meta* (C16) de Perini (2008)].

Explicaremos melhor a questão do rótulo das construções na seção 8.3, “Análise dos Resultados”. Por ora, concentremo-nos na descrição das construções:

³⁷ O rótulo é apenas uma maneira econômica de se referir à diátese. O que realmente é relevante é a descrição dela.

Construção Ergativa de Derramamento

H V
Tema

Uma construção do português já identificada por Perini e outros autores é a *Construção Ergativa*. Nela, o Paciente ocorre na posição de sujeito, ao contrário do que acontece na *Construção Transitiva*, em que o Paciente se encontra na posição pós-verbal. Vejamos:

(109) Eu quebrei o vaso. [Construção Transitiva]

H V SN
Agente Paciente

(110) O vaso quebrou. [Construção Ergativa]

H V
Paciente

A *Construção Ergativa de Derramamento* foi assim nomeada porque, nela, o Tema, que comumente ocorre na posição pós-verbal, encontra-se na posição do sujeito, como vemos a seguir:

(111) Eu derramei a água. [Construção Transitiva de Agente e Tema]

H V SN
Agente Tema

(112) A água derramou. [Construção Ergativa de Derramamento]

H V
Tema

Em (112), “a água”, que está na posição de sujeito, é Tema, pois se trata de uma substância deslocada de um lugar a outro devido a um evento.

Sobre essa construção, é importante salientar que foram encontrados dados em que há um uso metonímica da Fonte para representar o Tema, como em (113), a seguir:

(113) O copo derramou. [Interpreta-se: O conteúdo do copo derramou.]

H V

Tema

(114) O nariz do bebê está escorrendo. [Interpreta-se: A secreção do nariz do bebê está escorrendo]

H V

Tema

Em (113), “o copo” não é propriamente a substância derramada, ele representa o líquido que está contido nele e que fora derramado, recebendo, portanto, o papel temático Tema. Da mesma forma, em (114), uma secreção que escorre de dentro do nariz do bebê é representada metonimicamente por “o nariz do bebê”. Inferências pragmáticas (como o nosso conhecimento de que narizes não podem escorrer) levam-nos a interpretar corretamente a sentença.

Construção Transitiva (C1)

H	V	SN
Agente		Paciente

Na *Construção Transitiva*, o Sujeito é Agente e o SN pós-verbal é Paciente, como em:

(115) O prego vazou a parede do apartamento.³⁸

H	V	SN
Agente		Paciente

Em (115), “o prego” (Agente) desencadeia o evento de vazar, isto é, de atravessar a parede do apartamento (Paciente), a qual muda de estado, passando a ser uma parede vazada por um prego.

Notemos que essa construção não contém nenhum dos papéis temáticos que indicam o deslocamento característico dos verbos de derramamento (Tema, Fonte, Meta e Trajetória). Trata-se, portanto, de uma construção que não poderá ocorrer com esses verbos quando estes estiverem em sua acepção básica.

³⁸ Como foi dito na seção 6.3, os três traços semânticos dos verbos de derramamento, os quais foram apresentados neste trabalho, definem uma acepção básica para esses verbos, que podem ocorrer com diversas outras acepções. Este trabalho leva em conta todas as diáteses em que tais verbos ocorrem, para que se possa falar da sua valência, mesmo que em muitas delas não haja a acepção de derramamento.

Construção Transitiva de Agente e Tema

H	V	SN
Agente		Tema

Na *Construção Transitiva de Agente e Tema*, o sujeito é o Agente que causa o deslocamento de uma substância fluida, representada pelo SN pós-verbal com papel temático Tema. Vejamos a sentença a seguir em que “a cozinheira” (Agente) desencadeia o evento que faz com que “o macarrão” (Tema) movimente-se:

(116) A cozinheira escorreu o macarrão.

H	V	SN
Agente		Tema

Vejamos, ainda, outro exemplo da *Construção Transitiva de Agente e Tema*:

(117) O menino derramou a garrafa de água.

H	V	SN
Agente		Tema

Em (117), “o menino” é um Agente que desencadeia o evento de derramar “a garrafa de água”, que é Tema. Notemos que, nesta sentença, assim como nas sentenças (113) e (114), interpreta-se o Tema metonimicamente, pois entendemos que não é “a garrafa de água” que derrama, mas o líquido que está dentro dela. Logo, este é mais um caso em que temos a “Fonte pelo Tema” destacado anteriormente.

Resumindo, ao lado dos usos literais, a todo momento ocorrem, na língua em uso, casos de emprego metonímico dos papéis temáticos. Esta pesquisa não descarta tais usos, ao contrário, os incorpora, tal como se verifica nos exemplos anteriores, em que “o copo” de (113) *O copo derramou*, “o nariz do bebê” de (114) *O nariz do bebê está escorrendo* e “a garrafa de água” de (117) *O menino derramou a garrafa de água* não representam as Fontes que contêm a substância fluida deslocada, e sim a própria substância (Tema).

Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)

H	V	SN
Agente		Tema
Meta		

Conforme explicado no início deste capítulo, esta construção (C59) foi identificada por Perini (2008). Nossos dados também a ilustram, como se vê abaixo:

(118) Renata entornou uma garrafa de vinho [sozinha].

H	V	SN
Agente		Tema
Meta		

Nessa construção, o sujeito (“Renata”) é Agente e Meta, pois ele, ao mesmo tempo em que causa o evento, como o próprio rótulo indica, é a entidade para onde o Tema (“uma garrafa de vinho”) se move. Nela, o verbo *entornar* não indica um derramamento, mas a ingestão de bebida alcoólica em grande quantidade. Notemos que é o papel temático Meta que nos permite compreender que o vinho foi, na verdade, ingerido por Renata. Caso tal papel temático não fosse explicitado, a interpretação seria outra: entenderíamos que Renata, de fato, entornou a garrafa de vinho, derramou-a, não que ela a bebeu, como em:

(119) Renata entornou uma garrafa de vinho. [Construção Transitiva de Agente e Tema]

H	V	SN
Agente		Tema

Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado

H	V	Ø
Agente		Tema
Meta		

Esta construção, que também ocorre com o verbo *entornar* com a acepção de “ingerir bebida alcoólica em grande quantidade”, é muito parecida com a anterior. Nela, o sujeito também possui um papel temático duplo, pois, assim como na *Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)*, ele causa o evento do deslocamento da bebida e, ao mesmo tempo, é a entidade para a qual esta é deslocada.

A diferença desta construção em relação à anterior é que nesta o Tema (entendido apenas como bebida alcoólica) não é representado formalmente. O símbolo Ø representa este lugar vazio, que não é expresso sintaticamente. Vejamos:

(120) Os menores estavam entornando [quando a polícia chegou no bar].

H	V	Ø
Agente		Tema
Meta		

Assim como ocorre com o verbo *beber* em *Meu tio bebe*, em que não entendemos que “meu tio” bebe água ou qualquer outra bebida senão uma bebida alcoólica, em (120), somente bebidas alcoólicas são interpretadas como Tema. Isso se deve à semântica do verbo *entornar*, que, neste caso, como no do verbo *beber*, seleciona um Tema **específico**, o qual se denomina “privilegiado”.

Construção Transitiva de Derramamento ³⁹	H	V	SN	prep SN
	Agente		Tema	Meta

Na *Construção Transitiva de Derramamento* há um sujeito Agente que causa o deslocamento de um SN Tema para uma Meta representada por Sprep, como em:

(121) Diana derramou a lata de óleo no armário.

H	V	SN	prep SN
Agente		Tema	Meta

Na sentença acima, “Diana” (Agente) desencadeia o evento de derramamento de “a lata de óleo” (Tema) “no armário” (Meta).

Conforme destacado na seção 2.1, usamos a categorização “prep SN” em construções em que mais de uma preposição pode constituir o Sprep, como em (121), em que “no armário” poderia, por exemplo, ocorrer com a preposição *sobre*. Nas construções em que o Sprep é constituído de uma única preposição, esta virá expressa na diátese, como veremos na *Construção de Derramamento com SPrep Fonte* apresentada a seguir.

³⁹ Em Perini (2008), esta construção é identificada como *Construção Transitiva de Objeto Tema e Sprep Meta* (C23), como foi dito no início deste capítulo.

Construção de Derramamento com Sprep Fonte⁴⁰

H	V	de SN
Tema		Fonte

Esta construção é constituída de um sujeito Tema seguido de um verbo e de um Sprep Fonte. Vejamos:

(122) O óleo entornou da garrafa.

H	V	de SN
Tema		Fonte

Na sentença (122), “o óleo”, que possui a função sintática de sujeito, é a substância deslocada (Tema) e “da garrafa” é a entidade de onde tal substância se move. Em todo o nosso *corpus*, o Sprep Fonte só ocorreu antecedido da preposição *de*, por isso na notação desta construção consta o “de SN”, em vez do “prep SN”, conforme já observado na seção 2.1.

Construção de Derramamento com Sprep Meta⁴¹

H	V	prep SN
Tema		Meta

Na *Construção de Derramamento com Sprep Meta* há um sujeito Tema, seguido do verbo e de um Sprep Meta. Vejamos:

(123) Este rio verte no Oceano Pacífico.

H	V	prep SN
Tema		Meta

Como se pode ver, em (123), o “rio” (Tema) desloca-se para o “Oceano Pacífico” (Meta). É interessante observar que, nesta construção, não há uma única preposição que antecede o SN pós-verbal, que está, portanto, grafado como “prep SN” na formulação formal da diátese. Observem-se estes outros exemplos, que confirmam isso:

⁴⁰ Esta construção corresponde à *Construção Transitiva de Tema e Fonte (C15)*, de Perini (2008).

⁴¹ A *Construção de Derramamento com Sprep Meta* corresponde à *Construção Transitiva de Tema e Meta (C16)* de Perini (2008).

(124) O leite derramou *sobre* o travesseiro.

H	V	prep SN
Tema		Meta

(125) A água escoou *para* o reservatório.

H	V	prep SN
Tema		Meta

(126) O óleo escorreu *atrás da* pia.

H	V	prep SN
Tema		Meta

Resumindo, nesta construção, como mais de uma preposição pode constituir o Sprep, esta não será formalmente explicitada.

Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	H	V	por SN
	Tema		Trajetória

Esta construção é semelhante à anterior, também apresentando um sujeito Tema (“a água”); porém nela, como podemos ver no exemplo a seguir, o Sprep tem o papel temático de Trajetória (“pelo ralo”), o qual indica o trajeto percorrido pela entidade deslocada:

(127) A água escorreu pelo ralo.

H	V	por SN
Tema		Trajetória

Em todo o nosso *corpus*, o Sprep Trajetória somente ocorreu com a preposição *por*, o que fez com que optássemos por explicitá-la em nossa descrição (*por* + SN). Ainda sobre o Sprep Trajetória, notamos, em nossa pesquisa, que há a possibilidade de a preposição não vir sintaticamente expressa, como em (128) *A água escorreu [pela] rua abaixo*. No entanto, na descrição da diátese, foi levado em conta o uso frequente, não esse caso mais “especializado”.

Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória

A sentença a seguir exemplifica a *Construção Transitiva de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória*. Vejamos:

(131) O motoqueiro acidentado derramava sangue pela boca.

H	V	SN	por SN
Fonte		Tema	Trajectoria

Em (131), o sujeito “o motoqueiro” é Fonte, pois é a entidade de onde algo é deslocado: no caso, o sangue (Tema) é deslocado de dentro do motoqueiro. E o Sprep “pela boca” indica o percurso que o sangue faz em tal deslocamento, tendo, portanto, o papel temático Trajetória, que, como já foi dito, ocorre com a preposição *por*.

Definidas as construções detectadas em nosso *corpus* com os verbos de derramamento, vejamos, no próximo capítulo, quais ocorreram com cada um dos verbos em estudo.

8. VALÊNCIA DOS VERBOS DE DERRAMAMENTO

Tendo definido as construções em que os verbos de derramamento podem ocorrer, é possível, neste momento, identificar suas diáteses e, conseqüentemente, sua valência. Na seção 8.1, a seguir, faremos o levantamento das diáteses dos verbos de derramamento, exemplificando-as com trechos retirados de nosso *corpus*⁴². Posteriormente, a partir desse levantamento, apresentaremos, então, na seção 8.2, a valência dos verbos de derramamento. E, por fim, na seção 8.3, comentaremos os resultados desta pesquisa, fazendo um fechamento de quais foram as construções identificadas nesta pesquisa e de como cada uma se comporta, destacando quais delas ocorrem com todos os verbos de derramamento em sua acepção básica (as quais chamaremos de prototípicas de derramamento), além de outras observações importantes.

8.1 Diáteses dos verbos de derramamento

Como dissemos anteriormente, nesta seção, serão arroladas as diáteses dos verbos *derramar*, *entornar*, *escorrer*, *escoar*, *vazar* e *verter*, identificados neste trabalho como verbos de derramamento. Como já dissemos, descreveremos tanto aquelas diáteses em que tais verbos ocorrem em sua acepção básica, quanto as em que eles possuem outras acepções, ou seja, naquelas em que não há acepção de derramamento. Tal levantamento foi possível a partir da identificação das construções da língua portuguesa em que esses verbos ocorrem.

Como esta pesquisa tem como foco o estudo desses verbos na língua em uso, isto é, ocorrências da língua tais como se observam na realidade, o *corpus* utilizado para esse levantamento é constituído de dados orais e escritos da língua portuguesa, representativos do que de fato é utilizado pelos falantes, como já dissemos na seção 4.1.3.

Todos os trechos retirados desse *corpus* estão entre aspas e com as respectivas indicações das fontes de onde foram retirados. Tais sentenças foram transcritas tendo em vista recursos gráficos previamente estabelecidos na seção 4.1.3. As demais frases dadas como exemplos foram criadas por nós com base nos dados encontrados, o que já foi justificado na seção 4.1.2.

⁴² Ver composição e apresentação do *corpus* na seção 4.1.3.

Relembremos, ainda, que esta pesquisa tem caráter qualitativo, como já foi explicado na seção 4.1.1. Assim, a apresentação dos exemplos que ilustram as diáteses dos verbos de derramamento se dará em termos não numéricos, tendo como foco a descrição das diáteses.

Em relação aos rótulos dados às diáteses, conforme já foi explicado no capítulo 7, manteremos alguns já apresentados por Perini (2008) e criamos outros, sendo que todas as construções que ocorrem com todos os seis verbos de derramamento em sua acepção básica terão essa característica assinalada em seus nomes, sendo tratadas como diáteses prototípicas de derramamento. Assim, essas construções carregam o termo “derramamento” em seus rótulos. Voltaremos à essa questão na seção 8.3, quando faremos o levantamento de quais são essas construções; por ora basta sabermos os critérios utilizados.

Por fim, como todas as construções detectadas nesta pesquisa já foram definidas no capítulo anterior, neste capítulo, apesar de retomarmos algumas definições, iremos nos concentrar na apresentação e discussão dos exemplos, a fim de levantar as construções que correspondem às diáteses de cada verbo de derramamento.

A seguir, vejamos, então, as diáteses identificadas para cada verbo de derramamento.

8.1.1 Verbo *derramar*

O verbo *derramar* possui oito diáteses, as quais apresentamos a seguir:

1)

Construção	Ergativa	de	“A água derramou”. (RECLAME AQUI. Acesso em: 08 abr. 2011)⁴³
Derramamento			
H	V		“[...] a torneira está derramando”.
Tema			(PIADAS ONLINE. Acesso em: 08 abr. 2011)

Como vimos no capítulo 7, na *Construção Ergativa de Derramamento*, o Tema (substância deslocada), que comumente ocorre na posição pós-verbal, encontra-se na posição do sujeito, como ocorre com “a água”, em “A água derramou”.

⁴³ A referência completa de todas as sentenças será apresentada ao final deste trabalho, em seção própria.

É interessante destacar a possibilidade de ocorrer nesta construção um uso metonímico da “Fonte pelo Tema”, já que, devido a inferências pragmáticas, em “A torneira está derramando”, entendemos que a água da torneira está derramando. Nesta frase, conforme explicações na seção 5.5 e no capítulo 7, “a torneira” representa a substância deslocada (Tema), e não o recipiente que armazena tal substância (Fonte). Entendemos, devido ao nosso conhecimento de mundo, que a água que está dentro da torneira é que está derramando, e não a própria torneira.

2)

Construção Transitiva de Agente e Tema H V SN Agente Tema	“[Quando] a patroa derramou o suco de laranja [...]”. (MINHA ESCOLA DO CORAÇÃO, 26 maio 2009. Acesso em: 08 abr. 2011) “O Sol derrama a sua luz”. (FERREIRA, 2009)
--	--

Como se pode observar na frase “A patroa derramou o suco de laranja”, há, nesta construção, um H Agente (“a patroa”) que desencadeia o evento de derramar um SN Tema (“o suco de laranja”).

Uma observação interessante é o fato de não distinguirmos neste trabalho os papéis temáticos Causador e Agente, como já mencionamos na seção 5.5. Para nós, o papel temático Agente abrange as relações conceptuais “causador voluntário” e “causador involuntário”, que são acessadas pelos falantes de forma direta, não sendo necessário marcá-las linguisticamente. Daí o fato de entendermos que “o Sol” em “O Sol derrama a sua luz” é Agente, não Causador.

3)

Construção Transitiva de				“O zagueiro Cris derramou um balde cheio d’água na cabeça do treinador”. (UAI, 23 mar. 2001. Acesso em: 15 mar. 2011) “(A Record) derramou 300 milhões de reais na teledramaturgia”. (VEJA.COM, 10 out. 2007. Acesso em: 17fev. 2011) “Deus derramou um avivamento espiritual sobre o Brasil”. (UAI. 01 maio 2000. Acesso em: 15 mar. 2011)
Derramamento ⁴⁴				
H	V	SN	prepSN	
Agente		Tema	Meta	

Nesta construção, há um H Agente (“o zagueiro Cris”; “a Record”; “Deus”) que causa o deslocamento de um SN Tema (“um balde cheio d’água”; “300 milhões de reais”; “um avivamento espiritual”) para um Sprep Meta (“na cabeça do treinador”; “na teledramaturgia”; “sobre o Brasil”).

Como já foi dito na seção 2.1 e no capítulo 7, quando mais de uma preposição pode constituir o Sprep, como ocorre nesta construção, em vez de explicitarmos a preposição (*em* ou *sobre*, por exemplo) usamos a categorização “prep SN”.

4)

Construção de Derramamento com Sprep Fonte			A água derramava da caixa d'água. ⁴⁵
H	V	de SN	
Tema		Fonte	

Como vemos no exemplo acima, nesta construção um sujeito Tema (“a água”) desloca-se a partir de um Sprep Fonte (“da caixa d’água”). Como dissemos anteriormente (*cf.* seção 2.2 e capítulo 7), todas as vezes que o Sprep só ocorrer com uma preposição, esta será explicitada na diátese. Em nossos dados, observamos que todas as vezes que o Sprep é Fonte

⁴⁴ Nesta diátese, há a possibilidade de a Meta vir expressa por um SN, e não por um Sprep, como em “Maio derramou suas utopias (pelo) mundo afora” (Veja, 21 jan. 2008. Acesso em: 17/02/2011).

⁴⁵ Frase criada a partir de “A quantidade de água que derramava da caixa d’água [...]” (CARO LEITOR. Acesso em: 08 abr. 2011).

este ocorre com a preposição “de”, não sendo, a princípio, possível que nesta diátese apareça nenhuma outra preposição, por isso a categorização “de SN”, em vez de “prep SN”.

5)

Construção de Derramamento com Sprep Meta	“O bolo derramou todo no meu forno”. (TUDO GOSTOSO. Acesso em: 08 abr. 2011)
H V prep SN	O suco derramou sobre o forro da mesa.
Tema Meta	

Nesta construção, há um H Agente (“o bolo”; “o suco”) que é deslocado em direção a uma Meta representada pelo Sprep: “no meu forno”; “sobre o forro da mesa”. Diferentemente do que ocorre com a construção anterior, não há aqui uma preposição única que antecede o SN pós-verbal, que é, portanto, grafado como “prep SN”.

6)

Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	“A água do reservatório do meu carro está derramando pela tampa”. (YAHOO RESPOSTAS. Acesso em: 08 abr. 2011)
H V por SN	
Tema Traj	

Na *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória* há uma H Tema (“a água do reservatório do meu carro”) que se desloca por um determinado percurso (“pela tampa” = por SN), o qual é representado pelo *por* SN e recebe o papel temático Trajetória.

7)

Construção de Sujeito Fonte	“O veículo derramou produtos destinados ao setor agropecuário [...]”. (UAI. 23 jul. 2008. Acesso em: 15 mar. 2011) A garrafa está derramando óleo.
H V SN	
Fonte Tema	

Nos exemplos acima, os “produtos destinados ao setor agropecuário” e o “óleo” (Temas) são deslocados, respectivamente, de dentro de “o veículo” e de “a garrafa” (Fontes).

Em relação a este último papel temático (o do H), notemos que “o veículo” e “a garrafa” são entidades de onde parte a substância deslocada, não podendo ser tratadas como Agentes, mesmo segundo a concepção mais ampla que seguimos.

Para entendermos melhor esta construção, vejamos como ela se distingue da *Construção Ergativa de Derramamento*. Em “A garrafa está derramando”, por exemplo, “a garrafa” é Tema porque, como já dissemos, há aí um uso metonímico da “Fonte pelo Tema”, pois entendemos, devido ao nosso conhecimento de mundo, que não é “a garrafa” que derrama, mas o líquido que está contido nela. A contrário, na frase “A garrafa está derramando óleo” dada como exemplo, não há nenhum uso figurado, ou seja, “a garrafa” não representa a substância derramada, é de fato o recipiente de onde parte tal substância, portanto, seu papel temático é Fonte.

8)

Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória				“O conferente Mário José Josino derramava sangue pela boca [...]”. (VEJA.COM. 09 abr. 1997. Acesso em: 17 fev. 2011)
H	V	SN	por SN	
Fonte		Tema	Trajetória	

Para esta construção, já definida no capítulo 7, temos o exemplo “O conferente Mário José Josino derramava sangue pela boca”, em que o sujeito “o conferente Mário José Josino” é a Fonte de onde se desloca o Tema “sangue”, sendo que tal deslocamento se dá por determinada trajetória (“pela boca”).

8.1.2 Verbo *entornar*

O verbo *entornar* ocorre com nove diáteses. Vejamos:

1)

Construção Ergativa de Derramamento			“[E aí], o suco entornou”. (CRIS DE CASTRO VILAR. Acesso em: 17 fev. 2011) A garrafa de óleo está entornando. “O copo entornou”. (LUFT, 2003)
H	V		
Tema			

Em relação a esta diátese do verbo *entornar*, que já foi devidamente definida anteriormente, vale destacar o exemplo “O copo entornou”, em que não é propriamente “o

copo” que entorna, mas o líquido que está contido nele, o que já vimos que se trata de um uso metonímico da “Fonte pelo Tema”.

2)

Construção Transitiva de	“O Vento entornou os vasos do cemitério”. (BORBA, 1990)
Agente e Tema	
H V SN	Maria entornou todo o feijão.
Agente Tema	

Assim como ocorreu com o verbo *derramar*, notemos também aqui a presença de um Agente “causador involuntário”. Em “O vento entornou os vasos do cemitério”, “o vento” é o Agente do evento que entorna “os vasos do cemitério”, o Tema.

3)

Construção Transitiva de	“(Ele) entornou apenas um copo de cerveja”. (VEJA.COM. 13 set. 1995. Acesso em: 22 fev. 2011)
Agente-Meta (C59)	
H V SN	“Ele entornou três copos de cerveja”. (FERREIRA, 2009)
Agente Tema	
Meta	

Nesta construção, já identificada por Perini (2008), há um H (“Ele”) que é simultaneamente Agente e Meta, pois, ao mesmo tempo em que ele causa o evento, é a entidade para onde o Tema (“um copo de cerveja”; “três copos de cerveja”) se move.

A acepção do verbo *entornar* nesta construção é a de ingerir alguma bebida, geralmente alcoólica, como vimos na seção 6.3. Assim, nas frases dadas como exemplo, entendemos que os indivíduos ingeriram cerveja, e não que eles a derramaram.

Uma informação interessante que podemos acrescentar aqui, que ilustra a constante dinamicidade do uso linguístico, é que, nos nossos dados, encontramos também o verbo *entornar* indicando a ingestão em grande quantidade de bebida não alcoólica, como em “A curitibana loira entorna com prazer seis cafezinhos” (Veja. 19 jul. 1995. Acesso em: 22/02/2011). Porém, para essa acepção, é necessário que o líquido ingerido venha expresso, diferentemente do que ocorre no próximo exemplo, em 4).

4)

Construção Transitiva de	Ele entorna muito. ⁴⁶
Agente-Meta e Tema privilegiado	
H V Ø	
Agente Tema	
Meta	

Esta construção se parece muito com a anterior, pois também ocorre com o verbo *entornar* na acepção de ingerir bebida alcoólica, possuindo, da mesma forma, um sujeito com papel temático duplo: Agente e Meta. Nesta construção, entretanto, o Tema (entendido apenas como bebida alcoólica) não é sintaticamente expreso, sendo representado por um lugar vazio denominado Tema Privilegiado, como vimos no capítulo 7. A qualificação “privilegiado”, como vimos, se deve ao fato de que, em casos como esse, somente um elemento específico (bebida alcoólica) pode ocupar o lugar do Tema.

Notemos que o Tema Privilegiado, que aparece nesta diátese é diferente do que Perini (2008) chama de Tema não-especificado. No caso do Tema Privilegiado, recupera-se uma informação específica, como vimos acima, devido à semântica do verbo *entornar*, que, neste caso, tem a acepção de “beber”. Este caso é o mesmo do verbo *beber* em frases do tipo “Meu marido bebe”. Ao contrário, no caso do Tema Não-especificado, trata-se de um lugar vazio que representa uma informação não-específica, como ocorre em “Eu já comi”, em que não está claro o que de fato foi comido.

5)

Construção Transitiva de	“Bianca de propósito entornou sorvete no vestido de Thassiane”. (RECANTO DAS LETRAS. Acesso em: 11 abr. 2011)
Derramamento	Ela entornou vinho sobre a toalha de renda.
H V SN prep SN	
Agente Tema Meta	

Também verificamos no nosso *corpus* sentenças em que o verbo *entornar* ocorre com a *Construção Transitiva de Derramamento*, como pode ser observado nos exemplos acima, em que “Bianca” é o Agente que entorna o “sorvete”, Tema, “no vestido de Thassiane”, Meta; e que “Ela” (Agente) entorna “vinho”(Tema) “sobre a toalha de renda” (Meta).

⁴⁶ Em Luft (2001), encontramos o exemplo “Ele entorna um bocado”, em que “um bocado”, apesar de ser um SN, tem função de advérbio de intensidade, à semelhança deste dado.

6)

Construção de Derramamento com Sprep Fonte	“A água entornou da garrafa”. (FESTLAGOS. Acesso em: 11 abr. 2011)
H V de SN	O feijão entornou da panela.
Tema Fonte	

Os exemplos acima ilustram a *Construção de Derramamento com Sprep Fonte*, em que um H Tema (“a água”; “o feijão”) é deslocado de um Sprep Fonte (“da garrafa”; “da panela”). Mais uma vez reiteramos que, em nossos dados, o Sprep Fonte só ocorre com a preposição “de”.

7)

Construção de Derramamento com Sprep Meta	“[A panela virou,] a água fervente entornou no meu braço e peito [...]”. (A CASA DE RUBEN ALVES. 09 set. 2011. Acesso em: 18 set. 2011)
H V prep SN	
Tema Meta	

Em “A água fervente entornou no meu braço e peito”, temos um exemplo do verbo *entornar* ocorrendo com a *Construção de Derramamento com Sprep Meta*, pois “a água fervente” é um sujeito Tema que se desloca em direção do Sprep Meta “no meu braço e peito”.

8)

Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	“A água entornou pela borda do copo [...]”. (ROBERTS, 2008. Acesso em: 11 abr. 2011)
H V por SN	
Tema Traj	

O exemplo acima ilustra a *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória* na medida em que há um H Tema (“a água”) que se desloca por uma Trajetória, isto é, passando por um determinado percurso, representado pelo Sprep: “pela borda do copo”. Neste exemplo, verificamos o que já havíamos dito sobre o Sprep Trajetória ocorrer apenas com a preposição *por*.

9)

Construção de Sujeito Fonte	A garrafa entornou óleo.
H V SN	
Fonte Tema	

Como foi dito anteriormente, quando expusemos as diáteses do verbo *derramar*, nesta construção, exemplificada acima com “A garrafa entornou óleo”, o sujeito “a garrafa” é Fonte, pois trata-se da entidade de onde parte a substância deslocada, isto é, o Tema (“óleo”).

8.1.3 Verbo escoar

São oito as diáteses do verbo *escoar*. Vejamos:

1)

Construção Ergativa de Derramamento	“[No centro da cidade,] a água da chuva escoou mais rápido [...]”. (PREFEITURA DO RIO GRANDE. Acesso em: 11 abr. 2011)
H V	“A produção escoou toda”. (UAI. 02 nov. 2003. Acesso em: 16 mar. 2011)
Tema	“[...] sua vida escoou no tempo de duas ou três pedaladas”. (UAI, 07 jul. 2000. Acesso em: 16 mar. 2011)

As frases acima são exemplos da ocorrência do verbo *escoar* na *Construção Ergativa de Derramamento*. Nelas, o sujeito é um Tema que passa por um determinado deslocamento. No último exemplo apresentado, o verbo *escoar* ocorre com uma acepção distinta da considerada básica para os verbos de derramamento (*cf.* capítulo 6). Nela, esse verbo tem significado de “dissipar”, conforme verificado na seção 6.3. No entanto, em outras ocorrências da língua, ele possui simultaneamente os três traços definitórios desse grupo de verbo, como vimos na seção 6.1, por isso tratamos dele nesta seção.

2)

Construção Transitiva de	“A drenagem no Maracanã escoou boa parte da
---------------------------------	--

Agente e Tema	água”. ⁴⁷
H V SN	“A promoção escoou grande parte do estoque”.
Agente Tema	(UAI, 29 maio 2001. Acesso em: 16 mar. 2011)

Nos exemplos acima, temos sujeitos Agentes e SNs pós-verbais Temas, pois “a drenagem no Maracanã” e “a promoção” são os desencadeadores do evento que desloca “boa parte da água” e “grande parte do estoque”, respectivamente.

3)

Construção Transitiva de	“O bueiro escoo água para o Rio Potengi”. ⁴⁸
Derramamento	“A rua agora escoo água para as vias paralelas”. (CINFORM. 24 maio 2011. Acesso em: 16 jun. 2011)
H V SN prepSN	
Agente Tema Meta	

O verbo *escoar* também ocorre com a *Construção Transitiva de Derramamento*. Vejamos que, nos exemplos acima, “o bueiro” e “a rua” são Agentes desencadeadores do evento que desloca “água” (Tema), respectivamente, “para o Rio Potengi” e “para as vias paralelas” (Metas).

Apesar de os dois exemplos apresentados trazerem Spreps com a preposição *para*, esta não é a única preposição que constitui o Sprep desta construção, como já foi dito anteriormente. Vejamos, por exemplo, que na frase “Trabalho preventivo escoo água na parte baixa” (GazetaWeb, 25 maio 2011. Acesso em: 16/06/2011) é a preposição *em* que ocorre com o Sprep.

⁴⁷ Sentença criada a partir de “A drenagem no Maracanã funcionou bem e escoou boa parte da água” (Site de notícias Portal AZ, 06 abr. 2010. Acesso em: 11/04/2011).

⁴⁸ Sentença criada a partir de “Com as chuvas fortes da última segunda, o terreno não resistiu, destruindo parte do bueiro que escoo água para o Rio Potengi” (TRIBUNA DO NORTE, 16 jun. 2011. Acesso em: 16 jun. 2011).

4)

Construção de Derramamento com Sprep	“[Além de alagada], a água escoou da cesta imediatamente”. (SEJA LÍDER. Acesso em: 11 abr. 2011)
Fonte	
H V de SN	
Tema Fonte	

A frase dada como exemplo acima descreve o movimento da “a água” (Tema) a partir de um determinado ponto de origem “da cesta”, o qual recebe o papel temático Fonte.

5)

Construção de Derramamento com Sprep	A água deste rio escoou para o mar.
Meta	
H V prep SN	
Tema Meta	

A partir dos dados coletados no *corpus* pesquisado, criamos a frase acima, que nos parece bem natural, visando a exemplificar a possibilidade de o verbo *escoar* ocorrer com a *Construção de Derramamento com Sprep Meta*. Nessa frase, temos que “a água deste rio” é a entidade deslocada (Tema) em direção a um determinado ponto, isto é, “para o mar”, que recebe papel temático (Meta). Como outras preposições poderiam ocorrer nesta construção, como, por exemplo, a preposição *em* (A água deste rio escoou *no* mar), o Sprep aparece formalmente grafado como “prep SN”, conforme já justificado.

6)

Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	O lixo não coletado escoar por vales, rios e canais poluídos.⁴⁹
H V por SN	“Muito dinheiro escoar pelos ralos de Miami”.
Tema Traj	(VEJA.COM. 31 maio, 1995. Acesso em: 22 fev. 2011)
	“O café escoar principalmente pelo porto de Santos”. (BORBA, 1990)

Os exemplos acima são ocorrências do verbo *escoar* com a *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*. Vejamos que, em todas as frases apresentadas, há um sujeito Tema (“o lixo não coletado”; “muito dinheiro”; “o café”) que se desloca por um determinado percurso (“por vales, rios e canais poluídos”; “pelos ralos de Miami”; “pelo porto de Santos”), o qual recebe o papel temático Trajetória.

Notemos que, na frase “Muito dinheiro escoar pelos ralos de Miami”, não ocorre um deslocamento no sentido literal. O verbo *escoar*, neste caso, não está em sua acepção básica, o que não quer dizer, como já vimos na seção 6.3, que dados como esse devam ser desconsiderados.

7)

Construção de Sujeito Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta	“A água escoar da superfície da terra para o leito do rio”. (INSTITUTO PRÓ-TERRA. Acesso em: 11 abr. 2011)
H V de SN prepSN	
Tema Fonte Meta	

Na *Construção de Sujeito Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta*, além do sujeito Tema, estão presentes dois Spreps, um Fonte e um Meta. Na frase dada como exemplo, vemos que o sujeito “a água” é a substância deslocada (Tema) e que tal deslocamento se dá “da superfície da terra” (Fonte) “para o leito do rio” (Meta).

Conforme já observado outras vezes, o primeiro Sprep está grafado com a preposição *de*, pois esta é a única preposição que encontramos constituindo o Sprep Fonte. Já o segundo

⁴⁹ Sentença criada a partir de “Cerca de 200 toneladas de lixo não coletado, que escoar por vales, rios e canais poluídos” (VEJA.COM. 02 ago. 2006. Acesso em: 22 fev. 2011).

Sprep está grafado como “prep SN” porque pode ocorrer com mais de uma preposição, como, por exemplo, com a preposição *até* (A água escoa da superfície *até* o leito do rio).

8)

Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória H V SN por SN Fonte Tema Traj	A geladeira escoa água pelo dispenser.⁵⁰
---	--

Na frase acima, que exemplifica a *Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória*, o sujeito “a geladeira” é Fonte, pois indica a entidade de onde a substância “água” (Tema) foi deslocada e o Sprep “pelo dispenser” é Trajetória, já que representa o trajeto percorrido pelo Tema no deslocamento.

8.1.4 Verbo *escorrer*

Vejamos, a seguir, as nove diáteses do verbo de derramamento *escorrer*.

1)

Construção Ergativa de Derramamento H V Tema	“[Transpirava muito]⁵¹, <u>o suor escorria</u>”. (FERREIRA, 2009) A água da chuva escorre.⁵² O nariz do bebê está escorrendo. “Com aquele calor, eu escorria”. (BORBA, 1990)
--	--

Vejamos, inicialmente, os dois primeiros exemplos que ilustram a *Construção Ergativa de Derramamento* ocorrendo com o verbo *escorrer*. Na oração que nos interessa na primeira frase, “o suor escorria”, vemos que “o suor” é o Tema, pois representa a substância

⁵⁰ Esta frase foi criada em analogia à “A geladeira escorre água pelo dispenser, molhando o chão da cozinha” (RECLAME AQUI. Acesso em: 08 abr. 2011).

⁵¹ Como já foi explicado na seção 4.1.3, na transcrição dos exemplos, utilizamos o grifo para destacar a parte da sentença que interessa à nossa análise e os colchetes para assinalar aquilo que, apesar de importante para a compreensão da frase, não é analisado.

⁵² Exemplo criado a partir da frase “A água da chuva bate e escorre” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 03 nov. 1971. Acesso em: 10 maio 2011).

deslocada. Da mesma forma, na segunda frase, temos descrito um movimento que ocorre com o sujeito “a água da chuva”, o qual possui papel temático Tema.

Como dissemos no capítulo 7, no qual explicamos detalhadamente a *Construção Ergativa de Derramamento*, esta construção difere-se da *Construção Ergativa* de Perini (2008) na medida em que possui sujeito Tema, e não Paciente. Talvez devido aos traços definitórios dos verbos de derramamento, que descrevem o movimento de uma substância fluida, tais verbos ocorrem mais frequentemente ao lado do papel temático Tema do que do Paciente.

Passemos, agora, à análise dos dois últimos exemplos: a frase “O nariz do bebê está escorrendo” e “Com aquele calor, eu escorria”⁵³. Como já foi dito na seção 5.5 e no capítulo 7, na *Construção Ergativa de Derramamento* pode ocorrer o uso metonímico da “Fonte pelo Tema”. Ao lermos a frase “O nariz do bebê está escorrendo”, entendemos que há uma secreção que escorre do nariz do bebê, e não que o nariz escorre. Da mesma forma, em “eu escorri”, está claro que o sujeito não escorre, mas sim o suor que emana dele. Nesses dois casos, a Fonte é metonimicamente usada para representar o Tema.

2)

Construção Transitiva de Agente e Tema	“A cozinheira escorreu o macarrão”. (BORBA, 1990)
H V SN	
Agente Tema	

Na frase “A cozinheira escorreu o macarrão”, o sujeito “a cozinheira” é Agente, o qual desencadeia o evento que causa o deslocamento de uma substância fluida, isto é, de “o macarrão” (Tema).⁵⁴ Essa frase exemplifica a ocorrência do verbo *escorrer* na *Construção Transitiva de Agente e Tema*, a qual foi explicada no capítulo 7.

⁵³ Reiteramos aqui que o Sprep “com aquele calor” não é representado na diátese pelas razões expostas na seção 4.2.3, pois a atribuição do seu papel temático, Causa, independe do verbo.

⁵⁴ Conferir definição de substância fluida na seção 6.1.

3)

Construção Transitiva de Derramamento	
H V SN prep SN	
Agente Tema Meta	
	“O esgoto escorre água para o meio da pista”.⁵⁵ “(A canaleta) escorre a água para os lados”. (CARMANIACS, 04 jan. Acesso em: 17 jun. 2011) “Uma bica escorre a água para a área externa do colégio”.⁵⁶ “(você) podia escorrer aquela mandioca nessa caixa”. (RASO, T. ; MELLO, H. R, 2010)

Nos três primeiros exemplos, verifica-se que os sujeitos “o esgoto”, “a canaleta” e “uma bica” são Agentes, pois indicam o desencadeador do evento que desloca “água” (Tema), respectivamente, “para o meio da pista”, “para os lados” e “para a área externa do colégio” (Metas). O último exemplo, retirado de um *corpus* oral, também ilustra a ocorrência do verbo *escorrer* na *Construção Transitiva de Derramamento*, mas nesse o Sprep Meta apresenta a preposição “em”.

4)

Construção de Derramamento	de com	O sangue escorria da testa da menina.
Sprep Fonte		Uma lágrima escorreu de seus olhos.
H V de SN		“O arroz escorre da máquina...” (BORBA, 1990)
Tema Fonte		

Todas as frases apresentadas acima descrevem o deslocamento de um sujeito Tema (“o sangue”, “uma lágrima”, “o arroz”) a partir de um Sprep Fonte (“da testa da menina”, “de seus olhos”, “da máquina”). Todas elas, portanto, são ocorrências do verbo *escorrer* na *Construção de Derramamento com Sprep Fonte*.

⁵⁵ Frase criada a partir de “No início da rua 6ª, da unidade 101, em frente ao Colégio Monte Sinai, está localizado um esgoto estourado escorrendo água para o meio da pista” (JORNAL PEQUENO. 15 mar. 2011. Acesso em: 16 jun. 2011).

⁵⁶ Frase criada a partir de “O alagamento ocorreu devido a uma falha na instalação da bica que escorre a água para a área externa do colégio” (CINFORM. 24 mar. 2011. Acesso em: 12 abr. 2011).

5)

Construção de Derramamento	de com	“A gordura escorre para o reservatório”. (WESSEL. Acesso em: 12/04/2011)
Sprep Meta		O óleo da batatinha escorreu no papel toalha.
H V prep SN		O combustível escorreu na lataria do carro.
Tema Meta		

Na *Construção de Derramamento com Sprep Meta*, o sujeito é Tema, pois indica a substância deslocada, e o Sprep é Meta, pois representa o final do movimento dessa substância, sendo que mais de uma preposição pode constituir o Sprep, como os exemplos ilustram.

6)

Construção de Derramamento	de com	“A água escorre por fendas na rocha”. (VEJA.COM. 23 set. 1998. Acesso em: 24 fev. 2011)
Sprep Trajetória⁵⁷		“A água suja dos esgotos escorre pelas ruas [...]”. (PE360GRAUS, 30 jun. 2011. Acesso em: 12 abr. 2011).
H V por SN		Minha esperança escorreu pelo ralo.
Tema Trajetória		

Na *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*, o verbo *escorrer* possui sujeito Tema e Sprep Trajetória (respectivamente “a água”/“a água”/“minha esperança” e “na rocha”/“pelas ruas”/“pelo ralo”, nos dados acima).

7)

Construção de Sujeito	de	“A água escorreu do blusão para as pernas [...]”. (MOTO 125CC. 21 abr. 2011. Acesso em: 12 abr. 2011)
Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta	e	
H V de SN prepSN		
Tema Fonte Meta		

⁵⁷ Nesta diátese, também há a possibilidade de a trajetória vir expressa por um SN, e não por um Sprep, como vemos em “A água barrenta escorreu (pela) rua abaixo”.

O verbo *escorrer* também ocorre na construção acima, em que há um sujeito Tema e dois Spreps, sendo que o primeiro, constituído da preposição *de*, é Fonte e o segundo, passível de ocorrer com mais de uma preposição, é Meta. No exemplo dado, esta é introduzida por “para”.

8)

Construção de Sujeito			“A torneira escorre água”. (LUFT, 2003)
Fonte			“O ferimento escorria um líquido sanguinolento”. (FERREIRA, 2009)
H	V	SN	“A ferida escorria pus”. (HOUAISS, 2004)
Fonte		Tema	A batatinha escorria óleo.
			O nariz do bebê escorria sangue.

Como já explicamos anteriormente, nesta construção, o sujeito é Fonte, pois representa o ponto de origem de um movimento, e o SN pós-verbal é Tema, pois trata-se da substância deslocada. Observemos que na primeira frase, por exemplo, “a água” (Tema) desloca-se de dentro da torneira (Fonte).

9)

Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória				“A geladeira escorre água pelo dispenser [...]”. (RECLAME AQUI. Acesso em: 08 abr. 2011)
H	V	SN	por SN	
Fonte		Tema	Trajetória	

Como podemos verificar no exemplo acima, nesta construção, há um sujeito Fonte “a geladeira” a partir de onde se inicia o movimento de um SN Tema (“água”), o qual se desloca por um determinado percurso (“pelo dispenser”), que é representado na construção por um “por SN”.

8.1.5 Verbo *vazar*

O verbo *vazar* ocorre em nove construções. Vejamos:

1)

Construção Ergativa de Derramamento	“O gás vazou”. (FEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS E DE LUBRIFICANTES. 21 mar. 2010. Acesso em: 12 abr. 2011)
H V	“[E aí], <u>eu vazei</u>”. (PERESTROIKA. 27 jun. 2011. Acesso em: 12 abr. 2011)
Tema	A prova do Enem vazou.
	“[...] o silicone não vaza”. (VEJA.COM. 19 jul. 2000. Acesso em: 24 fev. 2011)
	“<u>O pneu estava vazando</u> [sem furo aparente]”. (UAI. 18 mar. 2002. Acesso em: 17 mar. 2011)
	“A caixa d’água está vazando”. (FERREIRA, 2009)

Todas as sentenças acima possuem sujeito Tema seguido do verbo *vazar*, sendo todas exemplos da *Construção Ergativa de Derramamento*. Façamos aqui a análise de cada uma delas. Nas sentenças “O gaz vazou” e “O silicone não vaza”, descreve-se o movimento das substâncias fluidas “gaz” e “silicone” (Temas). Na sentença “A caixa d’água está vazando” e no trecho “O pneu estava vazando”, temos o uso metonímico da “Fonte pelo Tema” na medida em que interpretamos que o deslocamento se dá, respectivamente, com a água que está dentro de “a caixa d’água” e o ar que está dentro do “pneu”. Por fim, em “A prova do Enem vazou” e em “eu vazei”, o verbo *vazar* é utilizado com uma acepção distinta da considerada básica. Na primeira frase, *vazar* significa “tornar conhecido algo sigiloso” e, na segunda, significa “deixar um local, ir embora”, conforme vimos na seção 6.3. Notemos, ainda, que o deslocamento que se dá neste último caso não é literal, mas sim virtual, conforme vimos na seção 5.5.

2)

Construção Transitiva (C1)	O artesão vazou a peça de madeira.
H V SN	“O prego vazou a parede”. (BORBA, 1990)
Agente Paciente	

A *Construção Transitiva*, que, como vimos no capítulo anterior, tem sujeito Agente e SN pós-verbal Paciente, é muito recorrente na língua portuguesa, sendo, inclusive, identificada por Perini (2008) como C1. Entretanto, esta construção ocorreu no nosso *corpus* apenas com o verbo de derramamento *vazar*⁵⁸. Destaca-se, ainda, que a *Construção Transitiva* só ocorre com este verbo quando este possui a acepção de “abrir vão, furar, cavar”, como vemos nos exemplos acima. Em “O artesão vazou a peça de madeira”, “o artesão” é Agente, pois causa o evento que abre um vão na “peça de madeira”, a qual é Paciente por se tratar de uma entidade que muda de estado devido a esse evento, passando a ser uma peça vazada, furada. Da mesma forma, em “O prego vazou a parede”, “o prego” é Agente e “a parede” é Paciente, lembrando que, em nossa concepção de Agente, não é necessário haver o traço [+volitivo] para o causador do evento, conforme posição já discutida na seção 5.5.

3)

Construção Transitiva de Derramamento				“Eu vazei toda a tijela de sopa na pia”. (BORBA, 1990)
H	V	SN	prep SN	
Agente		Tema	Meta	

Os exemplos acima são ocorrências do verbo *vazar* na *Construção Transitiva de Derramamento*. Na frase acima, temos um sujeito Agente (“Eu”), que provoca o deslocamento do Tema (“a tijela de sopa”) para uma Meta (“na pia”). Notemos que, nesta frase, ocorre um deslocamento metonímico, pois, ao lê-la, entendemos, devido ao nosso conhecimento de mundo, que o que vazou foi a sopa que estava dentro da tijela, representada sintaticamente pelo modificador pós-nominal, e não a própria tijela, que na estrutura sintática é o núcleo do SN.

4)

Construção de Derramamento com Sprep Fonte				“Os 26 mil litros de óleo vazaram do pé da torre da plataforma [...]” (UAI, 13 abr. 2001. Acesso em: 17 mar. 2011)
H	V	de SN		
Tema		Fonte		

⁵⁸ Explicaremos melhor isso na seção 8.3, quando trabalharmos com a análise dos resultados da pesquisa.

A frase “Os 26 mil litros de óleo vazaram do pé da torre da plataforma [...]” é uma ocorrência do verbo *vazar* na *Construção de Derramamento com Sprep Fonte*. Vejamos que ela possui um sujeito Tema (“os 26 mil litros de óleo”) que se desloca a partir de um ponto de origem, isto é, uma Fonte (“do pé da torre da plataforma”), a qual, como já vimos, é formalmente representada por um “de Sprep”.

5)

Construção de Derramamento com Sprep Meta	“Água contaminada por radiação vaza para o oceano Pacífico”. (SBT JORNALISTMO. 02 abr. 2011. Acesso em: 12 abr. 2011) “Informações privadas como essas podem vazar para terceiros”. (VEJA.COM. 27 set. 2006. Acesso em: 24 fev. 2011)
H V prep SN Tema Meta	

Nas frases acima, os sujeitos são Temas, pois indicam uma substância deslocada (“água contaminada por radiação”; “informações privadas como essas”), e os Spreps são Metas, pois referem-se ao ponto final de um movimento (“para o oceano Pacífico”, “para terceiros”). Destaquemos que, na segunda frase, o verbo *vazar* é utilizado com a acepção de “tornar conhecido algo sigiloso” e que, além disso, ele é o verbo principal da locução verbal “podem vazar”, logo sua valência prevalece.

6)

Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	“Uma fumaça esverdeada vazava pelos orifícios da vasilha”. (BORBA, 1990) “A água vaza pelo furo do cano”. (HOUAISS, 2004)
H V por SN Tema Traj	

Para ilustrar a ocorrência do verbo *vazar* na *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*, apresentamos as duas frases acima. Nelas, temos um sujeito Tema (“uma fumaça esverdeada”; “a água”) que se desloca por um determinado percurso representado por um

Sprep Trajetória (“pelos orifícios da vasilha”; “pelo furo do cano”), sendo que este Sprep sempre ocorre com a preposição *por*, conforme já comentado.

7)

Construção de Sujeito Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta				“[De nada adiantava a segurança, pois] <u>as notícias vazavam diretamente do Ministério para as redações dos jornais</u>”. (BORBA, 1990)
H	V	de SN	prepSN	
Tema		Fonte	Meta	

Na oração “as notícias diretamente vazavam diretamente do Ministério para as redações dos jornais”, o verbo vazar possui a acepção de “tornar conhecido algo sigiloso”. O sujeito (“as notícias”) é o Tema que se desloca, virtualmente, de um Sprep Fonte (“do Ministério”) para um Sprep Meta (“para as redações dos jornais”).

8)

Construção de Sujeito Fonte			“Meu carro está vazando muito combustível”. (CITROEN CLUBE DO BRASIL. 23 maio 2009. Acesso em: 12 abr. 2011)
H	V	SN	
Fonte		Tema	

Vejamos, no exemplo acima, que o vazamento da substância “muito combustível”, SN Tema, ocorre a partir do ponto de origem “meu carro”, sujeito Fonte.

9)

Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória				A torneira da cozinha está vazando água pelo corpo.⁵⁹
H	V	SN	por Sprep	
Fonte		Tema	Trajetória	

Reiterando o que já se disse sobre esta construção, com base no exemplo acima, verificamos que o sujeito “a torneira da cozinha” é a Fonte, de onde se origina o movimento

⁵⁹ Esta frase foi criada a partir do dado “Uma toneira de cozinha que vaza água pelo corpo”, retirado do Site RECLAME AQUI. Acesso em: 08/04/2011.

do SN Tema “água”. O Sprep Trajetória “pelo corpo” indica, portanto, o trajeto percorrido pela substância deslocada.

8.1.6 Verbo *verter*

A seguir, apresentamos as nove diáteses do verbo *verter*:

1)

Construção Ergativa de Derramamento	“A água verteu com abundância!!!” (PASTOR MIGUEL DA VICO. 10 out. 2008. Acesso em: 18 abr. 2011)
H V	
Tema	“[Quando a chuva veio não deu problema lá], <u>a água verteu normalmente</u>”. (CLICRBS PELOTAS, 11 mar. 2011. Acesso em: 18 abr. 2011)

O que nos interessa nas duas sentenças acima é o uso do verbo *verter* com o sujeito Tema, “a água”.

2)

Construção Transitiva de Agente e Tema	A mulher verteu todo o conteúdo da urna.⁶⁰
H V SN	
Agente Tema	

A frase acima é uma ocorrência do verbo *verter* na *Construção Transitiva de Agente e Tema*, na medida em que possui um sujeito Agente, causador do evento, “a mulher”, seguido do SN Tema “o conteúdo da urna”.

⁶⁰ Frase criada a partir da sentença “Este signo é simbolizado por uma mulher vertendo o conteúdo de uma urna”, que foi retirada do site Morada dos Sonhos, disponível em: <<http://www.moradadossonhos.com.br>>. Acesso: 18/04/2011).

3)

Construção Transitiva de				
Derramamento				
H	V	SN	prep	SN
Agente		Tema	Meta	
				“Ela verteu querosene sobre a cabeça”. (VEJA.COM. 12 ago. 2009. Acesso em: 25 fev. 2011) “A dona de casa caprichosa verte doses generosas de amaciante de roupa no tanque”.⁶¹ “São Jerônimo [...] verteu a bíblia para o Latim”. (GALVÃO. Acesso em: 18 abr. 2011) “Um tradutor automático verte a voz do usuário para outro idioma”.⁶²

A *Construção Transitiva de Derramamento* possui sujeito Agente, seguido do verbo, do SN pós-verbal Tema e do Sprep Meta. Para ilustrar sua ocorrência com o verbo *verter*, vejamos as sentenças acima. Analisaremos, inicialmente, as duas primeiras sentenças. Em “Ela verteu querosene sobre a cabeça”, o sujeito “ela” é Agente, pois é causador de um evento, o de verter querosene, o SN “querosene” é o Tema, já que se trata da substância deslocada, e o Sprep “sobre a cabeça” é Meta, indicando o ponto final do deslocamento. O mesmo ocorre em “A dona de casa caprichosa verte doses generosas de amaciante de roupa no tanque”, que possui o sujeito “a dona de casa” Agente, o SN “doses generosas de amaciante de roupa” Tema e o Sprep “no tanque” Meta.

Analisemos, agora, as duas últimas sentenças: “São Jerônimo verteu a bíblia para o Latim” e “Um tradutor automático verte a voz do usuário para outro idioma”. Nessas frases, o verbo *verter* possui uma acepção muito distinta da básica, significando “passar de uma língua para outra”, como vimos na seção 6.3. Entretanto, ainda estamos trabalhando com o mesmo verbo, que possui, inclusive, uma só entrada nos dicionários da língua portuguesa consultados. Reiteremos que, assim como no caso dos demais verbos analisados, o fato de *verter* apresentar acepções tão diversas não impede que seja arrolado no grupo dos verbos de derramamento. Conforme já esclarecido, a exigência para que seja incluído nessa classe é que,

⁶¹ Frase criada a partir de “[...] como a dona de casa caprichosa que verte doses generosas de amaciante de roupa no tanque” (SUPER, abr. 1990. Acesso em: 25 fev. 2011).

⁶² Frase criada a partir de “Pela primeira vez se conseguiu produzir um tradutor automático que entende a voz do usuário e a verte para outro idioma com resultados aceitáveis” (VEJA.COM. Edição Especial, nov. 2005. Acesso em: 25 fev. 2011).

em pelo menos uma das ocorrências da língua, esse verbo apresente, simultaneamente, os três traços definitórios apresentados na seção 6.1, o que se pode comprovar, dentre vários outros casos, com os dois exemplos anteriores desta diátese.

Ainda em relação às frases “São Jerônimo verteu a bíblia para o Latim” e “Um tradutor automático verte a voz do usuário para outro idioma”, analisemos agora os papéis temáticos de seus constituintes. “São Jerônimo” e “um tradutor automático” são Agentes, pois são causadores de um evento, isto é, são responsáveis por verter algo de uma língua para outra. Quanto aos papéis temáticos dos SNs “a bíblia” e “a voz do usuário” (Temas) e aos Spreps “para o Latim” e “para outro idioma” (Metas), são papéis temáticos virtuais, isto é, não há nenhum deslocamento real da bíblia para o Latim ou da voz do usuário para outro idioma, mas entendemos que o evento descrito movimenta, figurativamente, é claro, esses Temas para um destino final (Meta).

Sobre a questão dos rótulos das diáteses, aprofundaremos sobre isso na seção 8.3, mas, como já dissemos, se uma construção ocorre com todos os verbos de derramamento em sua acepção básica, ela é considerada, nesta pesquisa, uma construção prototípica de derramamento e leva o termo “derramamento” em seu nome. Por ora basta sabermos que esse é o caso da *Construção Transitiva de Derramamento*, posteriormente, na seção 8.3, veremos isso mais detalhadamente.

4)

Construção de Derramamento com Sprep Fonte H V de SN Tema Fonte	“Este rio verte da serra”. (FERREIRA, 2009) “O petróleo verteu das profundezas”. (HOUAISS, 2004)
--	--

“Este rio” e “o petróleo” das frases acima deslocam-se, respectivamente, “da serra” e “das profundezas”. Como podemos ver, essas frases descrevem o movimento realizado por um Tema a partir de um ponto de origem (Fonte), formalmente representado por um “de SN”, logo são ocorrências da *Construção de Derramamento com Sprep Fonte*.

5)

Construção de Derramamento com Sprep	“O Amazonas verte no Atlântico”. (FERREIRA, 2009)
Meta	“[Com exceção das barragens de Pedra do Cavalo e de São José], <u>a água verteu em todos os demais reservatórios</u>”. (PT BAHIA. 28 fev. 2007. Acesso em: 18 abr. 2011)
H V prep SN	
Tema Meta	

As frases acima ilustram a ocorrência do verbo *verter* com a *Construção de Derramamento com Sprep Meta*. Os sujeitos “O Amazonas” e “a água” são Temas, na medida em que indicam a substância deslocada de um ponto a outro e os Spreps “no Atlântico” e “em todos os demais reservatórios” são Metas, representando o ponto final do movimento que está sendo descrito.

6)

Construção de Derramamento com Sprep	“[...] a água verteu pela tulipa”. (ATIBAIA NEWS. Acesso em: 18 abr. 2011)
Trajectoria	
H V por SN	
Tema Traj	

Em “A água verteu pela tulipa”, está descrito o movimento de uma substância por um determinado percurso. O sujeito “a água” (Tema) desloca-se “pela tulipa”, um Sprep Trajetória.

7)

Construção de Sujeito	“A água verteu do teto da escola para dentro de
Tema, Sprep Fonte e Sprep	algumas salas [...]”. (LE2.BR.CAMO, 17 maio 2011. Acesso em: 18 abr. 2011)
Meta	
H V de SN prep SN	
Tema Fonte Meta	

Na frase dada como exemplo, há um deslocamento de um sujeito Tema “a água” a partir de um ponto de origem “do teto da escola”, representado na diátese por “de SN” Fonte,

em direção ao Sprep “para dentro de algumas salas”, que possui o papel temático Meta por indicar o destino final de tal deslocamento.

8)

Construção de Sujeito Fonte			“[...] Enéas chega a verter ⁶³ lágrimas”. (VEJA.COM. 16 out. 2002. Acesso em: 25 fev. 2011) “Ele verte lágrimas”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. 03 nov. 1971. Acesso em: 10 maio 2011) “A mina vertia água”. (HOUAISS, 2004)
H	V	SN	
Fonte		Tema	

Todas as frases com o verbo *verter* acima descrevem o deslocamento de um SN pós-verbal Tema a partir de um sujeito Fonte. A título de ilustração, notemos que “Enéas” é a Fonte de onde o Tema “lágrimas”, se desloca.

9)

Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória				“[Conta a lenda que] <u>o dragão vertia fogo pelas ventas</u> ”. (FERREIRA, 2009)
H	V	SN	por SN	
Fonte		Tema	Trajetória	

Na frase acima, exemplo de uma *Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória*, o sujeito “o dragão” é Fonte, pois trata-se da entidade de onde parte o “fogo”, Tema, o qual se movimenta por uma Trajetória representada pelo Sprep “pelas ventas”.

8.2 Valência

Com o trabalho de levantamento e análise de dados da seção anterior, foi possível identificar as diáteses dos verbos de derramamento, e, conseqüentemente, a sua valência. Nesta seção, apresentaremos os resultados desse estudo e, na seguinte, faremos uma análise dos mesmos.

⁶³ Apesar de haver dois verbos aqui, *chegar* e *verter*, a valência que prevalece é a do *verter*, verbo principal da locução, como já foi dito anteriormente.

Verificamos que os verbos de derramamento ocorrem em doze diáteses: *Construção Ergativa de Derramamento*; *Construção Transitiva (C1)*; *Construção Transitiva de Agente e Tema*; *Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)*; *Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado*; *Construção Transitiva de Derramamento*; *Construção de Derramamento com Sprep Fonte*; *Construção de Derramamento com Sprep Meta*; *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*; *Construção de Sujeito Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta*; *Construção de Sujeito Fonte*; *Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória*.

Das doze diáteses identificadas, estas cinco ocorrem com todos os verbos de derramamento: *Construção Ergativa de Derramamento*; *Construção Transitiva de Derramamento*; *Construção de Derramamento com Sprep Fonte*; *Construção de Derramamento com Sprep Meta*; *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*. Observamos também que todos os verbos de derramamento (em pelo menos uma ocorrência da língua), ao ocorrerem nessas cinco diáteses, estão em sua acepção básica, isto é, possuem simultaneamente os três traços definitórios apresentados em 6.1: 1) presença de uma substância fluida; 2) deslocamento e 3) acarretamento de mudança de forma. Assim, essas diáteses ocorrem com todos os verbos de derramamento em sua acepção básica, sendo tratadas nesta pesquisa como diáteses prototípicas de derramamento.

Verificamos, ainda, que três diáteses ocorrem apenas com um dos seis verbos de derramamento: a *Construção Transitiva (C1)* ocorreu apenas com o verbo *vazar*, e a *Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)* e a *Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado* ocorreram apenas com o verbo *entornar*. Destaca-se que todas essas ocorrências se deram com os verbos em acepções distintas da básica. O verbo *vazar* ocorreu na acepção de “abrir vão, furar, cavar” e o verbo *entornar* ocorreu com o significado de “ingerir bebida alcoólica em grande quantidade”.

Por fim, quatro diáteses ocorreram com alguns verbos de derramamento e não com outros. São elas: a *Construção Transitiva de Agente e Tema*; a *Construção de Sujeito Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta*; a *Construção de Sujeito Fonte* e a *Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória*. Assim, apesar de pertencerem a um grupo semanticamente comum, os seis verbos de derramamento não ocorrem sempre nas mesmas diáteses.

Vejamos, por meio do quadro a seguir, a valência dos verbos de derramamento, isto é, o conjunto das diáteses de cada verbo deste grupo:

	<i>Derramar</i>	<i>Entornar</i>	<i>Escoar</i>	<i>Escorrer</i>	<i>Vazar</i>	<i>Verter</i>
Construção Ergativa de Derramamento	X	X	X	X	X	X
Construção Transitiva (C1)					X	
Construção Transitiva de Agente e Tema	X	X	X	X		X
Construção Transitiva de Agente-Meta(C59)		X				
Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado		X				
Construção Transitiva de Derramamento	X	X	X	X	X	X
Construção de Derramamento com Sprep Fonte	X	X	X	X	X	X
Construção de Derramamento com Sprep Meta	X	X	X	X	X	X
Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	X	X	X	X	X	X
Construção de Sujeito Tema, Sprep Fonte e Sprep Meta			X	X	X	X
Construção de Sujeito Fonte	X	X		X	X	X
Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória	X		X	X	X	X

QUADRO 2 – Valência dos Verbos de Derramamento

Após observarmos o quadro acima, que apresenta o resultado das descrições feitas a partir dos dados analisados nesta pesquisa, podemos fazer algumas reflexões acerca da valência dos verbos de derramamento, como veremos na próxima seção.

8.3 Análise dos resultados

Nesta seção, faremos uma análise daquilo que foi encontrado a partir desta pesquisa, sistematizando e comentando os resultados obtidos acerca dos verbos de derramamento e de suas valências.

Inicialmente, relembremos que encontramos doze diáteses dos verbos de derramamento, ou seja, doze construções que subclassificam esses verbos e que constituem, assim, a sua valência. Das doze construções que ocorrem com os verbos de derramamento, algumas são inéditas, ao passo que outras, mais precisamente cinco, já foram identificadas por Perini (2008), sendo que, dessas últimas, apenas duas tiveram seus nomes mantidos. São elas: a *Construção Transitiva (C1)* e a *Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)*. As outras três construções que estão em Perini (2008) e ocorrem com os verbos de derramamento são a *Construção Transitiva de Objeto Tema e Sprep Meta (C23)*, cujo nome foi alterado, nesta pesquisa, para *Construção Transitiva de Derramamento*, a *Construção Transitiva de Tema e Fonte (C15)*, rotulada por nós como *Construção de Derramamento com Sprep Fonte* e a *Construção Transitiva de Tema e Meta (C16)*, que recebeu o nome de *Construção de Derramamento com Sprep Meta*. A justificativa para alterarmos os nomes dessas construções, como já foi dito, foi o fato de elas, além de outras duas detectadas (*Construção Ergativa de Derramamento* e *Construção de Derramamento com Sprep Trajetória*), ocorrerem com todos os seis verbos de derramamento em sua acepção básica, isto é, com os três traços definitórios do grupo, representando, assim, construções prototípicas de derramamento, o que, ao nosso ver, deve ser marcado nos rótulos que recebem. Antes de explicar melhor essa prototipicidade, retomemos, por meio do quadro a seguir, o que acabamos de falar sobre as diáteses dos verbos de derramamento e seus rótulos:

Construções identificadas por Perini (2008) cujos nomes foram mantidos.	• Construção Transitiva (C1) • Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)
Construções identificadas por Perini (2008) cujos nomes foram alterados.	• Construção Transitiva de Derramamento [Corresponde à Construção Transitiva de Objeto Tema e Sprep Meta (C23) de Perini (2008)] • Construção de Derramamento com Sprep Fonte [Corresponde à Construção Transitiva de Tema e Fonte (C15) de Perini (2008)] • Construção de Derramamento com Sprep Meta [Corresponde à Construção Transitiva de Tema e Meta (C16) de Perini (2008)]
Construções identificadas a partir do <i>corpus</i> desta pesquisa.	• Construção Ergativa de Derramamento • Construção de Derramamento com Sprep Trajetória • Construção Transitiva de Agente e Tema • Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado • Construção de Fonte e Meta • Construção de Sujeito Fonte • Construção de Sujeito Fonte, Objeto Tema e Sprep Trajetória

QUADRO 3 – Construções Inéditas e Construções Identificadas por Perini (2008)

Dissemos que as construções prototípicas de derramamento, as que possuem o termo “derramamento” em seus rótulos, ocorrem com todos os verbos de derramamento em sua acepção básica, que se define por meio de três traços semânticos. São eles:

- 1) Presença de uma substância de caráter fluido;
- 2) Ocorrência de um deslocamento;
- 3) Acarretamento de uma mudança de forma.

A seguir, trazemos exemplos baseados nos dados de nosso *corpus* que ilustram essa características das construções prototípicas. Lembremos que essas construções também ocorrem com os verbos de derramamento em outras acepções, e que isso não faz com que elas deixem de ser prototípicas, basta haver uma ocorrência de cada verbo na acepção básica para cada uma delas. Vejamos:

1)

Construção	Ergativa	de	Derramar: <i>O leite derramou.</i>
Derramamento			Entornar: <i>A água entornou.</i>
			Escoar: <i>A água da chuva escoou.</i>
H	V		Escorrer: <i>O suor escorria.</i>
Tema			Vazar: <i>O gás está vazando.</i>
			Verter: <i>A água do pote verteu.</i>

Os exemplos acima demonstram que todos os seis verbos de derramamento ocorrem na *Construção Ergativa de Derramamento* em sua acepção básica. Neles, estão presentes substâncias de caráter fluido (leite, água, suor e gás) que se deslocam devido a um evento, movimentando-se de um ponto a outro, que não necessariamente vêm explicitados nas sentenças. Além disso, o deslocamento dessas substâncias acarreta mudança de forma das mesmas, que passam por um certo espalhamento, devido ao seu próprio caráter fluido.

2)

Construção	Transitiva	de	Derramar: <i>Ele derramou água no chão.</i>
Derramamento			Entornar: <i>Rafael entornou suco na bermuda.</i>
			Escoar: <i>Este cano escoar a água para a rua.</i>
H	V	SN	Escorrer: <i>A calha escorre a água da chuva</i>
Agente	Tema	Meta	<i>para a rua.</i>
			Vazar: <i>A Petrobrás vazou óleo no oceano.</i>
			Verter: <i>Ela verteu água sobre a cabeça.</i>

A *Construção Transitiva de Derramamento* é uma construção prototípica de derramamento, como pode ser visto por meio dos expemplos acima. As substâncias fluidas (água, suco e óleo) são deslocadas para (o chão, a bermuda, a rua, o pescoço, o oceano e a cabeça) tomando a forma dessas entidades ao serem espalhadas sobre elas.

3)

Construção de Derramamento com Sprep Fonte	Derramar: <i>A água derramava do freezer.</i> Entornar: <i>O óleo entornou da garrafa.</i> Escoar: <i>A água escoou do tambor.</i> Escorrer: <i>O sangue escorria do nariz da criança.</i> Vazar: <i>O combustível está vazando do tanque.</i> Verter: <i>Este rio verte do alto daquela serra.</i>
H V de SN Tema Fonte	

Os exemplos acima apontam substâncias de caráter fluido (água, óleo, sangue, combustível e rio) que se movimentam devido a um evento. Apesar de o ponto de destino dessas substâncias não estar explícito nas sentenças, e, assim, não podermos dizer ao certo a forma que tomam ao final desse movimento, sabemos que elas, por serem fluidas, não têm uma forma definida, mudando-a de acordo com o movimento que fazem.

4)

Construção de Derramamento com Sprep Meta	Derramar: <i>O remédio derramou na prateleira.</i> Entornar: <i>A vitamina entornou toda no chão.</i> Escoar: <i>O esgoto escoou todo naquele rio.</i> Escorrer: <i>A gasolina escorreu na lataria do carro.</i> Vazar: <i>A água da caixa está vazando no alpendre.</i> Verter: <i>Este rio verte no Atlântico.</i>
H V prep SN Tema Meta	

Nos exemplos acima, “o remédio”, “a vitamina”, “o esgoto”, “a gasolina”, “a água” e “este rio” são substâncias de caráter fluido que, ao se deslocarem, tomam a forma dos elementos que representam.

5)

Construção de Derramamento com Sprep Trajetória	Derramar: <i>A água está derramando pela tampa do reservatório.</i>
H V por SN	Entornar: <i>O suco entornou pela borda do copo.</i>
Tema Trajetória	Escoar: <i>A água escoou pelo ralo.</i>
	Escorrer: <i>Uma água imunda escorria pela rua.</i>
	Vazar: <i>O gás está vazando por aquele furo.</i>
	Verter: <i>A água verteu pelo orifício da garrafa.</i>

As substâncias fluidas presentes nos exemplos acima deslocam-se por um determinado percurso, explicitado pelo Sprep Trajetória. Em tal movimento, essas substâncias vão mudando de forma, adequando-se ao trajeto que percorrem. Logo, verificamos, nesses exemplos, os três traços definitórios dos verbos de derramamento.

Como podemos observar, há pelo menos uma ocorrência de cada verbo de derramamento com os três traços definitórios para cada uma das cinco construções acima, que são, portanto, consideradas prototípicas.

Passemos, agora, àquelas diáteses que ocorreram apenas com um dos verbos de derramamento: a *Construção Transitiva (C1)*, a *Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)* e a *Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado*. Essas construções, como podemos verificar na seção 8.2, não só ocorreram apenas com um dos seis verbos de derramamento, mas exclusivamente em sentenças em que não prevalecia a acepção básica desses verbos.

A *Construção Transitiva (C1)* só ocorreu em nosso corpus com o verbo *vazar*, e em sentenças em que este verbo foi usado com uma acepção diferente da acepção básica dos verbos de derramamento, ou seja, significando “abrir vão”, como em “O prego vazou a parede do apartamento”. Acreditamos que essa construção, tão frequente na língua portuguesa, não ocorreu com todos os verbos de derramamento porque os verbos desse grupo, por indicarem um deslocamento, quase sempre possuem SNs pós-verbais com o papel temático Tema (entidade deslocada), e não Paciente (entidade que muda de estado), que é o papel temático do SN na *Construção Transitiva (C1)*.

Da mesma forma, a *Construção Transitiva de Agente-Meta (C59)* e a *Construção Transitiva de Agente-Meta e Tema Privilegiado* também só ocorreram, em nosso corpus, com um dos verbos de derramamento em uma acepção distinta da básica, ou seja, com o verbo

entornar na acepção de “ingerir de bebida alcoólica em grande quantidade”, como em “Renata entornou uma garrafa de vinho sozinha” e em “os formandos entornaram na festa”. Acreditamos que isso se deve ao fato de o verbo *entornar*, nesses casos, aproximar-se muito, semanticamente, do verbo *beber*.

Na seção 8.2, observamos, ainda, construções que ocorreram com alguns verbos de derramamento e com outros não, como, por exemplo, a *Construção Transitiva de Agente e Tema*, que ocorre com todos os verbos de derramamento exceto com o *vazar*, como podemos ver no quadro a seguir:

Construção Transitiva de Agente e Tema	
<i>Derramar</i>	<i>A Gil derramou o suco de Laranja.</i>
<i>Entornar</i>	<i>Camila entornou todo o feijão.</i>
<i>Escoar</i>	<i>A drenagem escoou a água da chuva.</i>
<i>Escorrer</i>	<i>O João escorreu o macarrão.</i>
<i>Vazar</i>	<i>*Mamãe vazou o óleo.</i>
<i>Verter</i>	<i>A mulher verteu todo o conteúdo da urna.</i>

QUADRO 4 - Verbos de Derramamento na *Construção Transitiva de Agente e Tema*

Essa observação nos leva à conclusão de que os verbos de derramamento são semanticamente semelhantes, pois possuem, em pelo menos uma ocorrência da língua, simultaneamente os três traços de significado detectados, porém, apesar de pertencerem a um grupo semanticamente comum, eles não possuem a mesma valência. Certas construções são comuns a todos eles (as prototípicas de derramamento) ao passo que outras ocorrem com alguns verbos e não com outros. Das doze construções detectadas, sete não ocorreram com todos os verbos de derramamento, o que confirma o posicionamento apresentado na seção 6.4 de que nem sempre verbos semanticamente semelhantes possuem a mesma valência. Entretanto, não podemos ignorar o fato de que foram encontradas cinco construções prototípicas de derramamento (5/12 construções = 41%). Esse número, considerável, faz com que pensemos que a afirmativa de Levin (1993), de que verbos semanticamente semelhantes tendem a ocorrer nas mesmas diáteses, não deva ser totalmente descartada, mas sim objeto de novas pesquisas, para que se possa chegar a conclusões mais definitivas.

A valência dos verbos de derramamento apresentada na seção anterior também nos leva a fazer afirmações acerca do uso dos papéis temáticos. Seis papéis temáticos ocorreram com os constituintes das sentenças analisadas: Agente, Paciente, Tema, Fonte, Meta e Trajetória, os quais foram definidos na seção 5.5. Desses papéis temáticos, alguns foram mais utilizados do que outros. O papel temático Paciente, por exemplo, só ocorreu uma única vez, com o verbo *vazar* significando “abrir vão” na *Construção Transitiva (C1)*, os SNs de todas as demais construções possuem papel temático Tema. Acreditamos que isso se deve ao fato de os verbos de derramamento descreverem um movimento, isto é, o deslocamento de uma substância de caráter fluido, o que faz com que o papel temático Tema seja selecionado mais frequentemente do que o Paciente, tão frequente com outros verbos.

Ainda em relação aos papéis temáticos presentes nas diáteses que compõem a valência dos verbos de derramamento, percebemos em nossos dados, como explicado na seção 5.5 e no capítulo 7, um uso metonímico da “Fonte pelo Tema”. Em sentenças como “O copo derramou” e “Eu entornei a lata toda”, entendemos, devido ao nosso conhecimento de mundo, que o que realmente foi derramado / entornado foram as substâncias que estavam dentro do copo e da lata. Logo, trata-se do uso das entidades que representam a Fonte para fazer referência ao Tema.

Por fim, vale a pena retomar o uso das preposições nos Spreps que ocorreram em nossos dados. Ao apresentarmos as diáteses dos verbos de derramamento, na seção 8.1, percebemos que alguns Spreps que possuem determinados papéis temáticos ocorreram com alguma preposição específica, ao passo que outros ocorrem com mais de uma preposição. Os Spreps que constituem as diáteses dos verbos de derramamento possuem papel temático Fonte, Trajetória ou Meta, sendo que o Sprep Fonte só ocorreu com a preposição *de*, o Sprep Trajetória só ocorreu com a preposição *por* e o Sprep Meta ocorreu com mais de uma preposição, *em*, *sobre* e *para*. Relembremos, brevemente, a título de fechamento dessas considerações, o que foi comentado sobre tais preposições.

A preposição *de*, como vimos na seção 4.2.3, não é semanticamente transparente, podendo ter, dentre outros significados, o de “posse” (Esta blusa é da minha irmã), “material” (Esta mesa é de madeira), “assunto” (Estamos falando do estagiário), “lugar” (Eu sou de Fortaleza) e “fonte” (Ele veio de Fortaleza). Assim, Spreps com essa preposição constaram das diáteses, pois o seu papel temático dependeu do verbo, que é reponsável pela atribuição, conforme explicamos na seção 4.2.3. Como os verbos de derramamento indicam o deslocamento de uma substância fluida de um ponto (Fonte) a outro (Meta) e já que são eles que determinam o papel temático do Sprep caso ele seja constituído de uma preposição

polissêmica como a *de*, todas as vezes que esta preposição ocorreu foi em um Sprep Fonte, o que acreditamos que foi determinado pela semântica dos verbos de derramamento.

Já a preposição *por*, também polissêmica, pode significar, por exemplo, “motivo” (Fiz isso por você) e “trajetória” (Fui pela estrada velha), mas, nesta pesquisa, também devido à semântica dos verbos de derramamento, todos os Spreps constituídos dessa preposição receberam o papel temático Trajetória. Sobre os Spreps Fonte e Trajetória, ambos têm o papel temático atribuído pelo verbo, o que fez com que a presença dos mesmos fosse indispensável nas diáteses, que subclassificam os verbos, conforme posicionamento apresentado em 4.2.3.

Por fim, as preposições *em*, *sobre* e *para* ocorreram com o Sprep Meta. Como o uso de uma preposição em detrimento da outra foi imprevisível, elas não atribuíram papel temático ao Sprep, cabendo tal atribuição ao verbo da sentença. Logo, como o Sprep Meta é governado pelo verbo, ele constou das diáteses dos verbos de derramamento que o selecionam.

Para finalizarmos esta seção, retomemos, por meio da listagem a seguir, os resultados a que chegamos com esta pesquisa:

- Dozes diáteses compõem a valência dos verbos de derramamento;
- Cinco diáteses são prototípicas de derramamento;
- Três diáteses ocorrem apenas com um dos verbos de derramamento em uma acepção diferente da básica;
- Quatro diáteses ocorrem com alguns verbos de derramamento e não com outros;
- Seis papéis temáticos (Agente, Paciente, Tema, Fonte, Meta, Trajetória) ocorrem nas diáteses dos verbos de derramamento;
- Foi detectado, em algumas diáteses dos verbos de derramamento, um uso metonímico da Fonte pelo Tema;
- O SN é sempre Tema, exceto na *Construção Transitiva (C1)*, em que é Paciente;
- Os Spreps podem ser Fonte, Trajetória ou Meta;
- O Sprep Fonte só ocorre com a preposição *de*;
- O Sprep Trajetória só ocorre com a preposição *por*;
- O Sprep Meta ocorre com as preposições *em*, *sobre* e *para*.

9. CONCLUSÕES

Iniciamos esta pesquisa definindo, no capítulo 2, o que é *construção*, *diátese* e *valência*, termos que correspondem a conceitos relevantes para o presente estudo e que, por isso, precisaram ser utilizados a todo momento neste trabalho.

No capítulo 3, fizemos uma revisão de literatura sobre a valência verbal, discutindo as contribuições de alguns gramáticos, dicionaristas e linguistas acerca do assunto. Observamos, neste capítulo, que o estudo contido nas gramáticas tradicionais analisadas, assim como nos dicionários verbais, é bastante limitado e que os linguistas, cujos trabalhos foram levantados nesta pesquisa, apesar de apresentarem contribuições importantes para o estudo da valência verbal, não têm propostas que condizem, em sua totalidade, com o presente estudo.

Em seguida, no capítulo 4, apresentamos a metodologia utilizada na coleta e análise dos dados que compuseram nosso *corpus*. Explicamos que esta pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se na análise de dados da língua portuguesa oral e escrita em uso, não tendo descartado, todavia, dados de introspecção. Também expusemos, nesse capítulo, os critérios que foram observados para o levantamento e descrição das diáteses, apresentando orientações sobre a constituição formal e semântica das diáteses, além de deixarmos claro os recursos gráficos utilizados na análise de nosso *corpus*.

O capítulo 5 foi dedicado a uma reflexão acerca dos papéis temáticos, que, como vimos, são indispensáveis para a descrição das diáteses, que se deu em termos simbólicos. Nesse capítulo, apresentamos uma definição de papéis temáticos, refletimos sobre os problemas que os envolve e, por fim, listamos aqueles que ocorreram em nossos dados. Verificamos que seis papéis temáticos ocorrem com os verbos de derramamento, sendo que eles podem apresentar tanto sentido literal como virtual e, até mesmo, serem usados metonimicamente.

Posteriormente, no capítulo 6, procedemos à definição semântica dos seis verbos de derramamento detectados em nossos dados, afirmando que tais verbos, em pelo menos uma ocorrência da língua portuguesa, possuem, simultaneamente, os seguintes traços de significado: presença de uma substância de caráter fluido; deslocamento dessa substância e acarretamento de mudança de sua forma. Nesse capítulo, afirmamos, ainda, que os verbos de derramamento podem ocorrer com muitas acepções diferentes daquela definida pelos três traços de significado apresentados, o que não impede que eles constituam um grupo de verbos semanticamente comuns.

Passando à análise dos dados, identificamos doze construções nas quais os verbos de derramamento ocorrem, as quais foram definidas no capítulo 7. E, em seguida, no capítulo 8, analisamos sentenças retiradas de nosso *corpus* de modo a levantar as diáteses e, conseqüentemente, a valência, dos verbos em estudo. Observamos, nesse capítulo, que, das doze diáteses identificadas, cinco ocorreram com todos os verbos de derramamento em sua acepção básica, sendo consideradas por nós como diáteses prototípicas de derramamento; que três diáteses ocorreram apenas com um dos verbos analisados e que quatro ocorreram com alguns verbos de derramamento e não com outros. Ainda no capítulo 8, verificamos os papéis temáticos que ocorreram com os SNs e Spreps das diáteses dos verbos de derramamento. Foi possível também apresentar, nesse capítulo, uma breve reflexão sobre a hipótese levantada por Levin (1993) de que verbos semanticamente semelhantes tendem a ter a mesma valência. Considerando que há três traços semânticos que definem os verbos de derramamento e que tais verbos não possuem sempre a mesma valência, constatamos que a relação proposta por Levin não é direta, porém ela não pode ser totalmente desconsiderada, já que foram encontradas cinco diáteses comuns a todos os verbos de derramamento. Com o capítulo 8, que apresenta uma análise dos resultados a que chegamos neste estudo, demos fechamento à nossa pesquisa.

Esperamos que a descrição apresentada possa contribuir, ainda que em pequena parcela, para preencher lacunas referentes às valências verbais do português. Ainda esperamos, conforme considerações de Perini (2008), que trabalhos descritivos como este também forneçam subsídios para a elaboração de teorias mais consistentes, que sejam validadas empiricamente.

REFERÊNCIAS DOS DADOS

A CASA DE RUBEN ALVES. Site sobre o autor Ruben Alves. Só quero um presente... Correio Popular, Caderno C, 09 set. 2001. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/soqueroumpresente.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

ATIBAIA NEWS. Site de notícias. Disponível em: <<http://www.atibaianews.com.br/index2.php>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

CARMANIACS. Fórum de discussão. 04 jan. 2011. Disponível em: <<http://carmaniacs.com.br/forummm/index.php?showtopic=13931&st=40>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

CARO LEITOR. Blog. 12 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.caroleitor.com.br/?p=539>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

CINFORM. Site de Classificados. 24 mar. 2011. Disponível em: <<http://ww2.cinform.com.br/noticias/243201116215417402/chuva+invade+colegio+particular+da+capital.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

CINFORM. Site de Classificados. 24 maio 2011. Disponível em: <<http://ww2.cinform.com.br/noticias/245201115125273925/chuva-inviabiliza-capital-sergipana.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

CITROEN CLUBE DO BRASIL. Fórum de discussão. 23 maio 2009. Disponível em: <www.ccdob.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2011.

CLICRBS PELOTAS. Site sobre a cidade de Pelotas. Pelotas, 11 mar. 2011. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/pelotas/2011/03/11/barragem-santa-barbara-esta-25-metros-abaixo-do-nivel-do-vertedouro>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

CRIS DE CASTRO VILAR. Blog. 28 jun. 2010. Disponível em: <http://crisdecastrovilar.blogspot.com/2010_06_01_archive.html>. Acesso em: 17 fev. 2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS E DE LUBRIFICANTES. Site informativo. 21 mar. 2010. Disponível em: <http://www.fecombustiveis.org.br/index.php?option=com_clipping&task=nota¬aid=11200>. Acesso em: 12 abr. 2011.

FESTLAGOS. Site sobre a programação noturna da cidade de Cabo Frio. Disponível em: <<http://www.festlagos.com.br/Colunas.asp?id=54>>. Acesso em: 11 abr. 2011

INSTITUTO PRÓ-TERRA. Pdf. *Águas e Paisagens Educativas da Bacia-Tietê Jacaré*. 1ª ed. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://institutoproterra.org.br/attach/upload/aguasepaisagenseducativasdabaciatietejacare.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

JORNAL PEQUENO. Site de notícias. São Luís, 2002. 22 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.jornalpequeno.com.br/blog/wellingtonrabello/?p=352>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

LE2.BR.CAMO. Blog. 17 maio 2011. Disponível em: <<http://pibidapolonio.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

MINHA ESCOLA DO CORAÇÃO. Blog. Joinville, 26 maio 2009. Disponível em: <http://gertrudesbentacosta.blogspot.com/2009_06_01_archive.html>. Acesso em: 08 abr. 2011.

MOTO 125CC. Fórum de discussão. 21 abr. 2011. Disponível em: <<http://moto125cc.forumotion.com/t1381-honda-pcx-125-ferreira-dos-santos>>. Acesso em: 12 abr. 2011.p?O-GAGO-1>. Acesso em: 08 abr. 2011.

PASTOR MIGUEL DA VICO. Blog. 10 out. 2008. Disponível em: <<http://pastormigueldavico.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 abr. 2011

PE360GRAUS. Site de notícias. 30 jun. 2011. Disponível em: <<http://pe360graus.globo.com/noticias/cidades/saneamento/2011/06/30/NWS,535426,4,71,noticias,766-loteamento-jaboatao-vive-sob-agua-esgoto-ano-inteiro.aspx>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

PERESTROIKA. Blog. 27 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.perestroika.com.br/?p=1595>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

PIADAS ONLINE. Site de piadas. Disponível em: <<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?O-GAGO-1>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

PORTAL AZ. Portal de notícias. 06 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.portalaz.com.br/noticia/geral/158612>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

PREFEITURA DO RIO GRANDE. Site da Prefeitura do Rio Grande. 11 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/noticias/detalhes+c9731,,fortes-chuvas-provocaram-alagamentos-mas-escoamento-foi-eficiente.html>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

PT DA BAHIA. Site informativo. 28 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.liderancadoptbahia.com/leia.php?id=5322>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

RASO, T. ; MELLO, H. R. . The C-ORAL-BRASIL corpus. In: Moneglia, Massimo; Panunzi, Alessandro. (Org.). *Bootstrapping information from corpora in a crosslinguistic perspective*. 1 ed. Florença: Firenze University Press, 2010, v. 1, p. 193-213.

RECANTO DAS LETRAS. Site educativo. 09 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/infantil/852754>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

RECANTO DAS LETRAS. Site educativo. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2861576>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

RECLAME AQUI. Site de reclamações. 04 out. 2010. Disponível em: <<http://www.reclameaqui.com.br/796298/ge-eletrodomesticos/defeito-em-produto-pela-terceira-vez-nao-ha-providencia-por/>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

RECLAME AQUI: Site de reclamações. Disponível em: <<http://www.reclameaqui.com.br/1825870/lifan-motors/lifan-620-vicio-oculto>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

ROBERTS, Nora; *Lealdade Mortal*, Bertrand Brasil, 2008. In: PROJETO DEMOCRATIZAÇÃO DA LINGUAGEM. Site. Disponível em: <<http://dc203.4shared.com/doc/lmcjgyo9/preview.html>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

SBT JORNALISMO. Site de notícias. 02 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/?c=4470&t=Agua+contaminada+por+radiacao+vaza+para+o+oceano+pacifico>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

SEJA LÍDER. Site de autoajuda. Disponível em: <<http://www.sejalider.com.br/?p=1182>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

SUPER. Site da revista Superinteressante. O mundo de cada um. São Paulo: Editora Abril.abr. 1990. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ecologia/dia-terra-mundo-cada-um-439401.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

TRIBUNA DO NORTE. Site de notícias. Natal, 26 fev. 2009. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/print.php?not_id=101990>. Acesso em: 16 jun. 2011.

TUDO GOSTOSO. Site de receitas. Disponível em: <<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/23327-bolo-pratico-de-chocolate-e-coco.html>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 23 jul. 2008. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 15/03/2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 07 jul. 2000. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 02 nov. 2003. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 29 maio 2001. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 01 maio 2000. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 18 mar. 2002. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 17 mar. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 23 mar. 2001. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2011.

UAI. Portal de notícias do jornal Estado de Minas. 13 abr. 2001. Disponível em: <www.uai.com.br>. Acesso em: 17 mar. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Projeto Norma Lingüística Urbana Culta*. Rio de Janeiro, 03 nov. 1971. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/did/did_11.htm>. Acesso em: 10 maio 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Projeto Norma Lingüística Urbana Culta*. Rio de Janeiro. 03 nov. 1971. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/did/did_9.htm>. Acesso em: 10 maio 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 13 set. 1995. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 09 abr. 1997. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 23 set. 1998. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/230998/p_095.html>. Acesso em: 24 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 19 jul. 2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/190700/p_090.html>. Acesso em: 24 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 16 out. 2002. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/161002/p_052.html>. Acesso em: 25 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. nov. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/natal_digital_2005/p_040.html>. Acesso em: 25 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 27 set. 2006. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/270906/entrevista.html>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 02 ago. 2006. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 10 out. 2007. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 31 maio, 1995. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

VEJA.COM. Site da revista Veja. São Paulo: Editora Abril. 12 ago. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

WESSEL. Site de compras. Disponível em: <<http://www.wessel.com.br/Produtos/Detalhes/73>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

YAHOO RESPOSTAS. Lista de discussão. 31 mar. 2009. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110326053215AAfqXMX>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLERTON, R. C. Estructuras sintácticas transitivas em el español actual. Gredos: Madrid, 1981.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário Gramatical de Verbos*. Editora Unesp: São Paulo: 1990.

CABRERA, Juan C. Moreno. *On the relationships between grammaticalization and lexicalization*. In: RAMAT, Ana G; HOPPER, Paul J. (org.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, 1998. p. 211-228.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 111-125.

CANÇADO. Márcia. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA- Revista de Linguística*, volume 53, número 1, 2009, p. 35-59.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 37ª ed. Editora Nacional: São Paulo, 1994, p. 544.

COZBY, Paul C. Observação do Comportamento. In: *Métodos de Pesquisa em Ciência do Comportamento*. Editora Atlas: São Paulo, 2009.

CULICOVER, P. W. & JACKENDOFF, R. S. *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford university Press, 2005.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. saraRio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2001. p. 516-540.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, 67, 3, 1991.p. 547-619,
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FILLMORE, C. J. “The Grammar of *Hitting* and *Breaking*”. In: Jacobs and P. Roseanbaum, eds. 1967. p. 120-133.

GUERSSEL, M. K.; HALE, M.; LAUGHREN, B.; and J. White Eagle. "A cross-Linguistic Study of Transitivity Alternations," *Papers from the Parasession on Causatives and Agentivity*, CLS 21, Part 2, Chicago, IL, 1985. p. 48-63.

HALE, K. L. and S. J. Keyser. "Some Transitivity Alternations in Englis," Lexicon Project Working Paper 7, Center for Cognitive Science, MIT, Cambridge, MA.

HALE, K. L. and S. Keyser. "A View from the Middle," Lexicon Project Working Papers 10, Center for Cognitive Science, MIT, Cambridge, MA.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. The University of Chicago: Chicago, 1995.

JACKENDOFF, R. S. *Semantic Structures*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations: A preliminary Investigation*. The University of Chicago Press: London. 1993. p. 14; 115-116; 237-238.

LOPES, Edward. *Metáfora; da retórica à Semiótica*. São Paulo: Atual, 1986.

LANGACKER, R. W. *Foudations of Cognitive Grammar*. Vol. II: *Descriptive Application*. Standford:Standford University Press, 1991.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 8 ed. Editora Ática: São Paulo, 2003.

MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva: baseada nas doutrinas modernas*. 12 ed. Rio de Janeiro: F. Alves. 1931. p. 135-148.

MARTELOTTA, Mário E; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário E; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura (org.). *Gramaticalização no Português do Brasil; uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 45-76.

PERINI, Mário Alberto. *Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais*. Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, M. A.; OTHERO, G. A. Córpus, introspecção e o objeto da descrição gramatical. *Revista Signo*, v. 35, n. 59, 2010.

PERINI, Mário Alberto. *O papel temático: Relação Cognitiva e Instrumento de Descrição*. Em elaboração.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. “*Buscar Menino no Colégio*”: a questão do objeto incorporado em português. Pontes: Campianan, SP, 1997.

TESNIÈRE, L. *Eléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1959,